

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano
Mestrado e Doutorado

**A COMUNICAÇÃO ENTRE CRIANÇAS, PAIS E TREINADORES NA
ESCOLINHA ESPORTIVA DE BASQUETEBOL, EM AULAS E
EVENTOS ESPORTIVOS**

por
Marisa Mendes Götze

Porto Alegre, abril de 2002

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano
Mestrado e Doutorado

**A COMUNICAÇÃO ENTRE CRIANÇAS, PAIS E TREINADORES NA ESCOLINHA
ESPORTIVA DE BASQUETEBOL, EM AULAS E EVENTOS ESPORTIVOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Benno Becker Júnior

Marisa Mendes Götze

Porto Alegre, abril de 2002

*Para Eugenio, Fernanda, Felipe,
Marcelo e André por compreenderem
minha ausência.*

*Agradeço poder dar aos meus pais e
irmã, Edar, Zaida e Marília, a alegria de
verem meu crescimento profissional.*

*Ao professor Dr. Benno Becker Jr.,
por despertar-me o gosto pela pesquisa,
pela confiança, pela orientação, meu
especial reconhecimento.*

Para pensar:

“O que diferencia e distancia o adulto da criança não é apenas a idade e o tamanho; talvez, a maior diferença e a maior distância aconteçam na maneira de ver a realidade e de viver a própria vida. A vida do adulto é marcada pela seriedade, pela dedicação às atividades, produtivas pela valorização dos resultados, pela transformação dos objetos em instrumentos e pela mudança do sistema simbólico por relações econômicas. A vida da criança está entregue a sua imaginação. e sentido de maneira sempre no reino do brinquedo, sem preocupações de resultados e, muito menos, de planejamentos” (Santin, 1996, p.21).

AGRADECIMENTOS

Ao Diretor da Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Felix da Cunha” (Pelotas), Professor Leandro Vargas, por ter compreendido a minha saída para o Mestrado e ter me incentivado nessa caminhada.

A Exma. Sra. Secretária de Educação do Estado, Professora Lúcia Camini que viabilizou a Licença de Qualificação Profissional.

A Exma. Sra. Secretária Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre, Professora Rejane Penna Rodrigues.

Ao Prof. Dr. Vicente Molina Neto Coordenador do Programa de Pós-Graduação pela oportunidade de ter sido sua aluna.

Ao Prof. Dr. Airton Negrine pela importante contribuição como relator do meu projeto.

Ao Prof. Dr. Silvino Santin pela amizade e dedicação.

Aos Professores Doutores do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, por tudo que aprendi: Adroaldo Gaya, Élio Carravetta, Francisco Xavier de Vargas Neto, Francisco Camargo Netto, Silvana Goellner, Benno Becker Jr. e Ricardo Petersen.

Aos Professores Doutores: Alberto Reppold Filho e Mário Generosi Brauner pelo apoio no Estágio Docente.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, pelas trocas de experiências.

A todos os professores da Escola de Educação Física da UFRGS que de uma maneira ou de outra contribuíram para realização deste estudo.

Aos Funcionários da Escola de Educação Física da UFRGS, pela atenção que dispensaram.

Aos Funcionários do Programa de Pós-Graduação pelo carinho e competência: Márcio, Rosane e Ana.

Ao pessoal da Biblioteca pela atenção que sempre recebi.

Aos meus alunos do Estágio Docente ESEF/UFRGS e aos alunos da ULBRA pelo carinho e gratificação nesta caminhada.

A Secretaria de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre por permitir o estudo em uma de suas Unidades Recreativas.

Aos nossos colaboradores: crianças, pais e treinadores sem eles o estudo não teria acontecido.

A amiga Mara Salazar Machado, minha eterna gratidão.

A Direção e ao grupo de professores da Universidade Luterana do Brasil, ao qual faço parte atualmente, pelo carinho e amizade.

Ao Prof. Dr. José Édil pela dedicação na correção do que escrevi.

Ao CNPq, meu agradecimento pelo auxílio financeiro, para a viabilização desta investigação, pois sem o mesmo, não seria possível continuar os estudos.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar e interpretar como ocorre a comunicação entre as crianças, os pais e os treinadores em aulas e eventos esportivos de uma escolinha de basquetebol da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre. Para o desenvolvimento da investigação, foram utilizados os princípios metodológicos que orientam a pesquisa qualitativa, sendo um estudo do tipo etnográfico. Como instrumento de coleta de informações foram utilizadas, as observações, entrevista semi-estruturada, diário de campo e análise de documentos. A análise e interpretação das informações foram realizadas a partir das seguintes categorias de análise: Comunicação entre crianças e pais sobre motivos que levam a criança a aderir à escolinha esportiva de basquetebol, comunicação entre pais e treinadores sobre a proposta da escolinha e comunicação entre as crianças, os pais e o treinador, nas aulas e nos eventos esportivos. Os motivos que levam os pais a colocarem seus filhos na escolinha esportiva são muitas vezes divergentes dos desejos das crianças. Foi notado que a maioria dos pais quando perguntados sobre a proposta pedagógica da escolinha esportiva desconheciam esta proposta da Secretaria Municipal de esportes, recreação e lazer de Porto Alegre. Para os treinadores a sua comunicação com os pais ocorre antes de um evento marcante. A comunicação dos treinadores que foram observados em aulas era coerente também nos eventos com a proposta pedagógica que orientava o programa de iniciação esportiva; porém, isso não ocorria com todos os treinadores que participavam dos eventos. Foi visto que esta atitude demonstra que está havendo uma mensagem ambígua na comunicação de alguns treinadores que em dias de eventos não atendem a proposta a ser seguida do esporte-participação tendo finalidades divergentes ao participar dos mesmos. Ao chegarmos nesse momento da investigação, podemos dizer que através da análise das informações que fizemos, ficou evidente que no programa não existe um assessoramento aos pais e que os poucos momentos que acontecem são reuniões antes de um evento marcante. Como contribuição da pesquisa, ficamos com a certeza de que o programa de iniciação esportiva de basquetebol deveria incluir em seu trabalho um projeto efetivo de assessoramento às crianças e aos pais, sendo estendido a todos os treinadores que participam dos eventos esportivos promovidos pelo programa. Essa atitude provavelmente contribuiria para que ocorresse uma otimização na comunicação entre todos os segmentos que participaram do estudo.

ABSTRACT

This study had as its main purpose the analysis and interpretation of the means by which communication between children, parents and trainers occurs in classes and sporting events of the basketball school of the Porto Alegre County Secretariat of Sports, Recreation and Leisure. For the development of the research the methodological principles that guide a qualitative research were used, being a study of the ethnographic type. As an instrument to collect information, visual observation, semi-structuralized interviews, field journals and document analysis were used. The analysis and interpretation of the information was carried through the following categories of analysis: communication between children and parents about the reasons that lead the child to adhere to basketball sporting school; communication between parents and trainers about the purpose of the school; and communication between the children, parents and trainer in classes and sporting events. The reasons that lead parents to place their children in the sporting school many times diverge from the desires of the children. It was noticed that most parents, when asked about the pedagogical goals of the sporting school were unaware of the goal of the Secretariat. *For the trainers, their communication with the parents occurs before an important event.* The communication of trainers, who were observed in classes, was coherent also in events with the pedagogical goal that was orienting the sporting initiation program of the Secretariat; however, this did not occur with all trainers who participated in the events. It was noticed that this attitude demonstrates that there is an ambiguous message in the communication of some trainers, who in days of events, do not take into consideration the purpose of sporting-participation that has to be followed. On arriving at this point of the inquiry, we can say - based on information analysis that we made - that it was evident that in the program there was no advising to the parents and that the few moments when this happens are meetings before an important event. As a contribution of the research, we had the certainty that the basketball sporting initiation program should include in its work an effective project of advising children and parents, being extended to all trainers who participate of the sporting events promoted by the program. This attitude would probably contribute to optimize the communication between all segments that participated on the study.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
SUMÁRIO	IX
LISTA DE QUADROS	XI
LISTA DE ANEXOS	XII
1 INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.1 HISTÓRIA PRÉVIA	1
1.2 APROXIMAÇÃO DO PROBLEMA	2
2 REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1 COMUNICAÇÃO	5
2.1.1 <i>Princípios do Reforço:</i>	12
2.1.1.1 <i>Treinador e a comunicação: intervenções</i>	13
2.2 DESPORTO.....	14
2.2.1. <i>O contexto estudado: a escolinha esportiva de basquetebol da SME</i>	20
2.3 AS CRIANÇAS: UM PASSEIO PELA HISTÓRIA	22
2.3.1 <i>A criança: na concepção de Helen Bee, Erikson e Osterrieth</i>	24
2.3.2 <i>Crianças e as práticas desportivas</i>	28
2.4 PAIS E TREINADORES NA VISÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE.....	40
2.4.1 <i>Os familiares da criança no esporte</i>	42
2.4.2 <i>Os Treinadores</i>	46
2.4.2.1 <i>Estilos de lideranças de treinadores</i>	49
2.5 MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA ESPORTIVA.....	50
2.5.1 <i>Estudos sobre motivação</i>	53

3 DECISÕES METODOLÓGICAS.....	56
3.1 FASES DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO	60
3.1.1 <i>Seleção dos participantes.....</i>	62
3.1.2 <i>Definição das técnicas para coleta de informações</i>	64
3.1.2.1 <i>Definição e elaboração dos instrumentos.....</i>	64
3.1.3 <i>Negociação de acesso</i>	69
3.1.4 <i>Estudo preliminar</i>	71
3.1.4.1 <i>Coleta de informações do estudo preliminar.....</i>	72
3.1.5 <i>Estudo propriamente dito.....</i>	78
3.1.5.1 <i>Coleta de informações do estudo propriamente dito.....</i>	79
3.1.5.2 <i>Registro de Observações e Diário de Campo.....</i>	79
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES:	84
4.1 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	84
5 CONCLUSÕES	125
BIBLIOGRAFIA.....	127
ANEXOS	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases do processo de investigação	60
Quadro 2 - Síntese das observações do estudo preliminar	77
Quadro 3 - Entrevistas do estudo preliminar.....	77
Quadro 4 - Observações do estudo propriamente dito	80
Quadro 5 - Entrevistas dos familiares no estudo preliminar e estudo propriamente dito (o nome dos colaboradores é fictício).....	82
Quadro 6 - Entrevistas das crianças no estudo preliminar e estudo propriamente dito (o nome dos colaboradores é fictício)	82
Quadro 7 - Entrevistas dos treinadores no estudo preliminar e estudo propriamente dito (o nome dos colaboradores é fictício).....	83
Quadro 8 - Quadro resumo dos motivos que levam os pais e as crianças a buscarem a escolinha de basquetebol.....	94

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Diretrizes Pedagógicas 2000	136
Anexo 2 – Observação de Aula.....	139
Anexo 3 - Entrevistas	141
Anexo 4 - Unidades de Significado	144
Anexo 5 - Entrevista com os treinadores	150
Anexo 6 - Entrevista com as crianças	153
Anexo 7 - Entrevista com os pais.....	154
Anexo 8 – Carta de Apresentação.....	157
Anexo 9 - Unidades Recreativas (Praças e Parques)	158
Anexo 10 – Autorização.....	160
Anexo 11 – Fotos do Estudo	161
Anexo 12 – Mapa das Unidades Recreativas.....	163

1 INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

1.1 HISTÓRIA PRÉVIA

Ocupamos este espaço do trabalho para descrevermos um pouco da nossa caminhada como professora de Educação Física, em Escola Pública, muitas vezes de periferia, em cidade do interior, onde as dificuldades na área de trabalho escolhido são muitas, onde há pouco recurso, embora seja grande à vontade de produzir o máximo nas aulas.

Chegou um momento em que não nos contentávamos mais com o que trazíamos da Graduação e esse descontentamento motivou-nos a buscar novos conhecimentos que preenchessem os vazios deixados.

Assim, ingressamos na Especialização em Psicologia do Esporte e Exercício, em 1998, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o que consideramos a porta de entrada neste mundo fascinante do conhecimento e da pesquisa. O referido Curso foi à luz para continuar uma caminhada que ainda está sendo realizada.

Os temas polêmicos propostos e discutidos com os professores, desde quando iniciamos a Especialização, foi o incentivo para que prosseguíssemos ainda com mais dedicação aos estudos.

Mais uma vez uma nova porta abriu-se com a entrada para o Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano.

O interesse pelo tema surgiu e aos poucos foi tomando forma de um projeto de pesquisa que se tornou realidade, e passamos a nos preocupar com o local onde realizaríamos o estudo.

As opções foram muitas, pois o esporte infantil ocupa vários espaços na cidade; essa escolha teve características muito pessoais, pois além do desempenho no estudo, havia a preocupação de mãe de deixar um filho pré-adolescente sozinho em casa, enquanto cumpríamos o compromisso de realizar as disciplinas do mestrado.

Decidimos que seria interessante ele praticar uma atividade esportiva e, como não conhecíamos a cidade, conseguimos com os colegas do Mestrado o endereço de alguns lugares que ofereciam escolinhas esportivas para a comunidade. Fomos até um desses locais e matriculamos o filho na escolinha de basquetebol.

A partir daí passamos a assistir as aulas e percebemos que havia um programa diferenciado com aquela escolinha. A intervenção do professor era mais marcante, caracterizando uma estrutura de aula de Educação Física. Olhamos este trabalho com interesse e curiosidade. E foi com essa curiosidade que nos decidimos pelo referido local e, a partir desse momento, foi iniciado todo o processo de negociação de acesso à Unidade Recreativa.

O filho deixou de praticar basquetebol antes de terminarmos o estudo e ficamos a lição de que toda a pesquisa realizada traz implícita, de uma forma ou de outra, parte de nossa história de vida.

A escolinha que escolhemos para realizar o estudo é do tipo oferecida à comunidade de Porto Alegre, e acreditamos que uma pesquisa nesse local seria relevante do ponto de vista social. Embora não seja nossa intenção generalizar informações, pretendemos contribuir com o conhecimento alcançado no decorrer do processo para ser útil a quantos se interessam pelo assunto.

1.2 APROXIMAÇÃO DO PROBLEMA

É grande o número de crianças que iniciam todos os dias alguma atividade esportiva. Essa iniciação ocorre muitas vezes na escola e se complementa em escolinhas esportivas, no geral localizada em um clube esportivo, escola particular ou centro comunitário.

As escolinhas estão distribuídas por vários pontos da cidade, cada uma com sua especificidade. São coordenadas ou dirigidas por professores de Educação Física,

acadêmicos de Educação Física ou ex-atletas (BECKER JR. 2000a). Surgem, aumentando o campo de trabalho para essas pessoas que estão envolvidas no esporte. Entre os objetivos que desejam alcançar, estão, ensinar uma modalidade esportiva ou aperfeiçoá-la, compor uma equipe para participar de campeonatos ou ainda oportunizar a uma comunidade que não tenha como pagar um clube esportivo o direito de praticar um esporte.

As escolinhas esportivas são uma maneira de ocupar o tempo livre das crianças que ficam dentro de casa sem poder brincar na rua. Com o aumento desenfreado das cidades, principalmente num grande centro, acabaram-se as brincadeiras de rua, os “campinhos” que havia nas cidades antigamente; e as crianças foram ficando cada vez mais dentro de casa. Por sua parte, os pais estão mais ocupados com horas de trabalho e as mães, que ficavam em casa com os filhos, hoje estão fazendo parte do mercado de trabalho e são, muitas vezes, responsáveis pelo orçamento familiar. Sendo assim, as crianças foram ficando mais e mais sozinhas.

Desse modo, as escolinhas esportivas passaram a ser alternativas para esses pais deixarem seus filhos ocuparem as horas livres, aprendendo alguma modalidade esportiva ou até mesmo servindo de lugar para deixá-las quando eles têm algum compromisso social ou profissional (BECKER JR., 2000a).

Com a intenção de fazer reflexões sobre a temática proposta, configurou-se a investigação, tendo sido formulado o seguinte problema que serviu de fio condutor ao trabalho realizado:

Como ocorre a comunicação entre, as crianças, os pais, e os treinadores¹ de uma escolinha esportiva de Basquetebol da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre², durante as aulas e os eventos esportivos?

¹ Treinadores ou professores: neste trabalho, quando estivermos nos referindo a treinadores ou professores, tratamos daqueles que dão aulas nas escolinhas esportivas, tanto Licenciados em Educação Física como acadêmicos. Utilizamos a palavra treinador por esse ser um termo mais referenciado na Psicologia do Esporte.

²SME: Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer de Porto Alegre: usaremos no decorrer do trabalho a sigla SME, quando nos referirmos a esta Secretaria.

Buscando respostas ao problema proposto, estabeleceram-se os seguintes objetivos:

- Verificar a comunicação entre as crianças e os pais, em relação aos motivos que os levam a buscar a escolinha esportiva de Basquetebol da SME.
- Verificar a comunicação entre os pais e os treinadores em relação à proposta da escolinha esportiva de Basquetebol da SME.
- Verificar a comunicação entre as crianças, pais e treinadores da escolinha esportiva de Basquetebol da SME, durante as aulas e os eventos esportivos.

Todo o estudo de natureza científica exige uma definição operacional de termos, uma vez que muitas palavras não possuem um significado unívoco e preciso, apresentando variações de um contexto a outro.

Considerando que o termo comunicação entre a tríade crianças, pais e treinadores são o tema principal neste estudo, torna-se conveniente defini-lo. Assim, neste trabalho o termo comunicação significa: Comunicar-se é se fazer presente na sociedade e ela é feita com todos os tipos de informações pela transmissão de mensagens (RECTOR e TRINTA 1993).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 COMUNICAÇÃO

A linguagem é o que diferencia o homem dos outros animais e sem a linguagem seria para ele impossível demonstrar sua cultura, sua história ou ser o que ele é. A pesquisa em comunicação custou a se desenvolver, porque era considerada uma disciplina pouco respeitável do ponto de vista científico. A mesma resulta de cinco diferentes áreas: a psicologia, a psiquiatria, a antropologia, a sociologia e a etologia (estudo do comportamento social e individual dos animais), que diante de suas especificidades estudaram a comunicação humana. (DAVIS, 1979).

Através da comunicação são compartilhados modos de vida, pensamentos, atitudes e comportamentos que podem ser feitos por meio de uma linguagem na forma verbal de acordo com cada pessoa, cultura e classe social (DEL PRETTE, 1999). Ao se referir à comunicação na sociedade essa mesma autora diz que ela é responsável pela formação de extensas redes de trocas sociais que são capazes de dar continuação a uma cultura ou modificar a realidade social.

A maioria das pessoas ocupa seu tempo com interações sociais e mesmo aquelas que vivem mais sozinhas sentem necessidade de ter esses contatos com colegas ou pessoas amigas. Para que essas interações ocorram de maneira efetiva dependem da comunicação entre essas pessoas. (DEL PRETTE, 1999).

Na linha dessa mesma autora pode-se dizer que: "*Uma mensagem é uma unidade do processo de comunicação. Uma série de mensagens intercambiadas é uma interação, sendo necessárias pelo menos duas pessoas para que ela ocorra*" (RECTOR e TRINTA 1993. P.8).

A comunicação verbal, utilizada no cotidiano ou fora dele possui signos que regulam o intercâmbio verbal e possibilitam a compreensão do que é falado. (DAVIS, 1979), citando George du Maurier, afirma que "*a linguagem é uma coisa muito pobre. Você enche os pulmões de ar, vibra uma pequena ranhadura na garganta, mexe a boca e isso agita o ar. Este, por sua vez, mexe com um par de pequenas membranas na cabeça do próximo, cujo cérebro capta toscamente a mensagem.*"(p. 22). Porém, as palavras não são tudo. Elas são apenas o início e, segundo a citada autora, existe um solo firme além das palavras em que se constroem as relações humanas que é a comunicação não-verbal".

Para Del Prette, 1999, a comunicação verbal pode estar presente ou não quando nos comunicamos, enquanto que a comunicação não-verbal está sempre presente e, segundo essa autora, são utilizados 65% de componentes não-verbais, e 35% de verbais, quando alguém se comunica.

A criança, mesmo antes de falar, utiliza-se de formas não-verbais de comunicação; antes de aprender a falar a sua comunicação se faz por intermédio de seu corpo; no entanto, no momento que há manifestações da fala, essas mensagens corporais são deixadas de lado pelas pessoas que cercam a criança, como se elas não mais existissem. É através de duas maneiras que ocorre a comunicação: a comunicação interpessoal e a comunicação intrapessoal (DAVIS, 1979).

Na comunicação interpessoal o ser humano entra em contato com outras pessoas, sendo uma comunicação externa, enquanto que pela comunicação intrapessoal o ser humano entra em contato consigo mesmo, sendo uma comunicação interna (BECKER JR., 2000a).

Quando envolve pelo menos duas pessoas, ocorre a comunicação interpessoal, possibilitando uma troca significativa. A comunicação interpessoal envolve a comunicação não-verbal, ou indícios não-verbais que são manifestados através de gestos realizados pelas pessoas. A comunicação intrapessoal também é importante, porque é uma maneira de alguém falar mesmo e geralmente ajuda a moldar ou prever a maneira como atuamos (WEINBERG E GOULD, 2001).

Conforme Rector e Trinta, (1993) o comportamento da expressão do ser humano não se limita aos gestos, a postura ou movimentos que o corpo ofereça. E a interação social tem situações definidas por características culturais. Isto ocorre através das normas que regem o comportamento de uma sociedade.

O comportamento não-verbal não apenas se ajusta à expressão lingüística, como também revela a expressão de intenções e o estado afetivo das pessoas. Ela incide sobre as relações interpessoais, regulando a interação e proporcionando o contraste de atitudes e personalidades individuais. Com o movimento de seu corpo, o homem expressa sua emoção de maneira tão evidente que não tem como disfarçá-los verbalmente. Confirmando isto: *“O gesto é, portanto, uma ação corporal visível pela qual um certo significado é transmitido por meio de expressão voluntária”* (RECTOR e TRINTA 1993. P.23).

Todos esses gestos têm grande influência nas pessoas que se envolvem no contexto do esporte.

Segundo Becker Jr. (2000a), no esporte há muitas expressões feitas com o corpo como: aplaudir, elevar o polegar, apertar as mãos. Segundo o autor o treinador precisa ter boa comunicação com seus atletas. O conteúdo verbal de sua fala deve estar de acordo com a sua linguagem corporal. Se isso não ocorrer é certo que estará acontecendo uma comunicação ambígua que irá prejudicar as interações entre o treinador e os atletas, pois essa será logo percebida. A mensagem da área verbal será anulada pela não verbal.

Concordando com o que disse o autor anterior, Weinberg e Gould (2001) referiram-se dessa forma a comunicação não-verbal.

“Mensagens não-verbais são mais difícil de esconder e controlar conscientemente do que as mensagens verbais; portanto, elas muitas vezes são indicadores precisos de como uma pessoa se sente” (WEINBERG e GOLUD, 2001. p.231).

Para Weinberg e Gould (2001), provavelmente o que ocorre com as mensagens não-verbais não estejam sob o nosso controle consciente, revelando nossas atitudes e sentimentos, por isso se torna difícil escondê-las.

Para o ser humano se comunicar com seus semelhantes, ele utiliza zonas de comunicação que são chamadas de proxêmica; sendo assim, o ser humano ao se comunicar fica próximo ou distante de quem está falando. (BECKER JR., 2000 a).

Existem, segundo este autor, distâncias básicas para as pessoas se comunicar que são:

a) **Zona pública** (20 metros): esta zona de comunicação muitas vezes é utilizada para as pessoas que falam para grupos, ministrando aulas, conferências ou discursos, como os realizados pelos políticos. No contexto esportivo é utilizado pelos treinadores de alto nível ou quando tem de dar entrevistas à imprensa.

b) **Zona social** (4-12 metros): geralmente é utilizada para as pessoas se comunicarem na realização de negócios, encontros formais ou decisões políticas. No contexto esportivo é utilizada pelos treinadores, quando desejam falar de seus planos, bem como de seus objetivos ao iniciar uma temporada ou jogo.

c) **Zona pessoal** (1,5 a 4 metros): é utilizada, quando nos comunicamos com um amigo ou grupos de conhecidos. No caso do esporte o treinador poderá utilizá-la, quando a equipe está passando por um momento difícil e ele precisa resolver uma situação onde haja uma maior concentração.

d) **Zona Íntima** (0 a 20 centímetros): geralmente é utilizada, quando existe intimidade entre as pessoas. No esporte ela é usada em momentos de emoção, podendo ocorrer em instantes de prazer ou de dor.

Além das distâncias básicas que as pessoas utilizam para se comunicar uma das formas não-verbais, segundo Weinberg e Gould (2001):

a) **Aparência Física**: o estilo das roupas e cabelo poderá transmitir informações importantes sobre as pessoas.

b) **Postura**: a forma de comportamento envia mensagens do que estamos sentindo.

c) **O toque**: é uma forma de comunicação não-verbal que serve para acalmar e expressar afeto.

Becker Jr (2000), ao se referir à forma de comunicação não-verbal, diz que: O toque físico constitui uma das formas mais potentes de comunicação e pode significar que as pessoas que se tocam se identificam. Em momentos que a equipe se encontrar em dificuldades, o apoio do líder, através de um gesto, ajudará e certamente este receberá de seus atletas o mesmo apoio, quando for necessário. É preciso compreender que, se não se acreditar nesses valores, se correrá o risco de falhar no apoio educativo aos desportistas e na preparação do indivíduo, quando estiver fora do esporte.

d) **Os gestos**: através deles as pessoas transmitem mensagens, mesmo que não percebam. No contexto esportivo freqüentemente os técnicos se expressam através dos gestos.

e) **Expressão facial**: o rosto é a parte mais expressiva do corpo das pessoas. O sorriso é uma poderosa fonte de comunicação, pois atravessa a barreira da linguagem, podendo ser um convite à comunicação verbal. Quando conversamos com uma pessoa, prestamos atenção nas expressões faciais e no seu contato ocular. O contato ocular expressa muitas vezes nossos sentimentos, bem como manifesta se estamos interessados na pessoa que está falando conosco. Confirmando as idéias de Weinberg e Gould (2001), podemos dizer que: *“O contato visual direto é um sinal de que cada um tem a atenção da outra e de alguma forma subsequente de interação”* (MILLER, 1978. p.251).

Complementando a comunicação, outro componente importante é a pára-linguagem (DAVIS, 1979). São todos os componentes verbais da fala.

Concordando com estes autores quanto à maneira como se fala, Weinberg e Gould (2001) dizem que a qualidade da voz trai os sentimentos, o estado de humor, declarando verdadeiramente o que estamos sentindo e que não queremos, muitas vezes, declarar verbalmente.

A seguir Becker Jr. (2002) refere-se aos componentes da fala:

- Tom de voz (baixo, médio ou alto);
- Ritmo (velocidade de verbalização);
- Timbre de voz (fino, médio ou grosso);
- Alternâncias da fala (pausa, silêncios, etc.).

Para este autor, no contexto esportivo os treinadores muitas vezes gritam durante as competições e os treinamentos, atribuindo essas causas à distância em que se encontram de seus atletas.

Tivemos ocasião de verificar isso por parte de um familiar de um garoto que atuava na escolinha; a pessoa estava ao nosso lado, assistindo simultaneamente o jogo de basquetebol e o jogo de futsal. No jogo de futsal, o técnico gritava com as crianças, e o familiar, ao ser perguntado como percebia da conduta daquele treinador, disse: *“Técnico tem que gritar com os jogadores, porque todos os técnicos gritam³”*. Interpretamos as palavras dessa pessoa como sendo atitudes que elas vêm através da mídia: de tanto serem repetidas, acabam por serem vistas como normais, mesmo estando erradas.

Becker Jr. (2002) confirma isto, quando relata que, mesmo nos esportes que o treinador fica próximo de seus atletas, eles continuam gritando. Tal conduta leva a uma perda de energia inútil, e a comunicação fica prejudicada.

“O grito leva o atleta inconscientemente a proteger-se, contraindo a musculatura corporal como uma espécie de armadura e rejeitar o conteúdo que está embutido nessa expressão emocional” (BECKER JR., 2000a p. 92).

Conhecer a pára-linguagem e como usá-la é importante para que o treinador não prejudique, com sua conduta, a comunicação com o grupo.

Uma componente importante na comunicação é a escuta ativa. Quando ouvimos alguém, utilizamos a nossa comunicação não-verbal que é o contato ocular direto e formas de acenar para demonstrar que estamos interessados no assunto que estamos escutando (WEINBERG e GOULD, 2001).

Para esses autores, ouvir significa receber sons e não significa que nós estejamos prestando atenção no que a pessoa está falando; o escutar, sim, é um processo ativo. Escutar requer um processo mental que podemos desenvolver, se quisermos.

“O escutar ativamente aumenta a comunicação porque o orador sente que está sendo ouvido, compreendido e recebendo feedback apropriado” (WEINBERG e GOULD, 2001. p. 233).

A comunicação entre duas pessoas ou mais requer esforços e habilidades de ambas as partes. Os ruídos na comunicação podem ser resultados de falhas do orador ou do ouvinte.

Muitas vezes a comunicação ineficaz pode ser causada por mensagens ambíguas que são dadas através da fala verbal, mas que não condiz com a nossa mensagem corporal. Quando nos comunicamos com outras pessoas é importante enviarmos mensagens efetivas⁴, tanto verbais como não verbais, pois através da comunicação efetiva resultam em interações positivas.

Segundo Rector e Trinta (1993), quando nos referimos à comunicação não-verbal parece que ela é vista como um complemento do processo de comunicação. Mas o que ocorre, segundo esses autores, é que, quando nos comunicamos, ouvimos a nós mesmos como ouvimos os outros, mas não nos vimos. E, segundo eles, essas duas formas de nos comunicarmos não ocorrem dissociadas uma da outra, elas fazem parte da linguagem, a comunicação verbal pela lingüística e a comunicação não-verbal pelos significados da expressão corporal das pessoas.

Estudos de Mehrabian apud Becker Jr. (2000a), ressaltam que as mensagens feitas através da fala têm nos componentes verbais 7%, alternâncias vocais 38% e expressões faciais 55%. Como podemos observar, a maioria das mensagens é transmitida através da área não-verbal. Existem outras formas de nos comunicarmos que não apenas a linguagem verbal, como nos diz este autor: *“A linguagem é obviamente essencial aos seres humanos, mas não nos conta a história toda da comunicação humana”* (MILLER, 1978, p.248).

Existe um tipo de comunicação que podemos obter através das imagens televisivas; a ela chamamos de comunicação não-verbal. As crianças, quando inseridas em uma determinada cultura, aprendem certas coisas que não precisam ser passadas por escrito ou ensinadas conscienciosamente, e isso se dá através de uma linguagem não-verbal, vindo a internalizá-las como se não existisse outra possibilidade.

Para que uma comunicação ocorra de forma positiva ela precisa ser orientada por princípios que poderão ser chamados:

³ Conversa com um familiar de uma criança durante uma observação de aula: dia 24-11-00.

⁴ As mensagens efetivas, segundo Weinberg e Gould (2001), refere-se às mensagens eficazes que ocorrem na comunicação entre as pessoas.

2.1.1 Princípios do Reforço:

As pessoas necessitam receber *feedback* de suas ações, quando estão realizando uma atividade. Levando-se para a prática esportiva, para que se crie um ambiente que promova o prazer no crescimento, domínio das habilidades e capacidades, os profissionais do esporte investem em técnicas de motivação que são baseadas nos princípios do reforço.

As mudanças de comportamento podem ser influenciadas pelo reforço que é dado a pessoa. Se alguma coisa que essa pessoa fizer tiver uma conseqüência boa, então ela tenderá a repetir esse comportamento para receber conseqüências positivas adicionais ou, se fizer algo e isso resultar em conseqüências desagradáveis (tal como ser punido), as pessoas tenderão a tentar não repetir o comportamento para evitar conseqüências negativas (WEINBERG e GOULD, 2001).

No entanto, o princípio reforçador poderá afetar duas pessoas muitas vezes de maneira diferente. Para uma pessoa, ser repreendida em uma aula de exercícios pode ser considerado como uma punição, mas para outra, pode significar que o professor está dando-lhe atenção, que ela está sendo reconhecida por ele.

Para os Psicólogos do Esporte existem formas positivas e negativas de ensinar. O reforço positivo é baseado em recompensar o comportamento adequado das pessoas, aumentando a probabilidade de elas repetirem esses comportamentos. Ao contrário, a abordagem negativa focaliza-se em punir comportamentos indesejáveis, o que provavelmente levaria a uma redução desses comportamentos. Como a abordagem negativa focaliza-se nos erros e tenta eliminar esses comportamentos negativos por meio de punição e crítica, a motivação para esse comportamento é o medo (WEINBERG e GOULD, 2001).

As recompensas devem satisfazer necessidades das pessoas que as recebem. Por isso é importante que se conheça o gosto daqueles com quem se trabalha, para se utilizar reforços de acordo com cada um.

Alguns exemplos de reforços efetivos segundo esses autores:

**Reforçadores sociais: elogios, sorrisos, cumprimentos, publicidade.*

**Reforçadores materiais: troféus, medalhas, faixas, camisetas.*

**Reforçadores de atividade: jogarem em vez de treinar, jogar em posição diferente, fazer uma viagem para jogar com outro time, descansar.*

**Saídas especiais: ir a um jogo profissional, planejar uma festa do time, assistir a uma apresentação de um atleta profissional.*

Os elogios verbais e não-verbais são muito importante para otimizar a comunicação entre as pessoas. O elogio verbal favorece o feedback positivo e ajuda os atletas a procurarem fazer o melhor. Um simples cumprimento pelo bom trabalho pode ser o reconhecimento de que ele contribuiu para o time ou até para realização de um objetivo pessoal.

2.1.1.1 Treinador e a comunicação: intervenções

Quando Becker Jr. (2002) se refere às intervenções dos treinadores, chama atenção para as flutuações emocionais que o atleta passa, quando está participando de uma competição, afetando as suas habilidades negativamente. E muitas vezes os atletas precisam dessa intervenção do treinador para que seja estabilizado o fator emocional.

Porém, muitos treinadores utilizam intervenções baseadas na motivação que criam monotonia, frustração e raiva nos seus jogadores. Se as intervenções feitas dessa maneira resolvessem os problemas, seriam contratados animadores e não treinadores.

Alguns atletas não necessitam de motivação do treinador, pois são naturalmente motivados; porém, existem alguns com menos experiências que necessitam de incentivo, antes, durante e após a competição.

Nos treinamentos, o treinador deverá procurar desenvolver com seus atletas uma comunicação não-verbal superior, que lhe permita se comunicar à distância ou em qualquer momento, quando se tratar de esportes que não permitam a comunicação durante a competição.

Deve ser sempre utilizada a fala do treinador independente do resultado; é importante que o treinador peça auxílio aos atletas mais experientes ou líderes, para que estes passem confiança e calma aos mais jovens e ansiosos da equipe.

Para Becker Jr. (2002) é necessário que nos intervalos entre os tempos haja uma comunicação objetiva, para dar a mensagem que realmente deseja, não permitindo interrupções dos seus atletas e da comissão técnica.

Se a comunicação não ocorrer de maneira eficaz, poderá ter havido um problema causado por um ruído nessa comunicação.

Para a comunicação se tornar ineficaz, poderá ter ocorrido uma falha do orador. Quando nos comunicamos, principalmente na função de professor, precisamos dar *feedback*⁵ às pessoas que estão nos ouvindo.

As mensagens inconsistentes também poderão causar rupturas na comunicação, estas mensagens ocorrem normalmente quando uma pessoa nos fala uma coisa hoje e diz outra amanhã. Deve haver consistência na mensagem para que haja confiança e harmonia. Uma mensagem inconsistente é capaz de produzir insegurança e ansiedade em quem a recebe.

As falhas na comunicação podem tanto ocorrer por parte do orador, como pelo receptor. Quando ocorrer uma má interpretação da mensagem e falhas do receptor para escutá-la, a comunicação poderá ter problemas (WEINBERG e GOULD, 2001).

Antes de nos encaminharmos para o próximo capítulo onde trataremos do Desporto, percebemos através das reflexões que realizamos com vários autores anteriores, o quanto é importante haver uma comunicação efetiva entre as pessoas. Para que seja alcançada essa otimização na comunicação é necessário desenvolvermos essas habilidades de comunicação fornecendo “feedback” positivos as pessoas com quem estamos nos comunicando. (WEINBERG E GOULD, 2001).

2.2 DESPORTO

Abrimos este capítulo falando de desporto como um fenômeno social com as palavras de Oliveira (2001) dizendo que:

“O contato de qualquer pessoa com o mundo do esporte acontece desde muito cedo, ainda criança. Pode-se afirmar isso, sem medo de errar, esse contato não é igual para todos, porém no mínimo todos têm um contato na condição de espectadores, nem que seja diante de um aparelho de tv.” (OLIVEIRA, 2001. p. 5).

⁵ Retorno positivo ao atleta através de elogios, expressões faciais e cumprimentos são formas fáceis e efetivas de reforçar comportamentos desejáveis. (WEINBERG e GOULD, 2001).

Sendo este estudo realizado em uma escolinha esportiva em que o desporto, especificamente o basquetebol, está presente na vida dessas crianças, são necessárias algumas considerações de como o desporto vem sendo tratado ultimamente.

Considerando o desporto como um fenômeno de grandes proporções sociais, achamos necessário levantar questões que nos possibilitará entender como, no mundo inteiro, inúmeras pessoas de todas as idades e classes sociais frequentam as práticas esportivas.

Segundo as palavras de Freire (1993. p.27):

“Não se pode falar de esporte como um caso a parte à vida. Pelo contrário, é uma das manifestações, e das mais ricas. Não se pode negá-lo nos dias atuais, tanto quanto não se pode querer compreendê-lo à margem dos sistemas que envolvem o homem à natureza. Como fechar os olhos para o fenômeno que envolve, por vezes, em torno de um único espetáculo, milhões de pessoas”.

Tubino (1992), pontuou que o esporte estava passando por uma revigoração após a sua ressignificação, abandonando uma perspectiva de alto rendimento, dando ênfase ao esporte na escola e outra de participação popular e democrática.

Carravetta (1997. p.15) considera que *“o desporto está representado por um jogo caracterizado por finalidades agonísticas, que apresenta como propriedade fundamental o exercício físico submetido a uma regulamentação”.*

Com crianças, o esporte não é diferente do que assevera Carravetta (1997), porque ele foi apresentado às crianças, a partir de um esporte de rendimento. Por isso é tão difícil para quem participa do esporte infantil, na condição de pai, expectador, treinador, mídia perceber que o esporte para as crianças deve ser tratado de modo diferente.

Quando ministramos aulas no Curso de Graduação em Educação Física, percebemos que alguns estudantes que trabalham com crianças, ainda possuem resistência quanto à forma de tratar a competição infantil. Muitos acreditam que as crianças devem ser cobradas, e que esporte sem medalhas, vitórias, não têm razão de existir. Argumentam que a vida que está aí é muito competitiva e que a criança também precisa aprender a competir desde cedo.

Acreditamos que mudanças em relação ao esporte infantil já estão ocorrendo, pois isso é resultado da luta de muitos estudiosos no assunto, mesmo que ainda se encontre o esporte infantil com características do esporte de rendimento.

Percebemos o esporte, hoje, mais acessível àqueles que queiram praticá-lo, pois apesar de haver aquelas modalidades esportivas que têm um alto custo nos seus equipamentos, apenas com um par de tênis podem praticar uma atividade esportiva, já que o poder público nesses últimos anos passou a incentivar a criação de novas políticas públicas de incentivo ao esporte.

Existem estudos que defendem a intervenção do Estado, em relação aos assuntos esportivos. O Estado deve-se responsabilizar pelas questões econômicas e financeiras do esporte, apoiando nesse caso, o esporte de tempo livre, bem como não deixando de apoiar a Educação Física e o esporte-educação (TUBINO, 1992). Segundo este autor, deve-se à UNESCO a recomendação de que o Estado ficasse com a responsabilidade de desenvolver políticas voltadas para a população como um todo e que isso incluísse o incentivo ao esporte-participação e popular.

No Brasil, foi no Governo do Presidente José Sarney, em 1985, que se introduziu esta política de fomento ao esporte, incluída na Constituição Brasileira de 1988 (BRACHT, 2000).

Apesar disso, Tubino (1992) afirma que o incentivo ao esporte, não se dá pelo fato deste ter sido incluído nas Constituições dos países, mas porque o Estado tem ações políticas mais sensíveis a respeito dos problemas sociais e, como possui mecanismos institucionais e políticos que podem tratar dos problemas sociais de forma interdisciplinar, cabe a ele incluir o esporte como um dos fatores de sua responsabilidade.

O citado autor ainda afirma que é possível acontecer o esporte como um meio de democratização, em que é assegurado o direito a todos de participarem, e está inicialmente relacionado com as discussões que foram incentivadas pela UNESCO, na Carta Internacional de Educação física, em 1978, fazendo com que o conceito de esporte tivesse uma ressignificação, trilhando novos caminhos que contemplam o esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance, abrangendo três dimensões sociais, com este novo conceito.

Gaya (1998), refere-se ao desporto como tendo um conceito plural, possibilitando vê-lo ressignificado, pois contempla a todos sem distinção, incluindo o

desporto de reabilitação e reeducação, pois considera “*as diversas possibilidades físicas, motoras e orgânicas dos praticantes*” (p.15). Este autor divide o desporto em quatro pontos: desporto de excelência ou de rendimento, desporto escolar, desporto de lazer e desporto de reabilitação e reeducação.

Para realizar nosso estudo, buscamos um contexto esportivo em que o eixo fundamental do trabalho é o esporte-participação. Buscando fundamentar o esporte-participação, encontramos em 1993 a Lei nº 8.672, de 06 de julho de 1993, que estabelecia a função do esporte educacional “*evitando-se a seletividade, hipercompetividade de seus praticantes, com finalidades de alcançar o desenvolvimento, tanto nos sistemas oficiais de ensino, como fora deles*” (Barbieri, 1996. p.17). Ao ser criado o Ministério Extraordinário dos Esportes, (hoje extinto) são retomadas as discussões sobre o esporte, e César Barbieri (1996) elabora um documento-ensaio que estabelece os princípios fundamentais do esporte-educacional, que são: princípio da totalidade, co-educação, cooperação, participação e regionalismo.

Através destes princípios surgem os jogos cooperativos como estratégia, na preocupação com a excessiva valorização que a sociedade moderna atribui à competição. O esporte-participação caracteriza-se como um dos princípios que fundamentam estes jogos. O conceito de participação é: “*Todos participam sendo respeitados em suas individualidades. As diferenças de habilidade, sexo, raça, cultura, posição social, etc., são considerados como pequenas pontes que seguem para ligar e re-unir uns com os outros. Todos são estimulados a serem jogadores construtores*”. (BROTTO e BARATA, 1996. p.45) e, ratificando as palavras anteriores, Negrine (1998) diz que:

“... nos jogos competitivos o resultado determina o prazer de alguns e o desprazer de outros; em contrapartida, os jogos cooperativos são divertidos para todos. Nos competitivos alguns são excluídos por sua falta de habilidades; nos cooperativos, o grupo participa junto, criando excelente nível de aceitação mútua, sem rejeitar ou excluir ninguém” (p.80).

Segundo este autor a formação inicial do professor de Educação Física é constituída sob um modelo funcionalista, onde o papel do professor é aquele que deve corrigir os erros, e isso se reflete nas metodologias desenvolvidas pelos professores atuais na Educação Física e no Desporto.

O estar junto com amigos nas “peladas” em fins de semana, as crianças no recreio, quando inventam seus jogos, quando se refere a uma possibilidade de se vivenciar o esporte, que não seja apenas no vencer sempre, mas no prazer de jogar.

Para Barbieri (1996) a participação está relacionada com a participação da comunidade, pois atribui a esta a co-gestão, co-responsabilidade e integração, fazendo com que o homem se torne responsável pelo contexto que ele se insere, gerenciando questões que a ele passam interessar exercendo seus direitos de cidadão.

“Sim, uma forma de, ainda ou, buscarmos a melhoria da qualidade de vida de nossas crianças vindo o eco do milésimo gol de Pelé, podemos, em parceria, numa ação conjunta, na convergência de sinergias e adolescentes, atuando no âmbito de nossas escolas públicas e também desenvolvendo ações complementares à escola” (BARBIERI, 1996. p.30).

Apesar de existir uma visão de vários autores sobre a ressignificação do esporte, abandonando a ênfase de “alto rendimento”, Barbieri (1996) diz que o tratamento dado ao esporte na Escola ainda possui princípios de rendimento, refletindo-se nas competições esportivas escolares, desvinculadas do contexto escolar, com a finalidade de revelar talentos.

Através da nossa experiência, podemos dizer que a atividade esportiva realizada com crianças em escolinhas esportivas de futebol percebe-se uma grande ênfase dada ao rendimento, onde a criança é submetida a verdadeiras peneiras para poder passar para as equipes principais, ficando claro a busca de talentos nos clubes, fazendo com que aqueles que trabalham com crianças ignorem os princípios fundamentais da participação, não seletividade, próprio para essas idades, pois sofrem o temor de serem substituídos por outro e ficar sem seu emprego, já que o que importa nesse contexto são as vitórias obtidas pelo clube.

a) O mini-basquetebol: algumas considerações

O desporto praticado pelas crianças que fizeram parte do nosso estudo foi o mini-basquetebol, portanto, achamos relevante colocar algumas considerações sobre esta modalidade, sua criação e sobre as suas regras. Segundo o livro de regras da

Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) e o Comitê Internacional de mini-basquetebol Art.1, entende-se que:

- *O mini-basquete é um jogo para crianças com menos de 12 anos. Foi desenvolvido como uma forma divertida de se descobrir o basquete.*
- *É uma atividade recreativa e, com sua riqueza em atividade física, desenvolvimento social e espírito de equipe, estimulam as crianças a trilhar uma vida esportiva saudável.*

O mini-basquetebol foi criado após cinquenta e nove anos de James Naismith ter inventado o basquetebol. Esse professor era formado em Educação Física e iniciou seu trabalho com crianças de escolas primárias, mas percebia que havia poucos esportes que estavam ao alcance de crianças menores de doze anos.

Em 1950, após outras experiências, esse professor teve a idéia de baixar a altura das tabelas da quadra de basquetebol, fazendo uma adaptação nas regras oficiais, resolvendo reduzir as dimensões e peso da bola.

O basquetebol sofreu uma adaptação para o jogo ser realizado por crianças até doze anos de idade (categoria mini).

Segundo Ramirez (1999), o mini-basquetebol integra-se ao esporte infantil, onde devemos respeitar o desenvolvimento da criança, respeitando características, necessidades e interesses dos participantes.

Algumas modificações das regras, segundo Ramirez:

- *As tabelas ficam menores, altura do aro de 3,05m passa a ser 2,60m, a bola é levemente menor;*
- *Tempo de jogo: quatro períodos de 10 minutos; no primeiro quarto jogam cinco jogadores e no segundo jogam obrigatoriamente os outros cinco jogadores. Todas as crianças deverão participar pelo menos de um período e, no máximo, em dois;*
- *Não há prorrogações e admite empates;*
- *Preservar a ludicidade e os valores educativos, sociais e morais que o esporte atinge. Respeitar o adversário e a si mesmo, lealdade e respeito de equipe.*

2.2.1. O contexto estudado: a escolinha esportiva de basquetebol da SME

Quando optamos por realizar o nosso estudo em um contexto de escolinha esportiva comunitária, não sabíamos que o esporte para a comunidade já acontecia há muito tempo em Porto Alegre. As coisas foram se adaptando à realidade de cada governo e até hoje permanece um trabalho de recreação e lazer nas praças e parques da cidade.

Voltando um pouco a um passado recente, para melhor nos situarmos nas práticas esportivas dirigidas à comunidade em Porto Alegre, encontramos sinais muito fortes de que a recreação pública existia desde 1926. A iniciativa partiu de um professor chamado Frederico G. Gaelzer que tinha a preocupação em orientar as pessoas para realizar atividades esportivas para ocuparem seu tempo livre.

Este trabalho teve início em uma das praças que tinha o nome de “Alto da Bronze”, hoje praça General Osório (GAELZER, 1985). Em 1940, foi criada no município de Porto Alegre, o Departamento Municipal de Educação Física. Em 1949, foram iniciados os Serviços de Recreação Pública em Porto Alegre. A partir de 1950 o mesmo foi oficializado pelas leis 500 e 501 e foi subordinado ao Gabinete do Prefeito Municipal.

No ano de 1955 a Secretaria Municipal de Educação e Cultura Popular e superintendência de Ensino Municipal, originariam os Setores de Jardins de Recreação Pública com setores esportivos: as praças.

Segundo Rodrigues (2000), todos os espaços públicos de lazer esportivos até 1989 estavam na zona central da cidade de Porto Alegre e eram 16 praças. Os professores de Educação Física trabalhavam com aprendizagem esportivas de diversas modalidades, sob a forma de escolinhas.

Através do orçamento participativo foi priorizada a construção de módulos esportivos na zona de periferia da cidade, sendo assim descentralizado o trabalho de esportes na cidade para outras zonas.

Em 1993, já eram 32 praças e 90 professores que atuavam no trabalho da supervisão de Esportes e Recreação Pública e tinha um vínculo com a Secretaria Municipal de Educação (SMED). Houve necessidade de ser criada uma Secretaria que tratasse da Recreação, Esporte e Lazer, sendo então criada a atual SME no ano de 1994,

que atualmente mantém um número de 110 professores e 25 estagiários de Educação Física, responsáveis pela execução de todas as atividades relacionadas com esportes.

A SME, por meio de encontros sistemáticos, reuniões de instrumentalização profissional, que ocorrem dentro do horário semanal dos professores, procura garantir uma qualificação permanente de seus recursos humanos.

a) Unidades Recreativas

Unidades Recreativas significam os locais em praças, ginásio e parques em que a SME administra os espaços públicos, como as escolinhas esportivas, grupos de convivência, festas comunitárias, atividades recreativas, promovendo jogos, torneios e campeonatos nas praças (RODRIGUES, 2000).

b) Ingresso das crianças às escolinhas esportivas:

Durante o período de férias são realizadas inscrições dos alunos interessados em praticar algum esporte, e eles podem escolher uma modalidade para praticar.

Antes de iniciar o período de aulas na escolinha é realizado um sorteio, aberto ao público, para determinar quem ocupará as vagas da modalidade que escolheu. Tivemos a oportunidade de acompanhar a referida atividade.

Cada modalidade realiza o sorteio em um dia determinado. Normalmente são vinte e cinco vagas para cada turma, e são turmas no turno da manhã e da tarde; deverá ser o turno inverso do que a criança estuda na escola regular.

Caso os alunos inscritos não preencham as vagas, não haverá sorteio, e todos ficarão automaticamente inscritos. Ainda assim, se sobrarem vagas, são colocadas listas de vagas na secretaria, à vista de todos, para que as pessoas possam preencher as vagas, realizando as inscrições em um dia determinado. Se mesmo assim não forem ocupadas todas as vagas, elas são oferecidas às escolas da redondeza, através da coordenadora de basquetebol.

Os trabalhos relacionados com o esporte na Prefeitura de Porto Alegre fundamentam-se em Diretrizes Pedagógicas articuladas e construídas por um trabalho conjunto dos professores que compõe a SME. Pudemos constatar isso através do documento a que tivemos acesso, o que baliza as ações e o trabalho da SME, na área do

lazer esportivo/recreativo; segundo esse documento, é que as intervenções didáticas pedagógicas da SME são definidas de acordo com as características da própria clientela e, para o trabalho, é adotada uma referência que são as faixas etárias.

No caso do Basquetebol para a faixa etária de dez a doze anos, a que nos propomos a estudar, os objetivos estão explícitos nos planos de ensino que são feitos pelos professores e que se encontram junto à coordenação pedagógica das Unidades Recreativas.

Os eventos esportivos para esta faixa etária têm o perfil de encontros, onde são convidados todos os locais que possuem escolinhas de basquetebol da SME, alguns clubes esportivos e escolas da cidade. Nesses encontros são vivenciadas as regras do Mini-Basquetebol, todas as crianças arremessam uma vez no final dos jogos e os pais entram em quadra e arremessam para as equipes de seus filhos, convertidos os pontos para as equipes das crianças.

Durante as aulas com a faixa etária (crianças), a intervenção do professor é mais marcante, caracterizando a estrutura de aula. (Diretrizes Pedagógicas 2000).

Quanto à frequência, são registradas pelo professor da escolinha todos os dias na aula. As crianças não podem ter mais de três faltas no mês, sob pena de perder a vaga, tendo de inscrever-se de novo e esperar outro sorteio. Para os alunos menores de catorze anos, as atividades são gratuitas.

2.3 AS CRIANÇAS: UM PASSEIO PELA HISTÓRIA

Através de seus estudos de iconografia, Ariés (1981) constatou que no século XII, a arte medieval desconhecia a criança e provavelmente não havia lugar para a infância nesse mundo. As crianças eram representadas nos quadros dando uma idéia de deformação que o artista impunha aos corpos.

Eram pintados homens sem nenhuma característica da infância, simplesmente em tamanho menor. A representação realista da infância, de sua graça e formas arredondadas tinha sido própria dos Gregos.

O tema infância sagrada aparece por volta do século XIV e significa um testemunho do progresso de uma consciência coletiva de um sentimento de infância e,

por voltas do século XV e XVI, a criança aparece em pinturas anedóticas: a criança com seus companheiros de jogos; muitas vezes adultos; a criança no meio do povo assistindo milagres; a criança urinando; a criança no colo da mãe etc.

Essas representações das crianças significam que elas faziam parte do mundo dos adultos e que pintores gostavam de retratá-las, porque as achavam graciosas.

Na sociedade medieval, o sentimento de infância não existia, mas não significava que as crianças fossem abandonadas ou desprezadas. Existia um sentimento pela infância que não era o mesmo que a afeição pelas crianças. Não havia uma consciência em relação à criança que o distinguiu do adulto, pois no momento em que tivesse condições de viver sem a mãe ou a ama ingressavam no mundo adulto e nunca mais saíam.

Para Del Priore (1996), o grande acontecimento que mudou a concepção de família, no início dos tempos modernos foi a preocupação com a educação. Isto ocorreu no século XVI e XVII com a Fundação das Ordens Jesuíticas que se dedicavam a educar as crianças e jovens deixando de lado o trabalho de pregadores que realizavam na idade Média. Passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida e que deveria ser submetida a um regime especial antes de entrar no mundo do adulto.

No século XVIII destacou-se a pedagogia de Rousseau onde aparecia a preocupação com a criança:

Goellner (1997), citando a pedagogia de Rousseau no século XVIII, fala da preocupação desse com as características da criança que se diferenciavam dos adultos, atualizando o conceito de infância e a preocupação com as fases do desenvolvimento da criança que, segundo ele, deveriam ser compreendidos e respeitados no ponto de vista corporal. Conforme essa autora, embora houvesse a preocupação de Rousseau em sua teoria em relação ao corpo da criança e a educação através de exercícios físicos, havia uma secundarização do corpo.

Segundo Ariés (1981), esse cuidado dispensado às crianças passou a despertar sentimentos novos de afetividade. A aprendizagem tradicional foi substituída pela escola. A família e a escola tiraram as crianças da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância livre a um regime disciplinar rigoroso, que nos séculos XVII ao XIX, resultaram nos internatos.

A família tornou-se lugar de afeição necessária entre os cônjuges e entre os pais e os filhos, algo que não havia antes. Essa afeição resultou na importância dada à

educação. Os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam, como se percebe no século XIX e XX, e que outrora era desconhecido. O século XIX ratifica a descoberta humanista da especialidade da infância e da adolescência como idades da vida. Por volta de 1840 o termo criança já aparece nos dicionários (MAUAD, 1997).

No Brasil, nos tempos atuais, segundo Ferreira e Figueira Junior (2000), já se notam discretas mudanças na estrutura familiar. Ressaltam esses autores que nos lares populares e do interior ainda se observa àquela estrutura familiar em que o homem tem o papel de prover o sustento do lar e manutenção do respeito com uma divisão hierarquizada das tarefas.

2.3.1 A criança: na concepção de Helen Bee, Erikson e Osterrieth

Antes de iniciarmos falando sobre a idade a que se limitou o nosso estudo, fomos buscar uma definição para a criança em nosso país, através do Estatuto da Criança e do Adolescente. Trata-se da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe em seu artigo primeiro sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. O seu artigo segundo diz: “*Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade*” (ECA, 1990).

Por questões temporais em relação ao tempo limitado para entregar nosso trabalho, tivemos que limitar as idades das crianças que iríamos observar nas práticas esportivas de basquetebol.

Optamos pela idade de dez a doze anos e alguns meninos que completaram treze no decorrer do trabalho, pois essa faixa etária no contexto estudado refere-se às crianças que estão tendo iniciação em uma modalidade esportiva específica.

Fomos buscar em alguns autores como se desenvolvem essas crianças em relação a sua família e ao grupo em que estão inseridas. Achamos por demais importante entender o que pensam alguns autores sobre esta fase de desenvolvimento da criança, pois assim poderemos compreender melhor como acontecem a comunicação dessas crianças com todos aqueles que pertencem ao contexto esportivo em que estão vivendo no momento.

Para Erikson (1971), as idades de dez a doze anos estão dentro da fase que ele chamou de Indústria versus Inferioridade, pois se caracterizam por um cenário interior que parece estar a criança preparada para a vida, uma vez que a criança ao entrar nessa fase deve deixar as esperanças, bem como os desejos do passado e ao mesmo tempo disciplinares sua imaginação, subordinando-se às leis impessoais como escrever, ler e fazer contas. Nessa fase a criança aprende a conquistar a consideração das pessoas, produzindo coisas, *"desenvolve um sentido de indústria, isto é, ajusta-se às leis inorgânicas do mundo das ferramentas"*.

Para Erikson (1971) este é o período da latência, referindo-se a Freud, em que os seus impulsos estão adormecidos, vindos a manifestar-se na puberdade. Este período caracteriza-se por ser socialmente mais decisivo.

É a fase em que a criança faz as coisas ao lado das outras e com eles, percebendo um primeiro juízo a respeito de divisão de trabalho. Se ele aceita o trabalho como único critério de valor, pode ocorrer a limitação de seus horizontes, vindo a ser o trabalho seu único critério de valor que o tornará um conformista, podendo ser até mesmo explorado por aqueles que o cercam.

Nesta fase, para Osterrieth (1983), o indivíduo ainda é criança, em certos momentos, pronuncia-se a melancolia do período pubertário. O tédio, a pena de si mesmo, sonhos ambiciosos e a identificação com certos personagens caracterizam muitas vezes esta fase.

É com o brinquedo que se devaneia, e não apenas em grupo; não desenvolveu o raciocínio, e a lógica não constitui uma de suas preferências. Através da nossa experiência com crianças nas escolas, podemos perceber nesta fase autonomia e determinação, mas é muito sugestível, dá muita importância ao que pensa seu grupo e às vezes se distancia dos pais.

Para Osterrieth (1983) a vida em grupo dessa idade constitui-se algo aparente. Podemos verificar isso quando as crianças dão muita importância a opinião dos coleguinhas da escola. E a aprovação dos colegas na realização das tarefas é algo de que eles necessitam nessa fase. As críticas dos colegas pesam muito para a criança. Quanto às relações sociais, esta é considerada a idade social, na qual existe uma simbiose da criança pelo grupo.

Na escola os grupos que se formam em momentos do recreio ou na saída da escola, tornam-se consistentes e são quase sempre as mesmas crianças que se reúnem, e

podem ser distinguidos os "chefes", as mais importantes que imprimem direção às atividades coletivas.

Ainda assim Osterrieth (1983) diz o grupo procura ter uma homogeneidade quanto às idades, os mais jovens são apontados como "criancinhas" e os mais velhos distanciam-se das atividades lúdicas do grupo, pois a presença não é bem vista. Essa homogeneidade, por sua vez, é percebida quanto ao sexo. Existe uma segregação por sexo nesta fase que se dá através da eliminação ou de um afastamento natural.

As meninas atingem uma maturidade e um rendimento escolar melhor. Quanto ao estado emocional, a criança nesta fase não exterioriza as suas emoções, sendo mais contida, mas não quer dizer que elas não existam. Esse controle emocional culmina com a idade de onze anos, e contribui para caracterizar o equilíbrio, segurança e domínio que caracteriza esta fase de "maturidade infantil".

Nela, as crianças passam a ter mais pessoas adultas que as influenciam, mas à medida que se alarga esse universo, a criança percebe que estes adultos são divergentes, longe de ser unânimes, pois é no grupo que essa criança encontra a valorização que vai diminuir o prestígio do adulto; o que então ocorre é um acesso gradual da criança à autonomia que deverá atingir daqui para frente (OSTERRIETH, 1983).

Diante da posição desses dois teóricos quanto a essa fase da criança, diríamos que elas ainda são crianças, mas elas já não vêem os pais como heróis, e o grupo para elas tem grande importância, pois é onde elas poderão ser valorizadas. A opinião do grupo é muito importante para elas assimilam influências tanto negativas como positivas.

Bee (1996) ao estudar a teoria de Freud e Erikson, encontrou algumas diferenças que ela considera importantes.

Para Freud a maturidade física é mais central, e ela acontece com a maturação do sistema nervoso; a criança tenta gratificar-se através da estimulação de uma determinada parte do corpo. Na medida em que ocorre o desenvolvimento neurológico, a sensibilidade muda da boca para o ânus e para os genitais e assim ocorre uma mudança de estágios. Podemos observar isso: o bebê coloca suas mãos ou algum brinquedo na boca e sente prazer em fazê-lo. O seio materno se constitui em importante agente nessa fase oral. Quando a criança inicia suas investidas ao banheiro e percebe que fazendo suas necessidades fisiológicas no lugar correto a alegria da mãe.

Erikson (1971) aceitava todas essas mudanças físicas a que Freud se referia, mas acreditava que, para que elas ocorressem, deveria haver uma exigência do meio social em que a criança estivesse inserida. Para esse autor, cada estágio da vida centra-se num conflito social específico.

Bee (1996) citou essa fase dos seis aos doze anos como exemplo, chamado estágio quatro (atividade versus inferioridade). Ela começa aos seis anos, quando a criança vai para a escola, e pode ocorrer mais tarde em outras culturas.

Segundo Freud apud Bee (1996), a idade de cinco a doze anos costuma ser chamada de estágio de latência. Nessa fase, após um período conturbado do conflito edípico⁶, existe um período de descanso antes da próxima mudança para a outra fase, uma espécie de calmaria. Percebemos isso, quando observamos crianças no recreio, ou antes, de iniciar as aulas da escolinha. As crianças, independente de sexo, transitam umas nos grupos das outras, ou seja, as meninas conversam ou brincam com os meninos ou vice-versa, negando um pouco a teoria da segregação⁷ por sexo. Mais para o final do trabalho, quando entrevistamos as crianças de treze anos, é que fomos entender que, apesar de concordarmos que os grupos do mesmo sexo são mais fortes e homogêneos, as brincadeiras, para alguns, fazem pensar que poderiam ser rituais de passagem para a adolescência, pois se percebe um prazer nos jogos de pegar dos pares opostos.

Não é o objetivo do nosso estudo observar a passagem da infância para a adolescência, mas não podemos deixar de relatar que, ao observarmos as meninas que jogavam na escolinha de basquete, percebemos que muitas vezes elas saíam do jogo e iam até a tela conversar com os meninos mais velhos que jogavam no horário posterior ao que estávamos observando.

Pareceu-nos que elas perdiam o gosto pelo jogo e tinham mais interesse nas conversas com os mais velhos, que chegavam e ficavam esperando para iniciar a aula. Queremos dizer com isto que seria interessante realizar uma pesquisa nessa fase, que é de afirmação e poderíamos investigar quais são os interesses deles em relação ao esporte, uma vez que não precisam tanto da presença dos pais para levá-los à escolinha e passam a ter mais autonomia nas suas decisões.

⁶ Inclinação erótica de uma criança pelo progenitor do sexo oposto, recalçada em resultado da relação ambivalente com o progenitor do mesmo sexo, amado e odiado em simultâneo.

⁷ Segregação, s.f. 1. ato ou efeito de segregar(-se); 2. JUR ato ou processo de separar(-se), de isolar ou ser isolado de outros ou de um corpo principal ou grupo (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, p.2534).

Bizzini (1995. p.12), na carta de Genebra, refere-se às faixas etárias de crianças de 7 até 11 anos e de jovens de 11 até 14 anos. Segundo este autor, a criança do “*ponto de vista fisiológico, não sabe o que é descansar, limitar-se, ela é generosa, doa-se inteiramente, freqüentemente sem se dar conta que o seu físico está esgotando*”. A idade que Bizzini trata de jovens é dos 11 aos 14 anos. Ressalta que, sob o ponto de vista físico, esses jovens se encontram em uma fase delicada de crescimento. Existe um desequilíbrio entre estrutura óssea e muscular e “*o esporte representa para eles talvez a primeira ocasião que têm de experimentar o investimento afetivo e cognitivo de um espaço autônomo*” (BIZZINI, 1995. p.8). As atividades que eram antes incentivadas pelos pais passam a ser interiorizadas.

2.3.2 Crianças e as práticas desportivas

A representação realista da criança ou idealização da infância era própria dos Gregos que já desenvolviam atividades esportivas com crianças. Para eles, os exercícios físicos começavam na infância. (DIEM, 1966) Havia para as crianças uma infinidade de jogos análogos aos que conhecemos hoje: esconder, cavalinhos de madeira, lançamento de barras, corridas de sacos.

Nas últimas décadas assistimos a grande participação de crianças em atividades esportivas. Segundo Cratty (1983. p.14), “*raramente o impacto da luta competitiva nos jovens participantes é neutro, seja em seus corpos ou em suas personalidades*”.

Segundo Marques (1997), a participação de pré-adolescentes no desporto competitivo é fenômeno recente. Para Sobral apud Marques (1997), o envolvimento da criança com a atividade esportiva regular consta a partir dos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, e para esses autores tem revelado um grande aumento nos últimos vinte anos.

Porém, ao se referir à competição infanto-juvenil De Rose Jr. (2002) nos afirma que:

“A competição não é um assunto recente. Já na antiga Grécia, nos séculos IV e V antes de Cristo, havia registros de jovens competindo em atividades de luta, pugilato e corridas, inclusive em competições destinadas a adultos, como é o caso de Milo de Creta, vencedor de lutas nos Jogos Olímpicos de 540 a.C.”(p.50).

Coarkley (1989) refere que as crianças tomam conhecimento dos jogos organizados mesmo antes de entrar para a escola elementar. Muitos pais encorajam suas crianças, especialmente seus filhos, identificando-os com um atleta profissional popular.

Além disso, a primeira experiência que muitas crianças têm com alguma atividade esportiva geralmente ocorre dentro do contexto familiar. Muitos pais, mesmo antes de o filho nascer, encarregam-se de comprar roupas ou materiais esportivos para que os dois possam jogar juntos, quando o filho crescer.

Capinussú (1986) diz que existe controvérsia em relação ao termo iniciação esportiva. Segundo este autor, a iniciação da criança no esporte dá-se por volta dos dez ou onze anos, através do professor de Educação Física na escola, a quem cabe desenvolver no aluno os fundamentos iniciais dos esportes; na escolinha esportiva subentende-se que a criança já tenha um conhecimento mais avançado da aprendizagem esportiva.

“A escolinha não deve preparar os jovens diretamente para as competições oficiais, apesar de já existirem manifestações ao nível de campeonatos de futebol. Sua finalidade é a seleção de atletas, visando integrá-los às divisões inferiores”. (CAPINUSSÚ, 1986. p.86).

Na iniciação esportiva o professor deve proporcionar à criança uma variedade de experiências motoras que contribuirá para o armazenamento de seu acervo motor (INCABONNE, 1990).

“Os esportes de equipe, mais do que uns conjuntos de técnicas são antes de tudo um jogo; duvidar disso é desconhecer as origens das” leis de aprendizagem. “Não é suficiente que o ensinamento se baseie em uma progressão de técnicas, as que cada vez se tornam mais complexas, mas que deve ter em conta a todo o momento o jogo e o menino como realidade inseparável” (INCABONNE, 1990. p.90).

Brauner (1994) afirma que as escolinhas esportivas fazem parte de uma modalidade educativa formal. São guiadas por motivos construídos socialmente e se organizam através do esporte e da prática esportiva; suas ações se concretizam através de seus objetivos, conteúdos, possuindo um modo de currículo escolar.

Existe pouca bibliografia sobre o início dessas atividades de iniciação esportiva, mas sabe-se que elas não são recentes e leva inúmeras crianças a complementar sua vida esportiva.

Segundo Pérez (1992), o esporte é um importante meio de favorecer a competência motriz, quando é desejada pelas crianças, (meninos ou meninas), e organizados por adultos sensíveis, mas perde sua importância, quando é somente querido e desejado pelos adultos que utilizam as crianças para obter esse fim.

No entanto, quando a motivação para o esporte acontecer não pelas crianças, mas pela vontade dos pais, é bem possível que elas estejam naquele esporte contrariadas.

A organização do adulto deve ter a orientação pedagógica que considere a criança quanto a seu desenvolvimento, pois assim o esporte praticado pelas crianças, será uma maneira de elas desenvolverem suas aptidões físicas, contribuindo para uma socialização, porque esta modalidade, que então ele pratica, bem pode vir a ser incorporada em suas praticas habituais de vida adulta.

Segundo esse autor, os pais, educadores e técnicos devem oferecer experiências esportivas que contribuam para o crescimento e o desenvolvimento das crianças, o qual se vê imóvel por ações como pressões para competir, enfatizando o ganhar em detrimento do desfrutar do esporte, fazendo críticas às crianças quando ganham, igualando o fracasso do esporte com o fracasso pessoal e impondo-lhes aspirações e metas fora da realidade.

Jiménez (1992) diz que para promover uma atividade física na infância que seja socializante, devemos fazer um alerta aos pais e aos adultos para que compreendam a importância das atividades físicas exploratórias das crianças, para que elas tenham um rico repertório motor. Esse autor vê conveniência em estimular os jogos em suas mais variadas formas, ou seja, facilitar uma atividade física natural, na qual irá se produzir uma interação social.

Para Samulski (1995. p.86),

“Tanto no esporte escolar como no esporte de alto rendimento, o desenvolvimento integral da criança (motor, cognitivo, motivacional, emocional e social deve ser considerado em primeiro lugar e não objetivar unilateralmente o desenvolvimento do rendimento motor esportivo e a otimização da performance)”.

As crianças, segundo esse autor, não devem ser trabalhadas de forma unilateral, visando a um elevado rendimento.

Devem ser considerados vários fatores que fazem parte do desenvolvimento da criança e seu início em uma atividade esportiva.

Através da nossa experiência, nas aulas de Educação Física Escolar percebemos que as crianças, apesar de pequenas, são extremamente seletivas em escolher os companheiros para formar os “times”. Eles sempre procuram escolher os melhores, deixando de lado, ou por último, aqueles que possuem menos experiências motoras.

O próprio aluno que não recebe o reconhecimento dos companheiros se exclui. Assim, cabe ao professor intervir, fazendo com que todos participem das atividades, pois para muitas dessas crianças é somente nas aulas de Educação Física que podem realizar práticas esportivas e, se tiverem experiências ruins, provavelmente serão adultos inativos, quanto à prática esportiva e dirão que detestavam a Educação Física na escola, porque o professor só deixava os “melhores” jogarem.

Sant (1992) diz que a iniciação esportiva pode ocorrer de três maneiras: Iniciação Lúdica, Iniciação Técnica e Treinamento Intensivo Precoce; pode ser ressaltando que os dois primeiros não possuem contra-indicações, porém, o Treinamento Intensivo Precoce é nocivo para o desenvolvimento integral da criança.

A Federação Internacional de Medicina do Esporte (1997) tem um posicionamento oficial que autoridades médicas e de saúde pública devem considerar a aptidão física em crianças e adolescentes, como parte da sua esfera de competência e responsabilidade.

Acrescenta que os jogos realizados livremente, os esportes e os exercícios proporcionam de uma forma natural para as crianças e os adolescentes a aquisição de um nível adequado de aptidão física, estando de acordo com Sant (1992) que otimiza a Iniciação Lúdica e a Iniciação Técnica para o bom desenvolvimento das crianças.

Gaya e Silva (1998), em estudos que realizaram com crianças e adolescentes de escolas públicas e privadas de Porto Alegre e Santa Cruz do Sul, concluíram que as relações dos níveis de aptidão física e prática desportiva dos Programas de Educação Física não foram significativas, evidenciando que, embora a Educação Física tenha seu discurso voltado para a aptidão física referenciada à saúde, nesse caso não está atingindo os objetivos.

Ao refletirmos sobre atividades desportivas com crianças, deparamo-nos, hoje, com centenas de crianças que moram em pequenos apartamentos ou casas, cuja atividade é quase nula. Com a violência das ruas, a falta de tempo dos pais para levá-los aos parques e praças e até mesmo pela diminuição dos espaços em função do crescimento das cidades e o uso indiscriminado dos brinquedos eletrônicos, temos mais crianças que passam horas sentadas, quase que imóveis dentro de casa.

Muitas destas crianças fazem atividades físicas somente quando vão à escola, pois é onde há um espaço grande para que possam se movimentar. Devemos ressaltar a grande responsabilidade que temos como Professores de Educação Física. Ao planejarmos nossas aulas, devemos propor a estas crianças uma variedade de aprendizagens motoras, pois elas são fortes candidatas ao sedentarismo, aos maus hábitos de alimentação, pela falta de espaços, como consequência do crescimento das nossas cidades e que acabaram com as brincadeiras de ruas que tínhamos há algumas décadas. E ratificando isso Santos, 2000 nos diz:

“Observando-se o cotidiano, de uma forma mais minuciosa e cuidadosa, somos capazes de julgar que algumas crianças estão perdendo a infância. Esse julgamento de perda é alcançado na medida em que avaliamos o quanto algumas crianças estão distantes, enquanto experiências de vida, daquilo que consideramos ser a própria infância”.(p.175).

Percebe-se a grande preocupação de vários estudiosos com que as crianças tenham sua infância bem vivida através do movimento e confirmando isso:

Vargas Neto (2000) em seu estudo salienta que as atividades físicas e esportivas contribuem no combate da degeneração hipocinética que é *“carência relativa de movimento”*. Faz referências aos aspectos negativos da TV e aos jogos eletrônicos que privam as crianças de realizarem movimentos, tornando-os quase imóveis durante horas.

Lançando um olhar crítico para o nosso lado, ao nos depararmos com as famílias que têm crianças, sempre encontramos uma delas que tem fortes tendências a um peso elevado, o que nos faz concordar com Rowland (1998) que nos fala da importância do exercício físico como agente preventivo e terapêutico, onde o indivíduo estabelece hábitos regulares destas atividades e está menos propenso a ter consequências de doenças que afetam o coração, osteoporose, diabetes e mesmo distúrbio emocional. Enfatiza, no entanto, que se são importantes os efeitos positivos dos exercícios físicos

nos adultos em diminuir a incidência de doenças, recomenda que esses hábitos se estabeleçam desde a infância.

Segundo este autor, é importante adotar estratégias para que as crianças incluam no seu dia a dia o hábito de uma atividade física regular. Enfatiza que a estratégia para isso deve ser comportamental: *“fazer do exercício uma atividade agradável para persistir como uma atividade regular”* (p.180).

Porém, sabe-se que nossas crianças passam horas diante de jogos eletrônicos, levados por circunstâncias muitas vezes sociais de violência, por não poderem sair para brincar na rua ou até mesmo pela falta de espaço o que ocorre nas grandes cidades.

Dando uma grande sustentação aos benefícios que produzem o exercício na vida das crianças, a medicina esportiva também não fica alheia a estas questões e se manifesta revelando preocupações com as crianças no esporte.

A Confederação Pan-americana de Medicina Desportiva (1998) recomenda que é importante encontrar formas de motivar os jovens para que mantenham um estilo de vida ativo. Porém, diz que não existe informação suficiente sobre os níveis de atividades físicas de crianças latino-americanas.

Somos da opinião que a motivação para a prática desportiva nas aulas de Educação Física ou nas aulas da escolinha esportiva deve vir através do professor. A ele cabe trazer a seus alunos atividades onde o espírito lúdico da criança possa estar presente, evitando que suas aulas se tornem um treinamento de habilidades, pois a criança logo perderá a motivação e deixará o esporte, pois não exercita nessas aulas o gosto pelo brinquedo tão próprio de sua idade.

Aquela mesma Confederação diz que as aulas de Educação Física nas escolas desempenham um papel importante neste sentido, recomendando que haja uma supervisão médica e educacional disponível.

Nossa vivência em escolas públicas permitiu-nos observar as condições em que elas se encontram: sucateamento de recursos materiais, falta de recursos humanos, devido aos salários defasados que percebem nossos professores etc. Mas não podemos deixar de lutar para maior valorização da disciplina de Educação Física no currículo escolar, buscando formas alternativas de atualização e, junto às Universidades, por meio de encontros científicos.

O professor precisa atualizar seus conhecimentos para com isso fazer reflexões de sua prática pedagógica e usar métodos criativos em suas aulas, porque as crianças,

muitas vezes, somente na escola pública têm a oportunidade de vivenciar algum tipo de atividade física, encontrando ali o espaço que as cidades já não oportunizam com o seu crescimento desenfreado.

É recomendação da ACSM⁸ (1997) que as aulas de Educação Física estimulem atividades que sirvam para toda a vida e forneçam informações de como se atingir uma aptidão física adequada. Quanto à quantidade de exercícios necessários para manter a capacidade funcional nas diferentes faixas etárias, não está precisamente definido.

Acredito que aulas ministradas com entusiasmo, levando-se em conta o desenvolvimento das crianças, proporcionarão a elas grandes motivos para continuar na prática desportiva. Quem não lembra daquele professor de Educação Física que nos fazia sentir bem nas aulas com métodos variados e criativos?

Durante as aulas de Educação Física, se o professor não adotar um planejamento com uma fase inicial, a parte principal e a parte final, elas só param quando for dado o sinal para que outra aula se inicie. E o professor acaba ficando frustrado, porque não ministrou uma boa aula, apenas deixou que ela acontecesse.

Do ponto de vista psicológico, a criança de 7 a 11 anos *“é uma pessoa concreta, o seu mundo é bem ordenado, o seu comportamento é espontâneo, a representação da realidade em fim de contas é simples”* (BIZZINI, 1995. p. 7).

As crianças ficam claramente motivadas por fatores externos, pois nesta idade começam a praticar atividades físicas por influência dos pais, do amigo ou daquela que a TV tem na vida familiar.

Carazzatto (1995) diz que a atividade física deve ser considerada essencial ao ser humano; porém, a atividade física competitiva com a busca constante do recorde e da vitória é a que lhe traz preocupações, pois faz com que as pessoas ultrapassem seus limites fisiológicos, principalmente em se tratando de crianças, que a cada dia iniciam as atividades mais precocemente.

Segundo esse autor a atividade física se torna indispensável e ela deve ser praticada de forma recreativa ou competitiva:

⁸ American College of Sport Medicine.

“O esporte competitivo deve ser a melhor escolha, pois ele, na realidade, prepara melhor o indivíduo para a vida futura... e deve ser feito com dosagem perfeita entre” ”performance-benefício“, pois os” poucos intensos “ou” abusivos “não trazem grandes benefícios”. Já o esporte recreativo, o indivíduo faz o esporte para eliminar inaptidões, o ideal seria praticar os dois desde que a escolha e a idade de início sejam corretas“ (Carazzatto, 1995. p.15).

Bento (1999) refere que durante a adolescência existe um declínio acentuado na prática do desporto, principalmente das meninas.

No estudo que realizou Cardoso (1998) sobre motivação para a prática desportiva com crianças e adolescentes pertencentes à rede privada e estadual dos municípios de Porto Alegre e Santa Cruz do Sul encontrou os mesmos achados a que se refere Bento sobre este declínio na prática desportiva.

Gaya e Silva (1998) dizem que provavelmente isso ocorra por uma questão cultural. As meninas adolescentes que fizeram parte da pesquisa eram de classes baixas, e o que ocorre com estas classes é que muito cedo as meninas iniciam a colaborar com os a fazeres domésticos, tendo pouco tempo para se dedicar ao lazer.

Os teóricos da motivação afirmam que:

“Logo, torna-se necessário que as atividades a serem desenvolvidas com as crianças tenham um real significado para elas. Se essa aprendizagem é significativa para ela, tem objetivos pré-determinados, respeita as diferenças individuais, atende interesses, e gera motivações” (OLIVEIRA, 1993, p.21).

Continuando com Bento, devemos concordar que existe grande preocupação e uma urgente necessidade de aprofundar as linhas de investigação. O futuro do desporto sugere várias medidas que poderiam ser adotadas para a melhoria deste.

Consideramos de grande importância para o esporte o que escreveu Bento; por suas palavras de extrema relevância e sensatez, decidimos colocá-las na íntegra:

O acesso das crianças e jovens ao desporto carece ser facilitado.

Igualmente devem ser aumentadas as possibilidades de praticar diferentes modalidades esportivas, num ambiente a todos os títulos agradável, retirando força e importância aos interesses dos pais e às pressões de alguns dirigentes desportivos o que coloca na lista de prioridades a questão da qualificação das lideranças.

O prazer de jogar e a aprendizagem devem estar em primeiro plano, ou seja, os valores intrínsecos ao desporto devem ter

a prioridade. O rendimento e a competição em nada contendem com a alegria, a brincadeira, o riso, a emoção, a criatividade, a cooperação e o sentido do companheirismo. Pelo que o desporto infanto-juvenil ganha credibilidade quando se configura inequivocamente, à luz de princípios pedagógico-didáticos e desacredita-se quando se conforma inteiramente às pretensões dos adultos.

O treino desportivo deve ser rico em diferenciação e individualização. Este propósito é contrariado por um treino demasiado formal e controlado.

Importa ganhar os pais e os responsáveis pela educação e pelo desporto para o fato de que atividade lúdica e desportiva espontânea e informal, durante a infância é de tanta ou maior importância do que a participação em desporto formal. Pelo que carecem de jogo e movimento corporais das crianças e menos para interesses das diferentes modalidades esportivas.

Incremento das campanhas de fair-play e de programas de férias desportivas nos períodos de paragem de atividades escolar.

O clube deve procurar desenvolver o talento desportivo do melhor modo possível, em vez de se preocupar obsessivamente com a sua descoberta, deixando de lado ofertas desportivas para outras crianças. A seleção de talentos, tal como uma acentuada especialização, não deve ter lugar antes da maturação dos adolescentes. Até porque as enormes variações no processo de maturação tornam os prognósticos muito incertos antes da adolescência.

A relação da criança com o desporto consigo e com o seu próprio corpo depende das vivências e experiências e resultados da aprendizagem de competências e de habilidades na atividade esportiva. Este aspecto de qualificação das experiências e do incremento da atividade de aprendizagem não pode ser descurado, tanto mais que se repercute no estilo de vida.

O desporto infanto-juvenil desempenha a relevante função de socialização e reprodução cultural. Pelo que nele deve ser recriados e transmitidos os princípios e valores essenciais à continuidade de existência da nossa cultura. (BENTO 1999. p.101).

Ao ler esta obra cabe ressaltar a grande relevância de suas idéias e a contribuição que elas podem oferecer a quem delas compartilhar. Aqueles que lutam por uma Educação Física de qualidade, uma permanência do esporte como parte integrante de um estilo de vida ativo não poderiam deixar de aplaudir suas palavras e tentar, mesmo que em pequenas porções, incorporá-las ao universo de nossos planos, onde neles se incluem crianças e jovens.

Fonseca (1997) atribui ao esporte um fator de desenvolvimento da saúde mental de crianças e adolescente, sendo as atividades esportivas uma ação profilática que pode ajudar a evitar a evasão escolar, o uso das drogas e a violência. Cabe a nós professores, buscar entendimento de como nosso papel é importante diante da diferença que

podemos fazer em relação a um trabalho bem planejado nas escolas, na comunidade ou qualquer lugar em que vamos desenvolver nossas atividades como professores de Educação Física.

“As crianças estão hoje entre aqueles que mais contribuem para o êxito dos esportes de competição, como expectadores e participantes” (DAVID, 1999 p.36).

As crianças de hoje, através da TV, têm conhecimento de muitos esportes inclusive suas regras mais atualizadas, pois são geralmente expectadores assíduos de programas esportivos, inclusive do esporte internacional.

David (1999) reconhece os benefícios para o desenvolvimento físico e mental das crianças, pois ajudam a memória e respeito a regras, concentração, responsabilidade e confiança em si mesmo. Porém, na década de 70 o esporte passou de um amadorismo para o profissionalismo, pois muitos treinadores ao invés de perguntar-se como o esporte poderia beneficiar as crianças perguntaram-se como as crianças, poderiam servir ao esporte. A vitória não mais considerada algo simbólico, mas tendo conseqüências concretas no terreno econômico, político e comercial.

Os esportes profissionais passam a se preocupar com os resultados para atender a um produto que exige cada vez mais a superação das marcas. Segundo este autor existe um acordo feito pelas Nações Unidas, ratificado por 191 países, que articulam o papel da criança na vida diária, como atividades sociais, os esportes funcionando dentro de um marco reconhecido. Em se tratando das crianças, os direitos devem ser respeitadas por pais, treinadores, federações e autoridades. Porém, isto muitas vezes não ocorre.

Estes artigos estão diretamente relacionados com os esportistas:

Artigo 2: velar pelos interesses das crianças.

Artigo 3: contar com a direção e assessoramentos apropriados.

Artigo 5: direito do próprio desenvolvimento.

Artigo 9: direito das opiniões das crianças sejam consideradas enquanto a hora de tomar decisões que lhes afetam.

Artigo 12: liberdade de expressão e associação

Artigos 13 e 15: proteção frente aos abusos, negligências e outras formas de violência.

Artigo 19: direito à saúde

Artigo 24: direito à educação

Artigos 28 e 29: direito ao descanso, ócio, lazer e atividades culturais.

Artigo 31: direito de ser protegido de exploração econômica

Artigo 32: direito de ser protegido das drogas ilegais

Artigo 35: direito de ser protegido de outras formas de exploração

Artigo 36: beneficiar-se de habitações

Artigo 39: a principal responsabilidade na hora de colocar em prática é do Estado, as federações desportivas quando aqueles países recebem subsídios do governo e dos adultos como treinadores, funcionários, pais e demais. (David, 1999. p.37-38).

Cauduro (2000), preocupada em como os professores de Educação Física desenvolviam suas práticas pedagógicas na escola, relata que, com suas experiências profissionais, podemos encontrar outros valores na escola, que não só aquele de selecionar os melhores. Podemos encontrar valores como o companheirismo, cooperação e prazer pela participação.

Durante os momentos de recreio na escola, podemos observar este espírito de socialização do esporte, quando se percebe que, ao encontrarem espaço para se movimentar, as crianças não precisam de muita coisa para que da união saia um jogo. A tampinha, a lata, a garrafa de refrigerante jogada no chão servem como bola para que se estabeleça o jogo.

Contudo Machado e Presoto (1997) nos dizem que a iniciação esportiva durante as aulas de Educação Física, comumente é usada na intenção da competição esportiva e que, na realidade, a aula deveria servir para que o aluno desenvolvesse o objetivo de cooperar com a sua formação.

Nos horários anuais da escola já constam da programação as interséries que são competições entre as turmas onde apenas os melhores têm direito de jogar, pois os que têm menos habilidades se constroem e eles mesmo se excluem dos jogos.

Os autores acima citados mostram grande preocupação de como o esporte acontece na vida das crianças, como se dá essa iniciação esportiva. Enfatizam o respeito pelo desenvolvimento infantil, respeitando as características da própria criança. As atividades desportivas com crianças estão revestidas não apenas de benefícios, mas elas podem trazer consigo certos graus de exagero que afetam aquelas crianças que se iniciam na atividade esportiva competitiva de maneira muito precoce. Vários estudos têm revelado que esse treinamento pode não ser notado enquanto as crianças são pequenas, mas se revelam prejudiciais, quando esses atletas alcançam a idade adulta privando-os da prática desportiva.

Vargas Neto (2000) preocupado com esse excesso de treinamento faz um alerta a todos aqueles que se envolvem com crianças na fase de iniciação esportiva. Falando sobre a Iniciação Esportiva Precoce, ressalta que existem muitas controvérsias em se tratando de atividade física esportiva. Normalmente se encontram pessoas com opiniões a favor e contra a I.E.P. O referido autor diz que, geralmente quem é a favor a I.E.P., são pessoas sem formação universitária, enquanto quem tem formação universitária, na maioria das vezes, condena esta prática.

Vargas Neto (1995) em sua tese doutoral faz alguns apelos às autoridades esportivas no sentido de que haja uma legislação que regulamente e controle as atividades esportivas com crianças. Devido a sua grande importância colocamos a seguir seus apelos:

- a) *“O número máximo de horas de treinamento de crianças;*
- b) *a intensidade e os objetivos destes mesmos treinamentos;*
- c) *a formação e a qualidade do ensino da pessoa responsável pôr estas atividades”.*

Confirmando, a Federação Internacional de Medicina Esportiva (1997) se posiciona alertando que um treinamento intensificado em determinados esportes de alto-rendimento não possui justificativa nem fisiológica, nem educacionais. Sob o ponto de vista psicológico, essas crianças e adolescentes muitas vezes são levados a um estresse físico e mental durante o treinamento e a competição, e isto significa uma das causas do abandono do esporte por muitos jovens.

De Rose Jr. (1998, p.1), ao se referir à competição, afirma e colocamos na íntegra, que esta não é prejudicial à criança desde que:

- *Respeitados os estágios de desenvolvimento, seu nível de expectativa e necessidades;*
- *Os adultos envolvidos tentem entender a competição sob o ponto de vista da criança e não sob o seu próprio ponto de vista;*
- *Se entenda que a criança é um ser em desenvolvimento e não uma miniatura compensadora de ansiedade de adulto frustrado esportivamente.*
- *Segundo este autor, cabe ao adulto adequar a competição às condições da criança de forma adequada e progressiva.*

A criança ao ingressar no esporte na maioria das vezes que isso ocorre necessita da presença de um adulto que faça esse ingresso. Por esse motivo que iniciamos os próximos capítulos fazendo uma discussão de como vários autores da área da Psicologia do Esporte percebem o envolvimento dessas pessoas, pais, treinadores ou qualquer outro membro da família em que a criança é inserida em uma ou mais de uma modalidade esportiva.

2.4 PAIS E TREINADORES NA VISÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE.

Nessa última década, percebe-se que milhares de crianças no mundo estão envolvidos em algum tipo de atividade esportiva, representando uma imensa parcela e, por isso, os estudos neste sentido têm provocado muito interesse. (BECKER JR.2000 b)

Os esportes raramente estão estruturados para atender as necessidades das crianças, pois, mesmo que se diminua a quadra ou se desça a tabela, deve-se levar em conta como se desenvolve esta prática pedagógica. Cobranças dos treinadores, cobranças de vitórias com as crianças, gritos em volta da quadra por parte do treinador (BRAUNER, 1994).

Segundo Cratty (1983), crianças são levadas a esportes estruturados da mesma forma que os esportes para adultos e delas é cobrado que façam o gesto certo, mas este certo pode não ser o melhor para sua idade, pois ela, às vezes, se vê incapaz de realizá-lo.

Cratty (1983) citando Berryman declara que nos Estados Unidos existem seis diferentes categorias de organizações que fazem programas esportivos, que vão dos grupos comunitários, até entidades comerciais e privados.

Discutindo com nossos alunos acadêmicos de Educação Física, podemos perceber que eles são contra as competições acirradas com crianças, mas muitas vezes o que está em jogo para eles é o seu emprego no clube e uma cobrança muito grande dos dirigentes; então, se o treinador das crianças não ganhar o campeonato ou não obtiver bons resultados, logo em seguida terá outro para ocupar o seu lugar.

Acreditamos que os nossos alunos são bem conscientes quanto a esse assunto, mas a intervenção deve ocorrer junto aos clubes e esse caminho a perseguir é árduo para todos que se preocupam com o esporte infantil.

Para Samulski (1995) devemos considerar o desenvolvimento integral da criança e ele nos diz que:

“Tanto no esporte escolar como no esporte de alto rendimento, o desenvolvimento integral da criança (motor, cognitivo, motivacional, emocional e social) deve ser considerado em primeiro lugar e não objetivar unilateralmente o desenvolvimento do rendimento motor esportivo e a otimização da performance” (SAMULSKI, 1995. p.30).

Muitos autores têm realizado estudos que apontam para os benefícios ou prejuízos que o esporte pode-lhes causar, dependendo da forma como lhes foi apresentado. (Hellsted, 1987; Roberts, 1992; De Knop et al. 1996; FEPSAC, 1996).

A FEPSAC - Associação Europeia de Associações de Psicologia do Esporte - faz recomendações quanto ao esporte para crianças e colocamos na íntegra estas recomendações:

O esporte infantil deve ser organizado com o objetivo primordial de aumentar o bem-estar da criança.

As pessoas envolvidas no esporte infantil devem compreender que a criança não é um adulto em miniatura.

A sub-cultura do esporte infantil deve ser criada com suas próprias regras e sistemas para a competição.

Devem ser oferecidas oportunidades para a criança praticar vários esportes, e evitar a especialização precoce.

Um clima de equilíbrio emocional deve ser criado para o esporte infantil enfatizando metas de auto-aperfeiçoamento, de desenvolvimento de novas habilidades, de cooperação e de sentimentos de autonomia.

Os adultos devem ter cuidado e uma atitude de aceitação para a criança e, quando for conveniente, promover a independência e colaboração em momentos de decisão.

Os treinadores devem ter um contato regular com os pais da criança para aquelas crianças envolvidas em esporte de alto nível, os pais devem fazer parte de sua equipe de apoio.

Os adultos envolvidos em esporte para crianças devem ter a oportunidade de receber ensinamentos sobre necessidades da criança e o desenvolvimento das mesmas no esporte.

Os adultos devem aprender a conhecer sintomas de problemas em potencial, como a ansiedade, ou os transtornos de alimentação, e buscar assistência especializada quando necessária. (FEPSAC apud BECKER Jr. 2000a. p.156).

Para De Rose, 2002 existem razões para que se incentive a competição em faixas etárias cada vez menores. Colocaremos a seguir algumas dessas razões:

- Modelos de competições adultas
- Modelos de atletas divulgados freqüentemente pela mídia
- Expectativas de atingir um nível muito alto no esporte
- Possibilidade de melhorar de status social dentro dos grupos
- Possibilidade de melhora econômica através da prática esportiva
- Próprio estilo de vida cada vez mais competitivo

Este autor definiu a competição infanto-juvenil como uma atividade organizada e controlada por adultos onde são formadas equipes onde se realizam torneios ou campeonatos onde é definido um vencedor. (DE ROSE JR. 2002).

2.4.1 Os familiares da criança no esporte

O pai é a figura mais importante da família e geralmente é quem faz a introdução da criança no esporte, conduzindo-a sem ao menos consultá-la. O papel da mãe tem tido mais importância nos dias de hoje. Muitas vezes, tendo a guarda dos filhos, preocupa-se que eles pratiquem uma atividade esportiva e também pode ser através da mãe que isto ocorra (BECKER Jr., 2000b).

Outro fator importante ao introduzir a criança no esporte é que muitos pais trabalham fora e, não tendo com quem deixar seus filhos os colocam em “escolinhas esportivas” que passam a ser, segundo Becker Jr. (2000b), “depósitos de crianças”, onde pais deixam seus filhos, para poder cumprir compromissos profissionais ou sociais.

Muitos pais quando jovens foram campeões em certas modalidades esportivas e sonham que seus filhos se tornem atletas, por isso os introduzem no esporte tão precocemente. Confirmando as idéias deste autor:

“A interação da criança na sociedade sofre influências em primeira instância dos pais, depois ao iniciar a vida escolar, sofre influência do professor e de outros grupos, como por exemplo, uma equipe esportiva” (SOBRINHO et al., 1997. p.66).

Scalon (1998) ao redigir seu estudo sobre aderência e abandono no esporte, afirma que os pais muitas vezes são fontes de estresse para os filhos:

"Os pais podem ser uma das fontes que provocam estresse nos jovens atletas. Todos os pais se identificam com os seus filhos e, como tais, querem e exigem deles um bom comportamento. Muitas vezes, porém, este grau de exigência torna-se por vezes excessivas e os filhos passam então, a ser simples prolongamento dos pais" (SCALON, 1998. p.40).

De Rose Jr. (1994) referindo-se à competição infanto-juvenil destaca a participação dos pais que "orientam" seus filhos da arquibancada, exigem pontuação, que o filho fique "homem".

As atitudes dos pais criam ansiedades, e as crianças acabam competindo não para seu benefício, mas para agradar o pai e a mãe. Contudo esse mesmo autor acredita que a competição é um evento que, se mal colocado na vida desses jovens, poderá interferir diretamente no seu processo de crescimento e desenvolvimento físico, intelectual, psicológico e social.

De Rose Jr. (1994) entende que a competição é inevitável na vida das pessoas e que se transportada ao âmbito esportivo de certos critérios e cuidados provocará níveis de estresse e ansiedade suportáveis não ocasionando rupturas no comportamento das pessoas.

Samulski (1995. p.86) falando sobre a influência dos pais nas atividades esportivas dos filhos, destaca: *"A ajuda financeira, coordenação das atividades familiares com atividades de treinamento e competição e apoio emocional durante a competição"*.

Percebe-se que muitas vezes a ajuda dos pais é importante no momento em que seu filho participa de alguma atividade esportiva.

Scalon (1998), fazendo seu estudo sobre motivação das crianças para a prática esportiva, enfatiza que é importante que os pais tenham uma participação equilibrada durante o desenvolvimento de seus filhos, nos programas esportivos. Ressalta que a conduta e as atitudes equilibradas dos pais fazem com que seus filhos se mantenham naquela atividade esportiva.

Muitas vezes:

“Problemas que ocorrem na transferência dos pais para filhos é quando estes querem fazer dos filhos, os jogadores que não foram. Outro caso é quando a criança gosta de determinado esporte e os pais não o aprovam. Passam, neste caso, a tirar dos filhos todas as oportunidades de vivência desta modalidade, tolhendo a individualidade esportiva, podendo levar a frustrações futuras tanto no aspecto esportivo como social e profissional” (SCALON, 1998. p.30).

Em um estudo feito por Almeida e seus colaboradores (1991), que analisaram pais de atletas que participavam de competições individuais e de esportes coletivos e possuíam valores diferenciados em relação ao que era sentido no momento em que seus filhos estavam competindo:

Esses autores analisaram os pais de atletas que participaram de competições de Ginástica Olímpica e Basquetebol e concluíram que para os pais de quem praticava Ginástica Olímpica encontraram valores mais elevados para o sentimento de medo na hora da competição.

A característica da Ginástica Olímpica onde as competições são curtas e decisivas, dependendo da capacidade individual, é o aumento da expectativa. No Basquete, em que resultado do jogo é partilhado por todos os elementos da equipe, e os momentos decisivos são distribuídos ao longo do jogo, dizem os autores, que é uma prática que possibilita mais a exteriorização desses comportamentos.

Os referidos autores fazem referência aos “treinadores de arquibancada”; dizem que muitas crianças, quando estão jogando e percebem a presença dos pais, sentem-se incomodados, pois, dependendo do relacionamento com esses pais, fora do contexto esportivo, eles preferem que os demais não o assistam a jogar.

Os pais, por sua vez, dizem não cobrar das crianças, e o que vemos realmente são pais quietos diante da “tela”, apenas olhando o jogo, mas o que ocorre em casa não podemos afirmar, por falta de dados mais conclusivos.

De fato, seria necessária uma investigação realizada no dia a dia da criança e com todos os grupos com que ela convive. Em muitos casos, a presença dos pais nos campeonatos é apreciada pelas crianças (SOBRINHO et al. apud MATTOS, 1996).

O técnico, diante da torcida familiar, é uma pessoa estranha, portanto, pode gerar conflitos com os pais que sentem a sua influência e não sabem lidar com isso diante dos seus filhos. Exercem o poder de interferir, aconselhando seus filhos, gritando e exaltando, contrariando as recomendações dos técnicos (MACHADO, 1997 a).

Para o dito autor, tal procedimento gera conflito e acaba reforçando o distanciamento existente entre família e clube, onde as regras e orientações são diferentes. Muitos treinadores preferem ver os pais longe das quadras onde seus filhos estão jogando, quando na verdade deveria haver uma interação e ainda assim nos diz:

“Aqui no silêncio são armazenados todos os lances e premeditações da partida, para numa conversa reservada vir à tona, como uma cobrança pesada e impossível de ser paga. O silêncio da arquibancada significa o barulho ensurdecedor das discussões familiares: no lar, todos falam, todos palpitam, todos analisam e apresentam resultados para os problemas assistidos, cabendo ao atleta consentir, calar ou partir para a defesa de sua opinião ou gesto, evidentemente que antevendo a derrota, diante de argumentações hostis e banais” (MACHADO, 1997 a. p.76).

Becker Jr. (2000b) salienta que, para os treinadores, torna-se difícil manejar o tema pais, pois os pais e filhos possuem laços afetivos muito grandes, e que para o treinador, mesmo que experiente, seria difícil de fazer uma intervenção. Esse autor afirma que deve haver uma intervenção mais complexa que seja direcionada e de forma educativa. E considera importante que as relações entre técnico e pais não sejam apenas no aspecto social e, sim, que devam ser institucionalizadas fazendo com que os pais estejam presentes de forma efetiva na vida esportiva de seu filho, mas que a instituição que vai desenvolver este trabalho de iniciação deve ter um programa de intervenção com os pais.

Gordillo (2000) nos diz que se faz necessário que ocorra uma intervenção com os pais, quando esses colocam seus filhos em uma escolinha esportiva, para que eles conheçam a filosofia de trabalho dessa instituição. E Becker Jr, 2000b ratifica que:

“Isso requer que nos centros exista um programa que regule as relações com os pais desde o momento que a criança se inscreva para participar de suas atividades e as realize durante toda a sua permanência no esporte” (BECKER JR., 2000b. p.122).

Brauner (1994), ao realizar seus estudos com professores de escolinhas esportivas de basquete em Barcelona, salienta que os professores com uma atuação mais aberta e interessada encontram eco nos pais. E este, recomenda, devem ser chamados a participar dos programas de iniciação ao basquete, repercutindo não só no campo desportivo, mas no campo social e afetivo.

2.4.2 Os Treinadores

Após vários estudos realizados na área da Psicologia do Esporte em relação ao treinador esportivo e a importância das suas qualidades para que as crianças permaneçam no esporte, podemos afirmar que ainda existem muitos que não conseguem fazer uma auto-avaliação de sua conduta, quando trabalham com crianças, trazendo para dentro da quadra ou campo uma grande pressão para essas crianças que se traduz em uma comunicação permeada por gritos, xingamentos que mesmo os adultos não suportariam ouvir.

Becker Jr. (2000b) investigou quem trabalha como treinador nas escolinhas esportivas que se encontram por toda parte. Segundo esse autor podemos encontrar ex-atletas, alunos do curso de Educação Física e professores de Educação Física. Inúmeros ex-atletas abriam uma escolinha esportiva por sua conta, para com isso obterem uma boa remuneração. Atualmente, com a regulamentação da profissão Educação Física existe uma cobrança em cima dessas pessoas que estejam fazendo a Faculdade de Educação Física para poder ter uma escolinha esportiva; assim, nas aulas que ministramos na graduação, encontramos muitos alunos que ali foram buscar a qualificação profissional para suprir essa necessidade.

Concordamos com Becker Jr. (2000b), quando diz que alunos do curso de Educação Física sonham em trabalhar com escolinhas para ganhar seu próprio sustento e mesmo poder pagar o seu curso. Muitos alunos que estão fazendo o primeiro semestre já trabalham com crianças, e foram buscar a graduação pelos mesmos motivos dos ex-atletas: a regulamentação exige que estejam na Faculdade de Educação Física. Assim, percebe-se que a preocupação de muitos é estar dentro da lei e não por estar consciente que é importante o professor estar constantemente atualizando-se, o que a Universidade deve proporcionar.

Para o citado autor, vários professores de Educação Física atuam nas escolinhas esportivas, levadas muitas vezes a isso por terem salários muito baixos nas escolas públicas; desse modo, encontram uma forma de aumentar sua remuneração.

“O comportamento do treinador deve servir de exemplo para o atleta, especialmente atletas jovens. Ele deve comportar-se de forma positiva, controlada e emocionalmente equilibrada” (MOSQUERA e STÖBAUS, 1994. p.160).

Ainda assim Campbell (1998), referindo -se aos treinadores que trabalham com jovens praticantes de desporto, diz que eles devem ter a ética e a moral de, nesse papel, não abusarem da posição que ocupam. Por ser amigo, conselheiro, protetor, muitas vezes assume um poder de influenciar esses jovens praticantes.

Brauner (1994), em sua tese doutoral, analisou a prática pedagógica de professores das escolinhas desportivas de basquete de Barcelona. Em seus estudos utilizou como instrumento de coleta de informações observações e entrevistas, podendo constatar que, apesar do discurso que vários professores tinham, havia uma tendência a modelos do esporte federado e ao ensino tradicional, sendo suas atividades centradas na competição e na busca de talentos.

“A través da análise dos objetivos anunciados pelos professores para suas atividades se pode ver claramente que os objetivos centravam a atenção em atividades desportivas do bairro e/ou que desenvolver as capacidades das crianças para o basquete, superavam amplamente aqueles relacionados com o desenvolvimento individual da criança” (BRAUNER, 1994. p.353).

Esse autor acrescenta que os professores e monitores sabem da importância de se desenvolver um programa de atividades desportivas para crianças, levando em conta o caráter lúdico e descomprometido, mas seus discursos são muitas vezes incoerentes com sua prática.

Evidenciando a importância do treinador e sua prática pedagógica, encontramos na literatura internacionais preocupações que vêm ao encontro dos estudos de Brauner (1994), levando-nos a acreditar que, mesmo mudando o contexto, os objetivos sejam os mesmos, perpetuando-se o treinamento e o esporte encarado nos moldes do adulto. Acreditamos que enquanto não pensarmos no esporte infantil sob a perspectiva das crianças, o esporte será encarado como algo para adultos.

“A figura do treinador, o seu papel e função como personagem pedagógica revestem grande interesse para a reflexão e investigação. É irrecusável que o treinador exerce uma influência muito pronunciada sobre os princípios, valores, orientações e sentidos de vida de seus atletas. Pelo menos é isso que se depreende de numerosos testemunhos e depoimentos de antigos e atuais desportistas. E, no entanto tudo isso se encontra por problematizar em termos pedagógicos” (BENTO 1999. p.84).

As crianças quando iniciam uma atividade esportiva necessitam que seus esforços sejam reconhecidos pelo seu professor ou treinador; se não ocorrer isto, estas mesmas crianças poderão desenvolver um sentimento de inferioridade com o esporte, não querendo praticá-lo mais e vindo a abandoná-lo, pois, quando tiver oportunidade de praticá-lo, seus pensamentos serão sempre voltados àqueles momentos em que se sentiu excluído.

Quem consegue esquecer os professores de Educação Física que tivemos, atuando como treinadores, mesmo sendo muito distante a época, nos tempos de escola fundamental? E suas atitudes ficam guardadas em nossas lembranças, dada a importância que têm nessa idade, quando a criança precisa aprovação externa das coisas que faz, para não desenvolver um sentimento de inferioridade (ERICKSON, 1971).

Antonelli e Salvini (1982) manifestaram preocupações com a idade dos praticantes de atividades esportivas que estavam se tornando cada vez mais precoces, exigindo que o treinador, para isso, desempenhasse o papel de um educador. O treinador deveria ampliar seus conhecimentos e aprofundá-los com a literatura científica, participar de cursos de atualização e cooperar nas investigações do campo desportivo.

O bom treinador (bom, se entende, desde o ponto de vista psicológico) deve saber ser autoritário ou permissivo, paternal ou fraternal, segundo as circunstâncias e sobre tudo segundo seus atletas (ANTONELLI E SALVINI, 1982. p.250).

A preocupação da Psicologia do Esporte parte do princípio de que as ações que se relacionam com as crianças no esporte devem ter um caráter antes de tudo educativo; ratificando tal postura, Campbell (1998) diz:

“As tarefas do treinador de jovens são um desafio permanente, aliciante e ao mesmo tempo recompensador. Trata-se de uma oportunidade de moldar as vidas de muitos jovens dos quais alguns poderão vir a chegar a ser campeões, mas muitos outros nunca conseguirão chegar a esse momento. Os treinadores desempenham um papel central na saúde de qualquer país e, neste caso, dos jovens praticantes, pelo que teremos de trabalhar sem descanso no sentido de conseguir uma intervenção correta da sua parte”.(CAMPEBELL, 1998. p.35).

Cada treinador possui uma conduta específica para trabalhar e que está relacionada com o seu estilo de liderança:

2.4.2.1 Estilos de lideranças de treinadores

Existem vários estudos que tratam de verificar os estilos de lideranças dos treinadores e um deles, segundo Becker Jr. (2000), é o realizado através da escala de LSS (Chelladurai e Saleh, 1980). O dito trabalho apresenta quatro dimensões de conduta com uma das quais o treinador poderá se identificar.

Dimensão 1 - conduta orientada para o relacionamento: ela se caracteriza pelo treinador ter preocupações com as relações interpessoais, tratando os seus atletas de forma cordial, proporcionando-lhes bem-estar e um clima positivo.

Um outro estudo, feito através de uma abordagem teórica de Lombardo et al. citados por Becker Jr. (2000a), descreveram o treinador através de um modelo humanista, de modelo educacional, devotado ao desenvolvimento do indivíduo. Esse treinador tem preocupação com a pessoa como um todo, oportunizando a seus atletas momentos para refletirem sobre suas vivências esportivas. As necessidades dos atletas vêm antes das necessidades do treinador e, para isso, ele precisa ser um ouvinte atento.

Quando os treinadores seguem esse modelo, há mais alegria nos grupos que são orientados, embora os treinadores mantenham sua postura de líder.

Dimensão 2 - conduta orientada para a tarefa: o treinador que possui esse tipo de liderança objetiva em seus trabalhos o rendimento do atleta, desenvolvimento das habilidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas. Esse modelo preocupa-se com a eficácia dos treinamentos e pode ser observada pressão no grupo para o rendimento, cumprimento de metas, mais ansiedade e menos alegria.

Dimensão 3 - conduta democrática: neste tipo de conduta o treinador permite que o grupo tenha participação nas decisões ligadas às metas do grupo, quanto ao treinamento, tática e estratégias de competição.

Dimensão 4- conduta autocrática: segue um modelo de treinador que expressa decisões independentes para o treinamento; ao grupo não é permitida decisão, e o treinador as toma independente do grupo. Existe uma tendência ao autoritarismo neste modelo.

2.5 MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA ESPORTIVA

A motivação segundo Weinberg e Gould (2001) possui duas fontes. Uma delas é chamada motivação extrínseca, que vem através das outras pessoas por meio de reforços que podem ser positivos ou negativos.

As recompensas extrínsecas são as medalhas, troféus, faixas, dinheiros jaquetas que são dadas aos atletas. Esses autores dizem que aqueles que defendem esse tipo de recompensa argumentam que elas aumentam a motivação, intensificam a aprendizagem e aumentam a participação.

A motivação intrínseca ocorre quando um indivíduo se esforça interiormente para ser competente e autodeterminado, a fim de dominar a tarefa que está executando. A motivação intrínseca está presente em atletas que fazem determinada atividade esportiva por amor ao esporte. (WEINBERG e GOULD, 2001).

Pesquisas realizadas em relação à motivação concluíram que recompensas extrínsecas podem diminuir a motivação intrínseca e assim: *“Ser pago para trabalhar em uma atividade intrinsecamente interessante pode diminuir a motivação intrínseca da pessoa”*. (WEINBERG e GOULD, P.153,2001).

Para Weinberg e Gould (2001) inúmeras pesquisas foram realizadas em relação à diminuição da motivação intrínseca com recompensas extrínsecas e o que foi concluído é que nem sempre a motivação intrínseca é diminuída pela motivação extrínseca de uma forma geral, mas com relação às pesquisas realizadas no âmbito do esporte e exercício inúmeros casos em que as recompensas extrínsecas realmente prejudicam e reduzem a motivação intrínseca.

Tresca e De Rose Jr (2000, p.24) em pesquisa realizada em um estudo comparativo sobre escolares praticantes e não-praticantes de dança, analisam o processo de direção de um motivo para a prática esportiva e nos dizem que:

“Constata-se que a motivação, como constructo abstrato, é um termo amplo, que inclui necessidades, impulsos, desejos, interesses, propósitos, atitudes e aspirações de um indivíduo. O motivo é, portanto, um fator interno que aciona o comportamento”.

O processo motivacional é uma função dinamizadora da aprendizagem. Os motivos canalizam as informações percebidas na direção do comportamento”.

Cratty apud Scalon (1998. p.17) nos afirma:

“O termo motivação denota os fatores e processos que levam as pessoas à ação ou à inércia em diversas situações. De modo mais específico, o estudo dos motivos implica o exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas, com maior empenho do que outras ou, ainda, persistir numa atividade por longo período de tempo”.

Para Cratty (1983) os motivos que levam alguém a praticar um esporte são formados pela combinação entre fatos que ocorreram anteriormente e atuais e que atuam sobre a consciência do atleta.

Ao se referir aos motivos Winterstein (2002, p.78) afirma que:

“Os motivos são construções hipotéticas, que são aprendidas ao longo do desenvolvimento humano e servem para explicar comportamentos. As explicações para as ações baseiam-se na suposição do que a ação é determinada pelas expectativas e pelas avaliações de seus resultados e pelas suas conseqüências”.

Murray citado por Weinterstein (2002) nos diz que esse autor classifica os motivos em dois grupos inatos ou primários e adquiridos ou secundários. Um dos motivos mais pesquisados segundo o referido autor está o motivo de realização, responsável pela motivação nos momentos de rendimento e competição. E define motivo de realização como sendo: *“Esforço do indivíduo ao concluir uma tarefa, atingir excelência, superar obstáculos, atuar melhor que os outros e orgulhar-se das suas habilidades”.*

Winterstein (2002) define duas das diversas teorias de motivação que colocaremos a seguir:

a) Expectativa de Êxito e Medo de Fracasso

Dentro da teoria do motivo de realização à atividade é orientada para a realização em que o indivíduo possui uma expectativa de que tenha seu desempenho avaliado com algum padrão de excelência. E segundo esse autor a atividade orientada para realização sofre influências da resultante de um conflito entre duas tendências opostas, alcançar o êxito e evitar o fracasso. O que confirma isso é que: *“Os indivíduos com forte motivação para a realização trabalham mais, aprendem mais depressa e são mais competitivos do que aqueles que possuem baixo nível de motivação”*.(WINTERSTEIN, 2002, P.79).

b) Orientação para o Ego e para a Tarefa

A orientação para o ego e para a tarefa é metas estabelecidas pelos indivíduos que são a maneira que ele vê seu nível de competência e habilidade e tem os seguintes comportamentos segundo Winterstein (2002 p.82): *“Indivíduos orientados para a tarefa estão preocupados com a demonstração da aprendizagem e com o domínio da tarefa”*.

Esses indivíduos que são orientados para o Ego buscam motivação externa e fazem comparação de suas capacidades com a de outras pessoas. (Winterstein, 2002).

c) Percepção de Competência

A percepção de competência segundo Winterstein (2002, p.83) se caracteriza em: *“É um motivo multidimensional que conduz o indivíduo nos domínios cognitivo, social e físico”*.

Refere-se ao prazer intrínseco que acontecem através do êxito e que aumentam o esforço para realização de uma tarefa, em contrapartida a percepção de incompetência giram ansiedade e podem diminuir o esforço na realização.

Para esse autor é importante que as pessoas estabeleçam metas condizentes com as suas capacidades de alcança-las. Por essa razão, sugere que cada um deve ter como referência suas próprias normas, evitando se comparar com os outros e sim a valorização de cada um individualmente.

2.5.1 Estudos sobre motivação

Existem vários autores que se preocuparam em investigar os motivos que levam as crianças e adolescentes a aderirem à prática de atividades esportivas. A seguir colocaremos os resultados de algumas pesquisas sobre esses motivos:

Para Scalon (1998) que realizou pesquisa com crianças os praticantes de 09 a 12 anos de idade, de ambos os sexos, voluntários, inscritos nas diversas escolinhas desportivas de um Clube Esportivo na cidade de Novo Hamburgo-RS, no total de 119 sujeitos encontrou como resultado de sua investigação nesse contexto estudado, que os motivos que as crianças nessa faixa etária aderiam ao esporte eram as seguintes:

As crianças ao ingressarem num programa de iniciação esportiva vão a busca do divertimento, da alegria e do prazer, da saúde, aprimorar suas habilidades esportivas, encontrar amigos e fazer novas amizades, participar e fazer parte de um grupo esportivo. Os resultados que esse autor encontrou foram verificados através de um questionário de motivação que por ele foi modificado e validado para realizar esse estudo.

Um outro estudo sobre motivação para a prática desportiva foi realizado por Cardoso (1998) os motivos mais valorizados considerando a amostra nas estratificações por sexo, grupos de idades e níveis de prática desportiva foram: desenvolver habilidades, o gosto por praticar desporto, para ser um atleta e para ser um atleta e vencer. Os motivos de encontrar amigos, divertir-se e para brincar, receberam a menor atribuição de valor, assim como, os motivos de emagrecer e para não ficar em casa.

Estudo realizado por Paim (2001), com adolescentes que praticavam futebol, numa faixa etária de 12-14 e 15-17 anos, concluiu que os levaram a praticar esta modalidade esportiva teve como fator dominante à competência desportiva (80,0% e 79,3%), respectivamente o grupo de 12-14 e 17 anos. A categoria saúde obteve um percentual de (75% e 69,2%). Já os adolescentes nas duas faixas etárias supervalorizaram a categoria saúde (76,7 e 85,0%). Em segundo lugar, a categoria amizade/lazer (74,0 e 80,0%) ficando a competência desportiva em menor preferência.

Tresca e De Rose Jr, 2000 analisando o estudo sobre motivação nas aulas de Educação Física em abordagens qualitativa e quantitativa concluíram que os dois grupos estavam significativamente mais intrinsecamente motivados do que extrinsecamente

para as aulas sendo assim, houve uma maior motivação interna que podemos ver a seguir:

“Na análise qualitativa, o GD, em comparação ao GC, apresentou justificativas que permitem constatar evidências de aspectos mais auto-realizadores, como estados de ânimo mais positivos, socialização, maior presença do componente lúdico, auto-afirmação, perspicácia e crítica. Estes dados são indicadores de maiores oportunidades para manter-se estados motivacionais internos”.

E por Tresca e De Rose Jr, 2000 foi sugerido que os profissionais da área da Educação Física Escolar priorizem em suas diretrizes de trabalho ações preventivas e aplicativos que possibilitem a diversificação dos conteúdos e atividades favorecendo a percepção de realização e afirmação, sendo cuidadosos com a utilização de recursos externos para que a manutenção e prevalência das razões internas permitam a expressão e estruturação da personalidade, levando ao prazer e autonomia dos alunos.

Em uma pesquisa bibliográfica realizada por De Rose, Jr. Campose e Tribst, (2001) que teve como objetivo verificar os motivos para a prática de basquetebol em jovens brasileiros: foi concluído que para o sexo masculino os motivos extrínsecos são mais relevantes do que os motivos intrínsecos, enquanto que para o sexo feminino existe um equilíbrio entre os motivos extrínsecos e os intrínsecos que levam a prática do basquetebol e quanto às categorias pela sua relevância e importância podemos dizer que:

“A categoria mais relevante para ambos os sexos dentro dos motivos intrínsecos foi o prazer pela modalidade na qual mais da metade das respostas foram preenchidas por esta categoria. Contudo, a mais importante para esta amostra foi à categoria geral pessoas significativas, incluída nos motivos extrínsecos, que para o sexo feminino teve a família como a categoria específica mais relevante, juntamente com professor/técnico, enquanto para o masculino a família também o foi, porém com uma frequência menor, pois professor/técnico, amigos e modelos também foram significativos”.

E segundo esses autores foi concluído através dessa revisão de literatura que o professor/técnico deve estar preparado para atuar no esporte sabendo se relacionar e orientando as pessoas que não têm conhecimento, como são o caso dos diretores de

escolas, donos de escolinhas ou clube, e principalmente os pais. Com isso os autores concluem que é tarefa importante do professor/técnico de:

“Compreender também que os pais e outras pessoas que possuem influência na vida da criança é essencial para os professores/técnicos nas categorias infanto-juvenil, pois é de responsabilidade deles orientar os pais da importância do seu papel na vivência deste jovem no esporte, tendo em vista que a família pode cooperar para que esta experiência seja algo menos estressante do que já é por se tratar das exigências que o esporte impõe aos seus praticantes”.

De Rose Jr (2002) nos diz que existem inúmeros motivos psicológicos e sociológicos que levam a criança a se envolverem no esporte como: afiliação, desenvolvimento das habilidades, diversão, sucesso, status, manutenção das condições físicas e gasto de energia e diz que outros fatores merecem consideração como independência, agressividade e a influência de outros (pais, amigos).

Ainda referindo-se à motivação, Garcia (2000), citando estudos de Skubic (1956), Gill, Gross e Huddleston (1983), diz que resultados são os mesmos, apesar de pesquisar quase 30 anos depois, ou seja, chegar a conhecer outras crianças, divertir-se, ter oportunidades de não fazer travessuras, desenvolver o sentido do esporte e melhorar as destrezas específicas do esporte.

Garcia (2000) afirma que para estudar o fenômeno que envolve a prática esportiva, precisamos estudar os motivos que levam crianças e jovens a praticá-las, para que eles não as abandonem e diz que as investigações, embora escassas em relação aos motivos que levam as pessoas à prática esportiva, já são consistentes.

3 DECISÕES METODOLÓGICAS

Nas últimas décadas com o grande número de crianças que está aderindo às atividades esportivas, no campo da investigação, tem surgido a preocupação em realizar um estudo que se verifique a partir da perspectiva desses sujeitos, o que ocorre nesse contexto da criança no esporte, onde aparece a tríade criança, pais e treinador.

Na área da Psicologia do Esporte, percebe-se que as pesquisas estão voltadas para um paradigma mais quantitativo; no entanto, levando-se em consideração que se trata de um estudo, cujo interesse é investigar a complexidade e a subjetividade das questões que envolvem as relações entre os sujeitos envolvidos no esporte infantil, estamos procurando aqui buscar novos caminhos, usando um paradigma qualitativo, com a intenção de também ampliar o nosso conhecimento.

Assim, o presente estudo insere-se nesse contexto, uma vez que o interesse é estudar a comunicação entre as crianças, pais e treinadores de uma escolinha esportiva de basquetebol, da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre, nas aulas e nos eventos esportivos a partir da perspectiva e ações dos próprios sujeitos. O problema da investigação ficou definido dessa forma:

Como ocorre a comunicação entre as crianças, os pais e os treinadores, em uma escolinha esportiva de basquetebol, nas aulas e nos eventos esportivos da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer, do Município de Porto Alegre?

Com a finalidade de buscar respostas para o problema proposto, foram formulados os seguintes objetivos:

- Verificar a comunicação entre as crianças e os pais, em relação aos motivos que os levam a buscar a escolinha esportiva de basquetebol da SME.
- Verificar a comunicação entre os pais e os treinadores em relação à proposta da escolinha esportiva de basquetebol da SME.
- Verificar a comunicação entre as crianças, pais e treinadores da escolinha esportiva de basquetebol da SME, durante as aulas e os eventos esportivos.

Considerando a área de interesse do estudo e principalmente os objetivos formulados, a trajetória metodológica aqui delineada, fundamenta-se no paradigma interpretativo-qualitativo, com especial enfoque num estudo do tipo etnográfico.

Referimo-nos ao estudo do tipo etnográfico, especificamente aos que se desenvolvem na área da educação, não é necessário cumprir certos requisitos como uma longa permanência no campo, o contato com outras culturas e o uso de amplas categorias na análise de informações (André, 1995).

“O que se tem feito, pois é uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito” (André, 1995. p.41).

Esse estudo caracterizou-se por ser exploratório, em um primeiro momento; nele pretendemos descrever o fenômeno e as possíveis relações que se processaram no contexto focalizado. Para fundamentá-lo fomos buscar apoio em Triviños (1987. p.109), quando enfatiza *“que os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de um determinado problema”*.

Este processo, no presente estudo, ocorreu quando fizemos aproximações preliminares, ou seja, após decidir onde realizaríamos o estudo; fomos até as Unidades Recreativas onde se desenvolviam os trabalhos com as escolinhas esportivas, para conhecê-las.

A escolha do paradigma qualitativo foi feita, pois se tratava de um tema complexo e subjetivo que envolvia as crenças, os valores e as convicções dos sujeitos envolvidos. Um estudo que segundo nossa opinião necessitaria várias idas ao campo, falar com as pessoas envolvidas, participar daqueles momentos em que eles são atores em um determinado contexto.

Conforme afirma Negrine (1999. p.61):

“Mais recentemente a etnografia, como modelo viável de investigação dentro de uma perspectiva de paradigma qualitativo, passa a ser utilizada no campo da educação, fundamentalmente em estudos que se propõe investigar as relações e comportamentos complexos e subjetivos como os que ocorrem no âmbito escolar”.

Estamos conscientes que os estudos descritivos em Psicologia do Esporte, seus instrumentos de coleta de informações, usam de técnicas quantitativas, e as que nós escolhemos, por se tratar de um estudo do tipo etnográfico são técnicas qualitativas para obtermos informações; sendo assim, foi necessário que buscássemos aprofundar nossos conhecimentos, para fundamentar esse estudo.

Segundo André (1995. p.25), *“a necessidade de ir além, ultrapassar a dicotomia qualitativo-quantitativo é tentar encontrar respostas para inúmeras questões com que nos defrontamos diariamente”.* O pesquisador deve ter coragem para correr riscos, quando escolhe um método de abordagem de seu estudo.

O método deve estar muito próximo do objetivo do estudo, portanto devemos nos arriscar por caminhos, sem medo de errar, mesmo que eles tenham sido pouco percorridos. O estudo torna-se árduo; pesquisar significa resolver problemas e, muitas vezes, sofrer com as nossas limitações, mas descobrir que nossa capacidade de resolvê-los pode ir além do que imaginávamos é por demais gratificante.

Sobre a pesquisa qualitativa, Molina Neto (1999. p.99) enfatiza que:

“É o fato desse conectar-se com a realidade, ou seja, possibilitar mais a interação teórico-prática e, por isso afastar mais os riscos de simplificações”.

A escolha de um estudo do tipo etnográfico ocorreu pelo fato do contexto estudado ser uma escolinha esportiva, onde encontramos ações pedagógicas desenvolvidas por treinadores que têm sua formação como professores de Educação Física ou são acadêmicos desta área.

Em Molina Neto (1999. p.107) lemos que:

“A etnografia vem encontrando, no âmbito da educação, um terreno fértil para o seu desenvolvimento, principalmente porque os enfoques sistematicamente utilizados nas pesquisas educativas não oferecem respostas satisfatórias para uma série de questões, que vêm progressivamente se configurando em relevantes problemas de pesquisa”.

Gómez e Jiménez (1996. p.44) constataram:

“Através da etnografia se persegue a descrição ou reconstituição analítica de caráter interpretativo da cultura, formas de vida e estrutura social do grupo investigado”. Ainda segundo estes autores: “as famílias, uma escola, uma classe, um claustro de professores, são alguns exemplos de unidades sociais educativas que podem descrever-se etnograficamente”.

Dessa forma o objetivo desse estudo encaminhou-se para uma pesquisa de corte qualitativo, pois valendo-nos de um estudo do tipo etnográfico, propusemo-nos a verificar a comunicação entre os treinadores, as crianças e os pais, em uma escolinha esportiva de basquetebol, da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre, nas aulas e nos eventos esportivos.

Esse tipo de abordagem, como nos diz Negrine (1999. p.61) "*se centra na descrição*". Esse estudo pretendeu através das informações obtidas, interpretar o contexto estudado, a partir da perspectiva desses sujeitos envolvidos.

Não pretendemos com esta investigação fazer generalizações, pois, mesmo que ocorram situações semelhantes, as interpretações aqui manifestadas cabem apenas no âmbito do contexto estudado, onde as pessoas aparecem com seus valores, suas crenças e suas visões de mundo muito pessoais; no entanto, gostaríamos de contribuir, com a presente pesquisa, para possibilitar momentos de reflexão, quando, retornarmos com nossos resultados aos colaboradores do trabalho.

As estratégias metodológicas que foram utilizadas nesse estudo estão de acordo com o que foi referenciado pelos autores anteriormente citados. Isto pode ser confirmado pelo seguinte elenco de fatos:

- a) A pesquisadora realizou o trabalho de campo junto à turma da manhã e da tarde que faziam parte da escolinha esportiva de basquetebol da SME;
- b) As observações aconteceram semanalmente de novembro de 2000 a novembro de 2001;
- c) As coletas de informações foram realizadas por meio de observações, diário de campo e entrevistas, tudo detalhadamente descrito;
- d) As análises e interpretações das informações foram realizadas a partir das informações obtidas através das técnicas de coleta de informações, utilizadas durante o trabalho de campo.

Para uma melhor compreensão do processo de investigação e seguindo as orientações metodológicas que definem o modelo qualitativo, definiremos as fases que compõem este processo.

3.1 FASES DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

As fases do processo de investigação tiveram como fundamentação teórica os estudos de Negrine (1993) que se caracterizou por dividir o trabalho em cinco fases distintas:

Quadro 1 – Fases do processo de investigação

1ª fase:	Definição da área de estudo: a) escolha do tema; b) definição do problema; c) definição dos objetivos do estudo; d) delimitação das questões da pesquisa; e) elaboração da fundamentação teórica.
2ª fase:	Definição das estratégias metodológicas: a) definição do paradigma e do método de investigação; b) definição dos participantes.
3ª fase:	Definição das técnicas para coleta de informações: a) definição e elaboração dos instrumentos; b) realização do estudo preliminar.
4ª fase	Coleta de informações: Instrumentos utilizados: a) observações; b) entrevistas. c) análise de documentos: d) diário de campo.
5ª fase:	Análise das informações: a) descrição da análise; b) discussão e interpretação.

A primeira fase, definição da área de estudo, constituiu em escolher o tema; na ocasião que essa fase ocorreu, estávamos tendo aulas de Metodologia da Pesquisa, onde podíamos refletir sobre o tema que pretendíamos investigar, bem como certificarmos-nos de que este tema seria relevante, factível e que nós tivéssemos "fôlego" para desenvolvê-lo.

Nessa fase a conversa com o nosso orientador fora fundamental; depois de nos definirmos pelo assunto, a formulação dos objetivos, o delineamento do problema, as questões de pesquisa orientaram a elaboração do referencial teórico, norteando-nos para as demais fases da investigação.

Na segunda fase, definição das estratégias metodológica, foi fundamental as aulas com Molina Neto (2000) que nos proporcionou o exercício teórico-prático do que se tratava um estudo do tipo etnográfico e para tomar essas decisões foram necessárias muitas horas de estudo, pois precisávamos uma boa fundamentação teórica, a fim de tomar as decisões acertadas para conduzir o trabalho.

Os participantes do estudo foram sendo definidos com o decorrer do trabalho; quando iniciamos, a maioria das crianças tinha de dez a doze anos, mas, no decorrer das tarefas, algumas delas completaram treze e continuaram freqüentando as aulas; então, achamos relevantes entrevistá-las pela representatividade que dariam ao estudo.

A terceira fase, definição das técnicas para coleta de informações e definição dos instrumentos utilizados, apresenta e descreve como serão aplicados os instrumentos elaborados para coleta de informações, observação, as entrevistas, diário de campo e a análise dos documentos. Antes de realizar o estudo propriamente dito, fizemos um estudo preliminar com a turma da tarde, similar aquela que iríamos fazer o estudo propriamente dito, para adequar os instrumentos de coleta de informações (Negrine, 1999).

A quarta fase corresponde à coleta de informações, que se caracterizou pelo estudo de campo. Aqui, o trabalho ocorreu novembro de 2000 a novembro de 2001 e compreendeu as aproximações preliminares, o estudo preliminar e o estudo propriamente dito, abordando a aplicação das técnicas de observação das aulas, realização das entrevistas com os treinadores, os pais e as crianças, recolha dos documentos pedagógicos colocados a nosso dispor pelo coordenador das escolinhas ou professores das mesmas.

A quinta fase compreendeu a descrição e a análise das informações, bem como a discussão e interpretação das informações coletadas no trabalho de campo.

3.1.1 Seleção dos participantes

A nossa preocupação ao selecionar os colaboradores do estudo foi usar um critério de representatividade, expressa por Minayo (1992), quando fala da pesquisa que possui uma abordagem qualitativa.

Em virtude de termos ficados um bom tempo no campo, as pessoas já nos conheciam; quando íamos assistir às aulas, aos eventos passamos a não ser mais uma estranha para eles. As poucas pessoas que assistiam as aulas tinham curiosidade em saber o que tanto nós escrevíamos e nós explicávamos o motivo, assim surgia a conversa de maneira muito informal.

As pessoas foram convidadas a participar do estudo e sempre através de seu consentimento íamos agendando as entrevistas, pessoalmente ou através do telefone. Determinada mãe disse que nos daria a entrevista, mas quando chegou a hora, negou-se alegando que não tinha muito conhecimento do basquetebol para falar e que seu marido falaria por ela. Outro acontecimento foi uma avó que concordou em participar do estudo, mas juntamente com seu neto não compareceram mais às aulas da escolinha e nós não tivemos mais notícias deles.

Os demais entrevistados foram agendados para as entrevistas através de uma conversa informal com as crianças; aos pais enviávamos o convite por intermédio dos filhos ou por telefone. Os pais compareciam ao local das aulas, onde realizávamos as entrevistas ou elas ocorriam durante os eventos, quando nós os abordávamos e perguntávamos se gostariam de nos conceder uma entrevista para o estudo em questão.

a) **As crianças:**

Foram entrevistadas 11 crianças. O critério para selecioná-las foi que tivessem de dez a doze anos; mas, como o nosso estudo foi prolongado, entrevistamos crianças que no decorrer do trabalho completaram treze anos e continuaram freqüentando as aulas com a mesma turma; como nosso critério de escolha sempre foi à

representatividade, os meninos e as meninas de treze anos fizeram parte do estudo também.

Selecionamos crianças, de ambos os sexos, que estava há menos tempo e há mais tempo na escolinha. Os convites para participar como colaboradores foi através de uma conversa em que nós explicamos a eles o trabalho, solicitando-lhes a colaboração.

b) Os pais ou familiares das crianças:

Entrevistamos dez (10) pais e uma (1) avó em nosso estudo. Os pais ou familiares foram convidados a participar das entrevistas, por intermédio das crianças, por quem enviávamos um convite informal, ou fazíamos contato pelo telefone e os pais compareciam. Estes colaboradores foram consultados quanto a sua disponibilidade de tempo e horário, e assim agendávamos o encontro.

c) Treinadores:

Nós entrevistamos seis treinadores; três, nós os observamos em suas aulas; os demais fizeram parte do nosso estudo, porque os observamos quando participaram dos eventos esportivos. Incluímos esses três treinadores pela representatividade que eles poderiam dar ao estudo.

Dos seis treinadores participantes do estudo, três são acadêmicos de Educação Física, um no sexto semestre e dois no sétimo semestre do curso, um treinador é Licenciado em Educação Física e Mestre em Educação, outro é Mestre em Ciências do Movimento Humano, sendo o terceiro Graduado em Educação Física.

Importante ressaltar que esta Unidade Recreativa que serviu de local para realizarmos o estudo, possui um professor de Educação Física, responsável por todas as escolinhas esportivas e é o gerente pedagógico da Unidade Recreativa; em nosso estudo ele participou da negociação de acesso.

A presença do coordenador era constante no local onde fizemos o estudo. Quando nos avistávamos, cumprimentávamo-nos, fazendo com que nos sentíssemos muito à vontade para poder realizar as observações das aulas, o mesmo ocorrendo com os treinadores participantes que nos colocavam muito à vontade com breves conversas,

pois o tempo era curto, mas nunca deixavam de nos dar atenção, ele nos abriu às portas da Unidade Recreativa, a partir do momento em que houve a liberação da SME.

d) **A escolinha de basquetebol**

A opção por uma escolinha esportiva surgiu após repensar sobre o parecer do nosso relator da pesquisa, pois a idéia inicial era realizar o nosso estudo nas cinco escolinhas de basquetebol, que na época faziam parte do quadro da SME. Segundo a sugestão, realizá-lo em uma escolinha daria maior profundidade ao trabalho.

A escolinha de basquetebol em que realizamos a pesquisa possui uma turma no turno da manhã e outra no da tarde. As aulas que observamos pela manhã foram ministradas por dois treinadores; muitas vezes eles iniciavam a aula junta e, após a metade do tempo, um deles saía, pois precisava cumprir um compromisso na SME, ficando para o outro a tarefa de conclusão das atividades. No turno da tarde apenas um só treinador ministrava as aulas.

3.1.2 Definição das técnicas para coleta de informações

3.1.2.1 Definição e elaboração dos instrumentos

Foram utilizadas nesta investigação as observações, a entrevista semi-estruturada, o diário de campo, a análise de documentos, filmagem dos eventos e fotografias das aulas (com o consentimento dos colaboradores). Através dessas diferentes técnicas obtivemos inúmeras informações que puderam ser trianguladas, qualificando a nossa análise.

a) **Observação:**

Dentro das observações, escolhemos a participante, o que caracteriza a observação como passiva; nela, são feitas as observações e registra-se o que está ocorrendo (NEGRINE, 1999).

Primeiramente utilizamos a observação não-estruturada, para poder fazer o estudo exploratório; tendo em mão esses fatos, estruturamos as pautas de observações.

Woods (1995) diz que, nesse tipo de observações, o pesquisador somente desempenha o papel de observador e observa situações do seu interesse com a menor interferência de sua presença.

De acordo com Gómez Flores e Giménez (1996) este é um dos procedimentos mais utilizados em pesquisa qualitativa.

Comentando esse procedimento de coleta de informações, assevera Negrine (1999. p.67): *“Não é tarefa fácil; ela requer processos mentais superiores como: a atenção, a percepção, a memória e o pensamento, para observar fatos e realidades sociais presentes”*.

A observação, segundo esse autor, para ter objetividade sobre o ponto, deve ser:

- Contínua e sistemática;
- Intencionada;
- Objetivos determinados;
- Sustentados: guiada por um corpo de conhecimentos.

Negrine (1999) ensina que as observações devem ser abandonadas no momento em que o pesquisador estiver convencido que já possui elementos suficientes para proceder à análise e a interpretação de seus achados.

O importante não é o número de observações e, sim, que esta seja em profundidade, quer dizer, que nos aponte elementos significativos em determinados momentos.

Conforme André (1995. p.41):

“Por meio de técnicas etnográficas de observação participante e entrevistas intensivas e desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos atores sociais, comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico”.

Quanto à observação, o estudo preliminar serviu-nos como exercício desta técnica de coleta de informações, proporcionando grandes experiências como: ter paciência, ser comedida, não nos precipitar nas investidas ao campo.

Para obter informações favoráveis ao estudo, precisamos deixar de ser uma estranha naquele contexto, pois as pessoas necessitam confiar em nós; para tal precisamos ir muitas vezes ao campo, a fim de tornar-nos natural para elas.

“A observação é chamada participante, porque parte do princípio de que os pesquisadores têm sempre um grau de interação com a situação estudada afetando-a e sendo por ela afetado” (ANDRÉ, 1995. p.28).

Pudemos sentir isso, quando nas aproximações preliminares, antes de nos decidirmos onde fazer o estudo preliminar e o estudo propriamente dito, que relatamos anteriormente, fomos conhecer as Unidades Recreativas. Observando uma aula de uma escolinha de Basquetebol nesse local, depois de termos sido apresentados às crianças uma delas perguntou-nos: “No ano que vem, a senhora vai dar aulas para nós?”. Quando terminou a aula, as crianças saíram dando "Tchau!" e falando o nosso nome ao se despedirem. (Aproximações preliminares: 14-09-00). Isso demonstra que aquele que observa, de uma maneira ou de outra, não passa despercebido naquele contexto, podendo afetar e ser afetado por ele.

Outro momento que percebemos isso foi quando estávamos observando uma outra escolinha. Como já estávamos ambientados e já havíamos conversado várias vezes com a treinadora, as observações eram feitas do banco de reservas, para que ficássemos bem próximas do que queríamos observar, que eram as crianças e o treinador, posicionados de uma maneira que observássemos os familiares que estavam sentados nas arquibancadas.

Do lugar onde nos encontrávamos, chamou-nos atenção o olhar de um menino que, de vez em quando, olhava para nós, sentada no banco. Ele olhava para o caderno em que anotávamos, olhava para nós, quando realizava alguma jogada. Certamente aquela nossa observação o estava afetando (Observação do estudo propriamente dito: 17-08-01).

Para o estudo preliminar foram realizadas nove observações de aula e uma observação de evento esportivo no final de semana. Essa sensação de que falou Negrine (1999), de abandonar a observação quando o pesquisador já possuir elementos para

proceder à análise e a interpretação, para o estudo preliminar foi sentida no final da sétima observação; a maneira como o professor interagia, as crianças em relação a ele, os pais estavam quase que se repetindo e essa repetição é que acreditamos ser o ponto determinante em que se pode parar de observar.

Molina Neto (1999. p.126) relata em seu estudo que a observação participante “*demandava grande complexidade em seu entendimento, desenvolvimento e uso*” e, com isso, entendemos que, ao ir ao campo, não devemos deixar nossos juízos de valores atrapalhar as observações e ser o mais imparcial possível, mesmo que isso seja difícil.

b) **Entrevista:**

A entrevista foi o segundo método de informações. Woods (1995. p.75) diz: “*No mesmo caso da observação existem questões implícitas de acesso de obtenção de respeito pelo projeto em que ele se tenha empenhado e da confiança na capacidade para levá-lo adiante*”.

As entrevistas foram realizadas, quando sentimos que as pessoas se sentiam à vontade para conversar, respeitando todo esse processo de adaptação de adquirir a sua confiança.

De acordo com Negrine (1999, p.75) “*a entrevista encerra o significado de encontro combinado, marcado entre pessoas para ocorrer em um lugar previamente determinado*”.

Esses encontros foram agendados pessoalmente ou por telefone e foi realizada em maior quantidade durante os eventos, pois era quando os pais compareciam mais. As crianças foram entrevistadas em sua maioria durante as aulas, e os treinadores, de acordo com a sua disponibilidade de tempo, após as aulas.

Nesse estudo, foi adotada a entrevista semi-estruturada que propiciou maiores informações pertinentes ao estudo, de maneira flexível e com mais liberdade ao entrevistado, e que pode apontar fatos relevantes ao tema (NEGRINE, 1999).

Foram utilizadas perguntas abertas, pois segundo esse autor, as mesmas permitem obter informações mais profundas, podendo contribuir para a relevância do estudo.

Para realizar as entrevistas, foi feito o uso de um gravador utilizado com o consentimento do entrevistado.

Gimenez, Flores e Gomes (1996), quanto à utilização do gravador, dizem que com esse equipamento, podemos prestar mais atenção ao que diz nosso informante, favorecendo a interação entre ambos.

Não discordamos de todo dos autores, mas devemos acrescentar que, dependendo da pessoa que iremos entrevistar, o uso do gravador, bem como a própria entrevista, pode suscitar uma grande ansiedade na pessoa. Houve ocasiões que isso provocou a transferência da entrevista para outro dia; também nos deparamos com situações em que, indo entrevistar alguém, a pessoa dizia que não era aquele dia o marcado para a nossa ida ao campo, ou até palavras assim: “*Por que enquanto eu falo tu não escreves, ao invés de gravar?*” Constatamos isso quando, em nossas aproximações preliminares, fizemos uma entrevista aberta, mais um bate-papo com uma professora.

Como o estudo estava no início, a nossa intenção em gravar foi para não se perder nada, mas ela ficou muito ansiosa e, no final da conversa, disse-nos: “*Não doe nada*”. Isso revela a ansiedade em que se encontrava, por estar sendo gravada sua fala (Aproximações preliminares: 21-09-00).

Não utilizamos a entrevista dessa professora, porque ela ocorreu nas nossas aproximações preliminares e estávamos conhecendo as Unidades Recreativas, mas ela serviu para entendermos que não devemos ter pressa, quando realizamos uma pesquisa, querendo logo realizar as entrevistas; as pessoas só deixarão de ficar ansiosas, quando a nossa presença deixar de ser estranha naquele contexto.

O diário de campo acompanhou-nos em todo o trabalho e foi útil quando houve situações em que as pautas de observações não contemplavam o ocorrido; então o diário de campo foi o lugar onde anotamos alguma coisa que nos chamou atenção no estudo.

c) **Análise de documentos:**

A análise de documentos teve por objetivo, além de enriquecer e completar as informações que obtivemos com as observações e as entrevistas, proporcionar validade e confiabilidade ao estudo.

Para Woods (1995. p.105), “*o enfoque qualitativo dos documentos são muito peculiares, e podem conter informações úteis, podendo sempre ser contextualizadas em circunstâncias de sua construção*”.

Em nosso estudo começou a acontecer, quando de nossas aproximações preliminares dentro do trabalho exploratório, ao conversarmos com uma coordenadora de uma Unidade Recreativa. Na ocasião ela nos falou que os trabalhos das escolinhas esportivos eram balizados por Diretrizes Pedagógicas que os próprios professores construíram, nas sistemáticas reuniões que ocorrem uma vez por semana com os professores da SME.

Este documento foi extremamente importante, pois até então não conhecíamos nada a respeito do trabalho realizado pela SME. O que sabíamos é que eram escolinhas comunitárias oferecidas a quem por elas se interessasse.

Um outro documento a que tivemos acesso foram os planos de ensino dos professores e que obtivemos através do gerente pedagógico da Unidade Recreativa, quando fomos fazer a negociação de acesso.

Nós tivemos acesso ao texto que fala da criação da SME no ano de 1994, separando-se assim da SMED que na época incorporava a Secretaria de Educação e Esportes. Com a separação, a SMED cuida das escolas da rede municipal e a SME passa a cuidar da parte relacionada com os Esportes, Recreação e Lazer do Município de Porto Alegre.

3.1.3 Negociação de acesso

A negociação de acesso caracteriza-se pelo momento em que o pesquisador faz contatos com as pessoas que estão envolvidas no contexto estudado, permitindo o seu acesso ao campo.

Segundo Woods (1995), este acesso ao campo é um processo em que o investigador vai obtendo as informações fundamentais para o seu estudo.

Pudemos vivenciar o que nos diz esse autor, quando no dia nove de novembro de dois mil fomos até a Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer de Porto Alegre levando em mãos a carta de apresentação do Programa de Pós-Graduação da UFRGS.

Havia marcado pelo telefone uma entrevista com a gerente pedagógica da SME para apresentar o nosso projeto de pesquisa e conversar sobre a possível realização do mesmo em uma Unidade Recreativa em que tivesse escolinha de basquetebol.

Antes de tomar a decisão de escolher qual a unidade recreativa que iríamos realizar o estudo, visitamos uma delas, para a qual levamos a carta de apresentação, onde informalmente conversamos com a coordenadora, olhamos algumas aulas, tentando conhecer um pouco do trabalho da SME que, para nós era desconhecido pelo fato de estarmos morando há pouco tempo na cidade.

Voltando ao dia em que fomos levar a carta de apresentação a SME, chegando lá não pudemos ser atendidos pela gerente pedagógica, mas conseguimos marcar um horário com a encarregada dos eventos esportivos que disse que naquele dia tinha um compromisso, mas que poderia nos atender rapidamente e marcaríamos uma conversa mais longa para um outro dia.

Entregamos a ela a Carta de apresentação do Programa de Pós-Graduação e lhe explicamos em que consistia o nosso projeto.

A coordenadora ficou de, na primeira reunião que houvesse, na próxima segunda-feira, encaminhar o pedido para podermos realizar o estudo em uma unidade recreativa da SME. Essa professora indicou-nos o nome de um professor que era coordenador pedagógico de uma unidade recreativa que tinha escolinhas de basquetebol.

Assim que saímos da SME fomos até lá conversar com ele.

Chegando nessa unidade recreativa, apresentamo-nos junto à secretaria, dizendo que queríamos conversar com esse determinado coordenador. Solicitou-nos que esperássemos um pouco e foi chamá-lo. Passados uns dez minutos o coordenador veio ao nosso encontro; apresentamo-nos e entregamos-lhe uma carta de apresentação; dissemos ser estudante do Mestrado da UFRGS e que gostaríamos de realizar o estudo naquele local. Falamos do encaminhamento que eu havia feito na SME.

O coordenador disse que iria esperar o parecer da SME e que ele era simpático ao nosso trabalho, mas não poderia abrir as portas para nós sem antes ter esse parecer favorável que seria dado em reunião, mas que nós telefonássemos para saber o resultado.

No dia marcado telefonamos e recebemos com alegria a notícia de que poderíamos realizar o estudo naquele local. O coordenador promoveu uma reunião com um dos professores de basquetebol; porque o outro não se encontrava no momento, mas estava ciente do assunto. Expusemos a eles qual os objetivos do trabalho e perguntamos se ele se permitiria que observássemos suas aulas e realizássemos as entrevistas. O

professor nos disse que de maneira nenhuma havia alguma objeção. Então foi iniciado o estudo preliminar.

3.1.4 Estudo preliminar

Para Negrine (1999) o estudo preliminar deve ser realizado em um local similar ao que iremos realizar o estudo propriamente dito:

“A realização do estudo preliminar deve ser realizado antes da coleta de informações propriamente dita e com uma pequena amostra que esteja ajustada ao perfil dos participantes do estudo” (p.72).

O estudo preliminar foi realizado de novembro de 2000 a junho de 2001, mas nesse período de tempo ocorreram as férias das escolinhas, que são em janeiro e fevereiro, a entrega do projeto para ser qualificado, as modificações que foram feitas por ocasião das três reuniões que ocorreram com o relator do mesmo e a resposta do parecer favorável para aprovação do projeto.

Queremos ressaltar que as reuniões com o relator do projeto foram fundamentais, pois tornaram-no mais enxuto e determinadas coisas que não conseguíamos enxergar foram vistas por ele. Também esclarecemos muitas dúvidas, possibilitando-nos adquirir confiança para a execução do trabalho.

Após o projeto ser qualificado, como mestrando, temos uma grande satisfação, mas não há dúvida de que as coisas estão apenas iniciando e que muitas horas de “cadeira” teremos de passar, lendo e escrevendo.

É um momento muito difícil em que já cumprimos os vinte e quatro créditos obrigatórios e poucas vezes nos encontramos com nossos colegas do mestrado. Os encontros são esporádicos, pois cada um tem de dar continuidade a suas vidas e raramente nos encontramos.

Às vezes o pretexto de um churrasco é o momento em que podemos desabafar nossas angústias provocadas por tanta responsabilidade como a de se conseguir um grau de Mestre em uma Universidade, e só contidas a custo.

3.1.4.1 Coleta de informações do estudo preliminar

a) **Observações**

Fizemos dez observações, nove de aulas e uma de evento esportivo. Para as elas formulamos pautas de observações para as crianças, pais e professores.

As observações exigiram muito da nossa atenção, pois todos os dias que observávamos, procurávamos anotar tudo que era possível em relação às crianças, aos pais e aos treinadores. Às vezes em uma aula, um sujeito do estudo se sobressaía mais do que outro, tornando a observação mais relevante em relação àquele sujeito, e assim nós íamos anotando tudo relacionado com a pauta, mas sempre deixando a pauta flexível e isso que fazia com que nós tivéssemos muita curiosidade em ir ao campo, pois as informações eram muitas.

b) **As entrevistas**

As entrevistas foram feitas com três familiares, três crianças e um treinador. Com esse estudo preliminar tivemos a oportunidade de vivenciar experiências como pesquisadora desenvolvendo as técnicas de coleta de informações que eram as observações, a análise de documentos, as entrevistas e as anotações no diário de campo.

Participou do nosso estudo preliminar o treinador responsável pela turma da escolinha esportiva de basquetebol do turno da tarde.

O processo para seleção do treinador estava de acordo com os procedimentos adotados para seleção dos participantes relatados anteriormente.

Esse treinador enquadrava-se na categoria de professor acadêmico do curso de Educação Física e que está a um ano trabalhando com o basquetebol, não tendo sido atleta dessa modalidade; tratava de um acadêmico de Educação Física, cursando o sétimo semestre e trabalhando como estagiário nessa unidade recreativa há um ano, no regime de vinte horas semanais.

“Na ocasião trabalhava com o basquetebol, mas poderia vir a substituir um professor de outra modalidade, quando necessário” (entrevista com Antônio, 29-06-01).

Nessa etapa foram elaboradas as pautas de observações e as perguntas das entrevistas; como auxílio das pautas de observações foi usado o diário de campo que sempre esteve presente em nossas observações e entrevistas. No diário de campo era escrito tudo que fugisse à pauta das observações, mas que achávamos importante e pertinente ao estudo.

Ele foi um instrumento muito precioso, pois relatava sentimentos, coisas muito íntimas. Acredito que ele só pode ser comparado com um diário de um adolescente de tão valioso para nós, sendo impossível colocá-lo no lixo.

Aliás, sentimos muita dificuldade em colocar fora qualquer papel escrito durante as nossas idas ao campo. Tudo que escrevemos faz parte de uma história vivida por muito tempo, fazendo este estudo.

Nessa etapa foram realizadas as observações, análise de documentos e anotações no diário de campo. As perguntas das entrevistas foram elaboradas por nós, sob a orientação de nosso orientador e passou por três professores da Universidade, com vasta experiência em orientação de mestrandos, que nos fizeram sugestões, quanto à elaboração das questões e que serviram para que nós adequássemos esse instrumento e iniciáramos o estudo preliminar.

Gostaríamos de registrar que conhecemos as diferentes Unidades Recreativas antes de decidir qual escolheríamos para realizar o estudo, fez com que fizéssemos muitas amizades com os professores, vindo a facilitar todo esse processo que ocorre desde a negociação de acesso até a coleta de informações.

O processo de escolha dos familiares foi ocorrendo, conforme estas pessoas nos viam observando as aulas, às vezes perguntavam o que tanto nós escrevíamos, ficávamos junto deles, muitas vezes sentados nas arquibancadas, conversávamos, criando-se um clima de descontração que contribuiu para que essas pessoas nos dessem as entrevistas.

Apenas uma mãe que ia sempre levar o filho às aulas não quis nos dar entrevista. Perguntamos se ela gostaria de responder algumas perguntas para o nosso estudo, ela disse que sim; mostramos a ela o que teria de responder, com o que ela concordou; então combinamos que na próxima aula traríamos o gravador para entrevistá-la.

Quando chegou a próxima aula, fomos ao encontro dela na arquibancada e ela disse que não iria dar a entrevista, pois ela não sabia tanto da escolinha como seu marido, e que este, quando tivesse folga do trabalho, concederia a entrevista.

Agradecemos a esta mãe e dissemos que não havia problema algum, que ela não se preocupasse; o seu filho foi entrevistado, respondendo-nos as perguntas com o consentimento da mãe.

Para Negrine (1999):

“A entrevista se constitui em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro” (p.73).

Acreditamos que o vínculo que se formou com essa mãe não foi muito forte e que poderíamos tê-la deixado constrangida para responder nossas perguntas, pois ela se negou dizendo que o marido sabia mais que ela responder sobre o basquetebol.

Não quisemos insistir, pois essa foi sempre a nossa tática: entrevistar apenas as pessoas que quisessem ser entrevistadas.

A entrevista com os familiares era feita sempre durante as aulas ou os eventos da escolinha e nas arquibancadas, mais durante os eventos.

Era um lugar sossegado e de pouca interferência. Como os familiares já estavam habituados a nos ver assistindo as aulas e nos cumprimentavam, não era difícil chegar até eles e perguntar se poderiam nos conceder uma entrevista; ao concordarem, a entrevista realizava-se sem problemas.

No momento em que íamos realizando as entrevistas, era possível notar que a nossa linguagem cotidiana é bem mais simples do que aquela usada para escrevemos e isto se reflete na maneira de fazer a pergunta que sai um pouco do texto, mesmo sem perder o sentido. Nas entrevistas com as crianças, tivemos de adotar uma linguagem que se adequasse a sua idade, pois poderiam não entender o que a eles estivesse sendo perguntado.

Fizemos as entrevistas com crianças de dez a doze anos e alguns de treze anos e percebemos que com onze anos eles já possuem uma grande argumentação para as coisas que eram perguntadas, diferenciando-se dos de dez que nos davam respostas curtas.

“O fato de ser uma pessoa o põe numa posição bem diferente de outros tipos de instrumentos, porque permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho” (ANDRÉ, 1995. p.28).

Quando utilizamos as entrevistas no estudo preliminar, tivemos oportunidade de:

- a) Negociar com as pessoas para entrevistá-las.
- b) Verificar o roteiro das perguntas e acrescentar outras que achávamos importantes.
- c) Agendar o uso do gravador e transcritora, pois o Programa de pós-graduação possui um equipamento e o LAPEX possui outro para realizar as entrevistas.

Pode ocorrer que todos os equipamentos estejam emprestados; assim, o que pode ocorrer é de se agendar uma entrevista com uma pessoa e não haver o gravador, tendo de desmarcá-la.

As pilhas do gravador devem ser verificadas antes de sair de casa e levar mais de um conjunto de pilhas sobressalente, pois sem força o gravador não funciona, causando um mal estar entre o entrevistado e o entrevistador, pois torna frustrada a entrevista.

A transcrição das entrevistas deve ser feita em seguida que forem realizadas as mesmas. Elas levam tempo para serem transcritas e deixar acumular só causará estresse no pesquisador que precisa devolver para o entrevistado a transcrição, aguardando sua aprovação e devolução, para assim fazer a sua análise, selecionando os trechos importantes para o trabalho.

Após transcrever as entrevistas, devolvemos para as pessoas que haviam sido entrevistados, para que estas verificassem se o que nós havíamos transcrito estava de acordo com o que disseram. Ao nos devolverem as entrevistas transcritas, fizeram algumas modificações, mas que não afetou o sentido do texto, apenas alguns vícios de linguagem.

Chamamos as crianças que entrevistamos e lemos para elas individualmente as suas entrevistas transcritas, para ver se elas concordavam e se era aquilo mesmo que elas haviam dito. Ficaram atentamente ouvindo o que nos falávamos.

Não encontramos na bibliografia especializada em estudos do tipo etnográfico como poderíamos proceder à validade descritiva, quando entrevistássemos crianças; então procuramos resolver esse problema de uma maneira intuitiva que acreditamos ter dado certo, pois dessa maneira elas estavam participando da validade.

Durante o estudo preliminar, após realizar as observações, entrevistas e anotações no diário de campo e de posse de alguns documentos pedagógicos, deparamo-nos com uma variada gama de informações. Para o estudo tínhamos as observações e entrevistas das crianças, pais e treinadores. Então como iríamos trabalhar com essas informações todas?

As observações que havíamos feito foram lidas atentamente e cada assunto que se seguia era sublinhado com caneta hidrocor diferente, adotando as mesmas cores para os assuntos que apareciam nas entrevistas.

As entrevistas da mesma forma foram lidas atentamente, e sublinhados os assuntos semelhantes das observações. O diário de campo teve esse mesmo procedimento que as observações e as entrevistas. Recortamos estes fragmentos de observações, entrevistas e diário de campo, se eram identificados facilmente pelas cores das canetas hidrocor e fomos separando. Procedemos da mesma maneira com todos os observados e entrevistados.

Num primeiro momento elaboráramos um painel para as crianças e os pais e os treinadores. Nesses painéis separados, fomos colocando fragmentos das observações, das entrevistas e do diário de campo e foram emergindo algumas categorias de análise; ao mesmo tempo em que iam surgindo as categorias de análise, lembrávamos-nos dos autores que havíamos lido sobre os diversos assuntos relacionadas com aquelas categorias emergentes.

Junto com os fragmentos das observações, das entrevistas e do diário de campo, colocamos os nomes dos autores que iam surgindo. Ficamos admiradas como tínhamos adquirido conhecimento com as leituras, pois antes de fazer esse painel, não imaginávamos toda a dimensão.

Deparamo-nos com três grandes painéis e várias evidências nesse estudo preliminar que se relacionavam com a comunicação entre as crianças, os pais e os treinadores na escolinha de basquetebol. Conseguíamos visualizar o estudo de maneira concreta, pois ele estava ali na nossa frente naqueles painéis.

Quadro 2 - Síntese das observações do estudo preliminar

Observação n°	Data	Local	Tempo	Tipo Observação	Escolinha
1	24-11-00	Ginásio	60min	O P	tarde
2	25-11-00	Ginásio (evento)	60 min	O P	evento manhã e tarde
3	01-12-00	Ginásio	60min	O P	tarde
4	08-12-00	Ginásio	60min	O P	tarde
5	14-03-01	Ginásio	60min	O P	tarde
6	21-03-01	Ginásio	60min	O P	tarde
7	28-03-01	Ginásio	60min	O P	tarde
8	28-05-01	Ginásio	60min	O P	tarde
9	27-06-01	Ginásio	60min	O P	tarde
10	04-07-01	Ginásio	60min	O P	tarde
Total: 10			600 min		

Quadro 3 - Entrevistas do estudo preliminar

N°	Criança	Familiar	Treinador	Tempo na escolinha	Data	Idade
1	Ângelo	-	-	3 meses	11-07-01	10 anos
2	Bruno	-	-	4 anos	18-07-01	10 anos
3	Carlos	-	-	4 anos	18-07-01	11 anos
4	-		Antônio	-	29-06-01	-
5		Andréia (avó)	-	-	11-07-01	-
6	-	Betina (mãe)	-	-	16-07-01	-
Total	3	2	1			

3.1.5 Estudo propriamente dito

As informações que obtivemos no estudo preliminar pela sua importância foram incluídas no estudo propriamente dito.

Retornamos ao campo e reiniciamos as observações do estudo propriamente dito. Escolhemos para tanto o mesmo local do estudo preliminar, mas a turma do turno da manhã, com professores, crianças e pais diferentes. As aulas da escolinha desenvolviam-se duas vezes por semana, quarta e sexta feira, pela manhã. Pela nossa disponibilidade de tempo, já que iniciamos em um novo emprego, as observações foram feitas apenas na sexta-feira. Iniciamos observando a treinadora e junto com ela dava aulas um professor estagiário, acadêmico do sexto semestre do Curso de Educação Física.

A primeira observação que fizemos, ela ministrava aulas juntamente com o estagiário, e, mais para o final da aula, ela saía e ele assumia as crianças. Na segunda observação, quem estava dando aulas era o treinador da escolinha da tarde que atuava como substituto, quando faltava professor.

A princípio ficamos preocupadas, pois tínhamos de escolher outro lugar para realizar o estudo, uma vez que desejávamos observar uma aula com treinador diferente e não com aquele que já havia observado e entrevistado no estudo preliminar. Fomos falar com ele e ficamos sabendo que ele estava substituindo a professora naquele dia, mas que ela continuaria dando as aulas normalmente na outra semana.

Ficamos mais tranquilas e voltamos na próxima semana, encontrando ministrando aulas o professor estagiário. Fomos conversar com ele no intervalo da aula e ele nos disse que normalmente nas sextas-feiras ele iria assumir as aulas, quando a professora teria de assistir reunião na SME.

Com essas evidências, mudamos um pouco o rumo do nosso estudo. Acreditamos relevante observar e entrevistar a treinadora e o treinador estagiário do sexto semestre, pois poderia ampliar o estudo, passando para três treinadores a serem observados nas aulas.

3.1.5.1 Coleta de informações do estudo propriamente dito

Esta constitui a quarta fase do estudo, que compreende a coleta de informações, em que realizamos:

1. As observações das aulas e dos eventos esportivos.
2. As entrevistas com as crianças, pais e treinadores.
3. Análise dos documentos.

O nosso trabalho de campo realizou-se no primeiro e no segundo semestre de 2001 e compreendeu: os contatos iniciais, as observações, as entrevistas e a análise dos documentos.

A primeira etapa foi realizada através de uma reunião informal com treinadora que foi muito atenciosa e se propôs a contribuir com o estudo. A carta de apresentação já havia sido encaminhada a SME, quando do estudo preliminar que foi realizado no mesmo local, porém, com a turma da escolinha de basquetebol que tinha aulas no turno da tarde.

A segunda etapa foi às observações das aulas que foram realizadas uma vez por semana, que tiveram início em junho de 2001 até novembro de 2001. Não conseguimos realizar mais do que uma observação semanal por questões de horário; até agosto por nosso estágio docente; depois, por nosso emprego na Universidade.

Em relação às atitudes dos treinadores ao serem observados, podemos dizer que se sentiam muito à vontade conosco. Quando chegávamos, dirigiam-nos cumprimentos, mas nós procurávamos falar com eles somente no final das aulas, para não perturbar os trabalhos. As crianças às vezes olhavam-nos e conversavam conosco no banco de reservas; os familiares perguntavam-nos sobre o que nós tanto escrevíamos.

3.1.5.2 Registro de Observações e Diário de Campo

Para o registro das observações, foi utilizada uma ficha de observação, na qual constava a identificação dos participantes e, a seguir, a pauta com o que desejávamos observar (Anexo 2).

O diário de campo era um pequeno bloco, no qual íamos registrando sentimentos, expressões importantes, situações que fogem à pauta da observação. Este esteve sempre presente em todas as idas ao campo.

A seguir colocaremos um quadro sintetizando as observações do estudo propriamente dito.

Quadro 4 - Observações do estudo propriamente dito

Nº obs.	Data	Turma	Colaboradores	Local	Duração
1	13-06-01	M**	Crianças/pais/treinador	Quadra	1 hora
2	27-06-01	M	Crianças/pais/treinador	Quadra	1 hora
3	04-07-01	M	Crianças/pais/treinador	Quadra	1 hora
4	10-08-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
5	17-08-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
6	24-08-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
7	14-09-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
8	15-09-01*	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	manhã
9	28-09-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
10	05-10-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
11	19-10-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
12	26-10-01*	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
13	09-11-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
14	16-11-01	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
15	23-11-01*	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	1 hora
16	25-11-01*	M	Crianças/pais/treinador	Ginásio	manhã e tarde

*Observação de evento e entrevista

**M: turma da manhã

a) **Entrevistas**

A entrevista faz parte da terceira etapa do processo de coleta de informações. A entrevista que utilizamos foi semi-estruturada para que desse ao entrevistado liberdade nas suas falas. Sua elaboração teve como luz os objetivos, o referencial teórico e o problema do estudo.

As entrevistas foram realizadas de acordo com as disponibilidades dos participantes e foram gravadas e transcritas na íntegra com o consentimento dos mesmos.

A transcrição era realizada no mesmo dia que realizávamos as entrevistas para não acumular trabalho. Depois de feita a transcrição, as entrevistas foram devolvidas aos respectivos participantes para que estes pudessem lê-las e verificar se o que transcrevêramos estava de acordo com o que haviam dito ou se queriam que modificássemos alguma coisa, para assim proceder à validade descritiva.

As entrevistas foram significativas, pois houve momentos em que elas esclareciam algumas dúvidas em relação ao contexto estudado que apenas pelas observações e análise dos documentos não poderíamos desvendar, porém, precisaríamos de mais tempo para conquistar algumas crianças e uma mãe que não quiseram ser entrevistadas; hoje, depois de tantas reflexões, acreditamos que as observações e apenas uma entrevista não são suficientes para se formar vínculos com algumas crianças, precisaria mais um envolvimento corporal que teria de ser feito, compartilhando as próprias atividades da aula.

Acreditamos que isso se deu pela falta de vínculo que se deu com a pesquisadora e estas crianças. Houve crianças que nós entrevistamos apenas elas, porque seus pais nunca estiveram presentes nas aulas. Tentamos fazer contato através de seus filhos, mas eles alegaram compromissos profissionais.

Foram realizadas entrevistas com 6 treinadores, 11 entrevistas com crianças e 10 entrevistas com os pais e 1 com uma avó. A seguir o quadro com todas as entrevistas realizadas no estudo preliminar e no estudo propriamente dito.

Quadro 5 - Entrevistas dos familiares no estudo preliminar e estudo propriamente dito (o nome dos colaboradores é fictício).

Nome	Data	Local
Andréia	11-07-01	Aula
Betina	16-07-01	Aula
Carlos	25-11-01	Evento
Marco	25-11-01	Evento
Fernanda	26-10-01	Aula
Maurício	26-10-01	Aula
Ruth	25-11-01	Evento
Humberto	25-11-01	Evento
Luiz	25-11-01	Evento
Eliane	25-11-01	Evento
Jurema	25-11-01	Evento

Quadro 6 - Entrevistas das crianças no estudo preliminar e estudo propriamente dito (o nome dos colaboradores é fictício)

Nome	Idade	Data	Local da Entrevista
Ângelo	10 Anos	11-07-01	Aula
Bruno	10 Anos	18-07-01	Aula
Carlos	11 Anos	18-07-01	Aula
Carolina	13 Anos	26-10-01	Aula
Demétrio	13 Anos	26-10-01	Aula
Diego	11 Anos	25-11-01	Evento
Eugenio	11 Anos	26-10-01	Aula
Fernando	11 Anos	25-11-00	Evento
Gilberto	13 Anos	26-10-01	Aula
Márcio	10 Anos	26-10-01	Aula
Osório	13 Anos	26-10-01	Aula

Quadro 7 - Entrevistas dos treinadores no estudo preliminar e estudo propriamente dito (o nome dos colaboradores é fictício)

Nome	Formação	Data	Local da entrevista	Desenvolve Trabalho
Antônio	Acadêmico de EFI	18-07-01	Aula	Unidade Recreativa
Bernardo	Acadêmico de EFI	26-10-01	Aula	Unidade Recreativa
Carla	Mestre em EDU	23-11-01	Aula	Unidade Recreativa
Diego	Acadêmico EFI	25-11-01	Evento	Praça
Eugênio	Mestre CMH	25-11-01	Evento	Escola
Fernando	Graduado em EFI	25-11-00	Evento	Clube

No decorrer do estudo fomos obtendo muitas informações e era fundamental que fôssemos organizados, portanto organizamos um envelope para cada segmento, contendo o relato das observações e as transcrições das entrevistas e as anotações do diário de campo. Foi importante para contatar com os colaboradores organizarmos uma lista com os seus números telefônicos que nos serviu para agendar as entrevistas e para a devolução das transcrições das mesmas. As informações que fomos obtendo foram numerosas, portanto, fomos aprendendo dia a dia ter mais organização, pois senão era impossível trabalhar.

De acordo com as nossas decisões metodológicas, após relatarmos os procedimentos para coleta de informações o próximo passo que se segue é a descrição, a análise e a interpretação das informações.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

4.1 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A descrição e análise das informações foram realizadas a partir das entrevistas, das observações, das anotações do diário de campo, análise dos documentos do estudo preliminar e do estudo propriamente dito. Com este volume de informações obtidas e organizadas em três painéis foram definidas 265 unidades relevantes. A criteriosa leitura do extenso material recolhido e organizado ajudou no momento da elaboração das categorias de análise definitivas. Segundo Minayo (1992), não é necessário que essas categorias de análise, no estudo do tipo etnográfico, sejam definidas anteriormente.

Portanto, a realização dos procedimentos que foram adotados possibilitou que surgissem as seguintes categorias de análise, conforme mostramos a seguir:

- 1) Comunicação entre crianças e pais sobre motivos que levam os levam a buscar à escolinha esportiva de basquetebol;
- 2) Comunicação entre pais e treinadores sobre a proposta da escolinha;
- 3) Comunicação entre as crianças, os pais e o treinador, nas aulas e nos eventos esportivos.

Após serem definidas as categorias de análise, segue-se a descrição e interpretação das informações onde trabalhamos com os significados expressos pelos nossos colaboradores sobre o processo de comunicação que ocorre entre criança, pais e treinadores no contexto de uma escolinha esportiva de basquetebol:

1) Comunicação entre crianças e pais sobre motivos que os levam a buscar a escolinha esportiva de basquetebol

Constatamos que os motivos que os levam a buscar uma escolinha esportiva são divergentes. Existe uma cultura familiar de que o esporte é importante e que ele deve ser praticado. Conforme Buriti (1997), o esporte é um dos grandes fenômenos do nosso século, tanto por sua incidência como pelo seu desenvolvimento. E este fenômeno vem se propagando dentro das famílias por várias gerações.

Ferraz, 2002, p.25 ratifica dizendo que os adultos dizem sobre a prática esportivas de crianças e adolescentes:

“Os pais não se opõem a que seus filhos pratiquem esporte. Além disso, em função da atividade física para a qualidade de vida, a tendência em considerar a prática da atividade esportiva tão importante quanto às atividades intelectuais tem crescido bastante nos últimos anos”.

A aproximação realizada com alguns pais de crianças do programa levou-nos a considerar aspectos relevantes para este momento de discussão, ou seja, os motivos pelos quais escolheram essa modalidade esportiva para seus filhos ficaram assim organizados e definidos:

- a) Ocupação do tempo livre;
- b) A busca do esporte como alternativa de atividade motora para as crianças que moram em apartamento;
- c) Obesidade infantil: evidente preocupação de alguns pais;
- d) Satisfazer os desejos do pai;
- e) Vontade da criança;
- f) Variadas expectativas.

a) Ocupação do tempo livre

A ocupação do tempo livre das crianças surge como um motivo específico para a escolha do basquetebol, conforme nos relata o Sr. Marco, pai do menino Márcio: “Para

preencher o tempo dele, preencher as tardes dele, quando não tem horário escolar, nada mais saudável, que o esporte” (entrevista com Marco, e.p.d.⁹, 25-11-01).

A preocupação desse pai é com as horas em que seu filho fica diante de um aparelho eletrônico com ausência de movimentos amplos que são importantes nessa fase de desenvolvimento e que também estão salientadas na entrevista do pai. Conforme Seibold, citado por Vargas Neto (2000), é necessário fazer referência aos aspectos negativos da televisão, que libera a criança dos esforços físicos, dando um espaço cada vez menor aos jogos livres infantis, tornando essa criança preguiçosa perante o tempo.

b) A busca do esporte como alternativa de atividade motora para as crianças que moram em apartamento

Outro motivo encontrado nas entrevistas realizadas no público alvo refere-se aos motivos ligados à busca do esporte como alternativa para aquelas crianças que moram em espaços reduzidos:

“Olha os motivos foi apenas ele ter um exercício esportista, pois nós moramos em apartamento e criança de apartamento já sabe como é, né. Não tem espaço pra nada e como ele já fez handebol, já jogou futebol, não gostou eu perguntei a ele, quem sabe tu tentas basquete, ele disse eu vou tentar e gostou, tá participando, já é a quarta aula que ele tá fazendo, espero que continue”.(entrevista com Andréia (avó) e.p.¹⁰, 11-07-01).

Podemos acrescentar essa entrevista como um argumento que ratifica a idéia de Becker Jr (2000b) de que as escolinhas infantis podem estar a serviço de algumas necessidades da família que não sejam apenas o desenvolvimento do gosto pelo esporte. Nesse momento aprofundamos nossos estudos e buscas no sentido de como se encontra a comunicação com essas famílias e esses profissionais que atendem seus filhos.

O mesmo autor também salienta o risco que a escolinha esportiva tem de transformar-se em “depósitos de crianças”, já que alguns pais procuram colocar seus filhos na escolinha esportiva motivados por ter de cumprir seus compromissos sociais e profissionais.

⁹ E.p.d.: Estas siglas significam estudo propriamente dito.

¹⁰ E.p.: Estas siglas significam estudo preliminar.

O termo “depósito de crianças” utilizado por Becker Jr. (2000b) a princípio pode chocar o leitor; entretanto, a informação recolhida nas entrevistas e nas observações realizadas, nos levou, a buscar mais argumentos e aprofundar mais as reflexões, indagando-se se realmente as escolinhas estão servindo para os pais terem onde colocar seus filhos.

c) **Obesidade infantil: evidente preocupação de alguns pais**

O percentual de indivíduos que apresentam excesso de peso vem crescendo assustadoramente, nas últimas décadas. Atribui-se isso a fatores externos, como a hipoatividade das nossas crianças. A obesidade, atualmente, passou a ser um dos grandes problemas de saúde pública (Ferri, 2001).

Percebe-se uma divulgação significativa através da mídia sobre a importância de se dar atenção a esse problema, que está afetando uma parcela da sociedade e, em particular, as crianças. A falta de atividades físicas tem sido apontada como um dos fatores externos que contribui para o aumento da obesidade infantil.

Os pais, por sua vez, buscam amenizar o problema, levando seus filhos para praticar uma ou mais atividades esportivas, com o fim de melhorar os padrões estéticos de seus filhos.

Geraldo tinha muitas expectativas em relação aos motivos por que havia colocado seu filho Bruno para fazer esporte e, dentre elas, combater a obesidade do menino.

Pelas entrevistas a seguir, constatamos a preocupação citada:

“Eu coloquei meu filho na escolinha de basquete, porque em primeiro lugar eu gostaria que ele praticasse um esporte e o basquete aqui na escolinha eu achei que ele tem mais condições de desenvolver o meu filho na parte física, porque além de ser um menino acanhado, ele tá acima do peso...” (entrevista com Geraldo, e.p.d., 25-11-01).

Fernanda referia na entrevista que ela havia encontrado a solução para a obesidade de seu filho:

“... Pra mim seria uma boa ainda mais que ele é gordinho, tinha que emagrecer um pouco, por isso o coloquei no basquete” (entrevista com Fernanda e.p.d., 26-10-01).

Ratificando a preocupação dos outros pais, Betina se depara com os mesmos problemas em relação ao seu filho e através do esporte tenta amenizá-lo:

“Coloquei, pra, pela questão assim que eu valorizo muito o esporte, e eu achei que era uma, uma boa maneira assim dele também emagrecer, porque ele é uma criança obesa, e ele já fazia natação então eu achei que seria importante ele ter outro esporte no dia a dia dele, né” (entrevista com Betina, e.p.d. 16-07-01).

A solução para o problema de obesidade infantil é um dos motivos que levam os pais a procurarem o basquete, entre outros esportes. Entretanto, se a criança não percebe que está emagrecendo somente com a prática da atividade esportiva que está realizando? E se os pais também não percebem? A questão da obesidade pode ser resolvida somente com a prática de um esporte? Ou teríamos de pensar que algo está faltando na comunicação entre estas famílias, seus filhos e os profissionais da escolinha de basquetebol?

d) Satisfazer os desejos do pai

A seguir colocaremos a entrevista de um pai que nos aponta para um motivo de escolha condicionada, ou seja: foi permitido a este filho também fazer o esporte preferido dele, desde que o menino praticasse o esporte preferido pelo pai.

“Porque nós deixamos que o filho, apesar de ter dez anos, que ele já estar aqui, há dois anos, que ele tome a liberdade de fazer a opção dele, eu por mim, eu gostaria que ele jogasse vôlei ou futsal, que eu me agrado mais, mas ele optou por basquete e como aqui ele não quis o vôlei e o futsal ele optou pelo basquete e ele ta gostando, e lá no colégio dele ele pratica o futsal, então nós deixamos a critério dele de vez enquanto nós trocamos idéia do que ele ta achando do basquete, se ele tem vontade de trocar, se ele, o que ele sugeriria, o que ele ta achando, se ele ta gostando então continua”. (entrevista com Maurício, e.p.d. 26-10-01).

O condicionamento imposto por Maurício, a seu filho, leva-nos a refletir sobre as imposições que os pais fazem a seus filhos. Conforme Orlick, citado por Becker Jr. (2000b), há pais que sempre aspiram praticar determinados esportes e projetam estes sentimentos nos seus filhos, almejando, por compensação, realizarem seus próprios sonhos.

e) **Vontade da criança**

O pai Humberto relatou-nos que a razão para seu filho entrar para a escolinha de basquetebol foi à vontade do próprio filho, somada à influência do professor de Educação Física.

“Na escola o professor dá liberdade das crianças poderem escolher qual o esporte que elas mais gostam e no caso do David ele gosta muito de basquete ele gosta de várias outras coisas normais da idade de nove anos, mas ele gosta muito do basquete, então sempre que há oportunidade, que eu posso eu venho ver e sempre que o professor precisa, a gente o libera pra ele participar de Festival, de atividades relacionadas com esse tipo de esportes que é o que ele gosta”. (entrevista com Humberto, e.p.d. 25-11-01).

Percebe-se nesse caso que prevaleceu à vontade da criança, porque ele teve na escola a oportunidade de escolher entre futsal, futebol e o basquetebol, o que vai ao encontro dos estudos de Cratty (1983) que fala sobre a influência do professor de Educação Física ou treinador nessa motivação extrínseca¹¹.

Acreditamos ser relevante refletir sobre o que foi revelado na entrevista anterior a respeito da motivação extrínseca para o menino. Por intermédio do professor de Educação Física, o aluno pôde conhecer várias modalidades esportivas e foi vivenciar uma que apreciou. Ressaltamos a importância da comunicação efetiva entre aqueles que promovem os eventos esportivos das escolinhas e os professores da escola.

Com esse motivo, encerramos o levantamento realizado a partir da perspectiva dos pais com relação aos motivos que levaram a procurar basquetebol para seus filhos.

¹¹ Esforço modelado por prêmios materiais e sociais externos à natureza básica e ao esforço da própria tarefa (Cratty, 1983).

Percebeu-se que os motivos pelos quais os pais colocaram seus filhos na escolinha, em alguns casos, são divergentes dos motivos das crianças e que, na maior parte das vezes, os pais desconhecem os desejos dos filhos.

Não houve demonstração por parte dos pais, em relatar os desejos dos filhos ao buscarem o esporte. A seguir, apresentamos as razões que levaram as crianças a procurarem esse esporte.

Os motivos pelos quais as crianças escolheram praticar o basquetebol ficaram assim organizados e definidos:

- a) Possibilidade de praticar mais de uma atividade esportiva
- b) Influência dos amigos
- c) Competência percebida
- d) Gostava do basquete e queria aprimorar suas habilidades
- e) Escolinha perto de casa
- f) Só tinha vagado no basquete

a) **Possibilidade de praticar mais de uma atividade esportiva**

Carlos sempre comparecia às aulas da escolinha; às vezes trazia a bola de basquete de casa, e antes de o treinador chegar ele promovia um bate-bola com os colegas. Na entrevista que fizemos com ele, o menino falou das três modalidades esportivas de que participava:

“É que eu posso fazer duas escolinhas, eu faço já natação, daí eu tava pensando em ser basquete ou futebol, mas pensei em basquete, porque futebol eu jogo na Educação Física já no meu colégio”. (entrevista com Carlos, e.p. 18-07-01).

Comparamos a entrevista de Carlos com a de sua mãe:

“Coloquei, pra, pela questão que eu valorizo muito o esporte e eu achei que era uma, uma boa maneira assim de ele também emagrecer, porque ele é uma criança obesa, e ele já fazia natação então eu achei que seria importante ele ter outro esporte no dia a dia dele, né”. (entrevista com Betina e. p. 16-07-01).

Percebemos com este confronto a expectativa da família de que, aumentando as atividades físicas, provavelmente o menino venha a emagrecer. A criança, por sua vez, faz a leitura dos desejos da sua mãe e empenha-se em aumentar suas atividades, já que tem de emagrecer para atender a estes anseios.

b) **Influência dos amigos**

A escolha da prática do basquetebol estar ligada a influência dos amigos pode ser percebida através da entrevista de Fernando:

“Eu gosto de fazer muito basquete, daí também, desde que eu era mais novo assim, os meus coleguinhos que eram um pouco mais velho que eu também faziam basquete e diziam ba é muito legal, daí quando eu fiquei mais velho perto da minha idade eu comecei a fazer já basquete e comecei a gostar e agora já to fazendo”. (entrevista com Fernando, e.p.d. 25-11-01).

Fernando escolheu essa modalidade esportiva por motivação extrínseca vinda dos amigos que lhes influenciaram a fazer essa escolha, indo ao encontro dos estudos de Scalon (1998) e Gould (2001) que apontam o desejo de estar com os amigos um forte motivo para a prática de alguma modalidade esportiva.

Nesse caso buscamos apoio em Osterrith (1983) que afirma: a criança tem características de ser muito influenciável, dá muita importância ao que pensa o grupo de amigos, a vida em grupo constitui algo aparente.

A experiência profissional como professora de Educação Física reporta-nos a situações vivenciadas com relação ao contexto esportivo infantil, onde a influência de um amigo, assim como pode trazer a criança para o esporte, pode também contribuir para o seu afastamento.

c) **Competência percebida**

Com a entrevista de Osório que já havia completado treze anos, pudemos constatar que os motivos para a escolha do esporte não havia tido a influência da

família. Ele nos parecia um jovem mais autônomo, com características de adolescente, sua voz já estava ficando diferenciada, as crianças menores gostavam de conversar com ele no banco de reservas.

Observávamos que Osório sempre tinha uma história para contar, e os menores ficavam ouvindo atentos. Quando lhe perguntamos os motivos que ele havia escolhido o basquetebol, disse-nos o seguinte: *“Acho que é o que eu faço melhor”*. (entrevista com Osório, e.p.d. 26-10-01).

Bizzini (1995), referindo-se as faixas etárias de 11 a 14 anos, diz que as atividades, antes influenciadas pelos pais, passam a ser interiorizadas por eles, na medida em que se tornam mais autônomos.

Ficou claro na entrevista com Osório que sua escolha levava em conta desempenho dele no esporte, teria de ser uma modalidade em que ele tivesse um melhor desempenho, um maior aproveitamento. Essa motivação para a prática esportiva vai ao encontro dos motivos cognitivos-sociais que procuram explicar a conduta motivada. Uma dessas mini-teorias é a competência percebida que gira em torno da percepção de competência por parte do participante, assim como o prazer intrínseco, ganho pelo êxito, levando um a aumentar a motivação. A competência percebida é um motivo multidimensional que dirige os indivíduos ao domínio cognitivo, social e físico. (SCALON, 1998 citando HARTER)

d) Só tinha vaga para o basquete

Gilberto era um menino que havia completado treze anos, suas habilidades para o basquetebol já eram percebidas, havia tido alguma experiência com o basquetebol na escola e, devido a esse interesse, foi uma das modalidades que escolheu para jogar:

“Ta eu vim porque eu já gostava de basquete, só que no colégio a gente tinha algumas noções só que nunca a gente tinha jogado, assim aprendido as regras assim só umas noções, e depois porque as vagas que sobravam, eu não fiz, fazem um sorteio, né e aí eu entrei nas sobras, como gente que sorteou não veio, aí eu entrei no basquete tinha vaga”.(entrevista com Gilberto, e.p.d. 26-10-01).

Entende-se que no menino tinha sido despertado o gosto por este esporte e, por isso, além do vôlei, o basquetebol era uma das opções que ele havia feito. Essa motivação caracteriza-se como uma motivação intrínseca¹² (Samulski, 1995).

Uma outra forma de motivação pode ter levado Gilberto a procurar a escolinha, pois, segundo nossas observações das aulas, a sua participação denotava competência; foram as experiências anteriores que ele havia tido, que provavelmente seriam noções nas aulas de Educação Física, situações e pessoas recentes. Todos esses acontecimentos combinados e ambos atuando na consciência do menino (Cratty, 1983). Gilberto, ainda nos relatou que ficou no basquetebol porque foram as vagas que sobraram, pois não havia se inscrito para o sorteio.

Além de Gilberto, na entrevista de Eugênio percebemos a identificação destes meninos com relação à escolha do basquetebol:

“Ah, por causa que eu gosto de basquete, eu acho um esporte legal, por isso que eu quis vir, falei com minha mãe e vim”.
(entrevista com Eugênio e.p.d. 26-10-01).

e) **Escolinha perto de casa**

Os motivos que levaram Márcio a procurar a escolinha tinham a ver com a proximidade da escola com a sua casa, conforme o registro da entrevista do menino:

“Eu procurei várias, mas era tudo longe e essa aqui era a única perto e eu vim para cá” (entrevista com Márcio e.p.d. 26-10-01).

A análise e descrição das informações recolhidas na pesquisa levaram-nos a organizar um quadro resumo dos motivos que levam os pais e as crianças a procurarem a escolinha esportiva de basquetebol da SME:

¹² Desempenho estimulado pelo empenho na própria tarefa.

Quadro 8 - Quadro resumo dos motivos que levam os pais e as crianças a buscarem a escolinha de basquetebol

Nº	Pais	Motivos dos pais	Crianças	Motivos das crianças
1	Marco	Ocupação do tempo livre do filho	Márcio	Escolinha perto de casa
2	Andréia (avó)	Criança de apartamento	Ângelo	Gostava de basquete
3	Fernanda	Esporte que o filho gostou e menino obeso	Demétrio	Querida ju-jitsu Vagas só para o basquete
4	Geraldo	Achava importante filho fazer esporte, menino obeso e acanhado.	Bruno	Achava legal o basquete
5	Betina	Valoriza o esporte e filho obeso	Carlos	Possibilidade de fazer outro esporte fazia natação e futebol.
6	Jurema	Importante o esporte	Eugenio	Achava legal o basquete
7	Eliane	Filhos mostraram interesse	Fernando Diego	Influência dos amigos
8	**	**	Gilberto	Desenvolver habilidades e só tinha vaga no basquete
9	**	**	Osório	Competência percebida
10	**	**	Carolina	Mãe sugeriu o basquete
11	Humberto	Vontade da criança incentivada pelo professor de Educação Física	*	*
12	Maurício	A esposa que sabia e proximidade da residência	*	*

* Criança não quis dar entrevista.

** Não foi possível entrevistar esses pais.

Em relação à primeira categoria de análise percebemos que os motivos que levaram os pais a colocarem seus filhos nessa escolinha esportiva de basquetebol, foram divergentes dos motivos relatados pelos filhos. Percebemos a influência do adulto no caso dos motivos, pois mesmo aquelas crianças que não quiseram ser entrevistadas ou aqueles pais que não conseguimos encontrar para entrevistar uma parcela de influência nas decisões das crianças. Acreditamos que essas influências ocorrem em parte pela falta de autonomia nessa faixa etária que já começa a mudar quando eles iniciam a adolescência.

A descrição e análise das informações recolhidas na pesquisa remeteram-nos a organizar uma segunda categoria de análise identificada no nosso estudo através do próximo item.

2) Comunicação entre pais e treinadores sobre a proposta da escolinha

Com o objetivo de descobrir que conhecimentos os pais tinham sobre a escolinha. Quais são as finalidades do trabalho na escolinha esportiva segundo os pais?

As respostas dadas a estes questionamentos foram organizadas através dos seguintes tópicos:

- a) Finalidade nº1: ser uma atividade para as crianças da comunidade.
- b) Finalidade nº2: Ocupar com atividade esportiva as crianças de rua.
- c) Finalidade nº3: desconhecimento da proposta da escolinha esportiva.

a) Finalidade nº1: Atividade para as crianças da comunidade

Para Geraldo, a proposta da escolinha está voltada para a comunidade, que se destina ao esporte participação. Entretanto, este pai não concordava com essa finalidade e defendia uma proposta que se orientava para o esporte rendimento.

Percebeu-se que o pai, embora tenha conhecimento da proposta da escolinha, não consegue ver contemplada as finalidades de seu filho que é de entrar no esporte para competir. Apesar de não satisfazer suas necessidades, segundo seu relato, o filho permanece na escolinha há quatro anos; das nossas crianças entrevistadas, Bruno é um dos que está a mais tempo na escolinha. A seguir a entrevista do pai do Bruno:

“Olha eu não tenho bem certeza da filosofia deles de trabalho, mas eu presumo que seja fazer com que as crianças da comunidade exerçam algum tipo de atividade, mas eu não olho pelo lado competitivo, eu acho que eles não estão voltados pro lado competitivo do esporte, não é o meu caso, o meu caso eu sempre quando entrei para um esporte eu sempre olhei para o lado competitivo das coisas, eu sempre quis tirar o primeiro lugar, nunca o segundo lugar, eu não vou querer ter uma exigência dos professores aqui do Ginásio para esse meu lado de exigência, mas eu vejo que eles são só pelo lado de oferecer um esporte pras crianças”.
(entrevista com Geraldo, e.p.d. 25-11-01).

Ao entrevistarmos Betina, mãe de Carlos, e Jurema, mãe de Eugênio, elas nos relataram que sabiam das finalidades da escolinha e concordavam com elas, pois também não era os seus objetivos a formação de atletas.

“Eu sei que o objetivo maior é a integração, a valorização do basquete, mas nada assim com fins competitivos, de vencer, tanto que existem campeonatos, mas o objetivo maior é a integração entre as escolas, nada assim com o objetivo de formar atletas...”. (entrevista com Betina, e.p.d. 16-07-01).

“Eu acredito que como é um projeto da Prefeitura ele vem integrar todos os alunos, as crianças e o objetivo dela é incentivar mais o esporte em todas as áreas.” (entrevista com Jurema, e.p.d. 25-11-01).

b) Finalidade nº 2: Ocupar com atividades esportivas as crianças de rua

Para o pai de Márcio, Marco, e Fernanda, a mãe de Demétrio, embora não tivessem ido a nenhuma reunião, acreditavam que o objetivo da escolinha era de tirar as crianças da rua. Essa finalidade está relacionada com a idéia de Weinberg e Gould (2001) sobre a questão de manter os jovens fora da rua e longe de problemas de desvio. Isso tem sido muito debatido ultimamente; porém, pesquisas correlacionais não revelaram taxas mais altas de desvios em não-atletas e atletas. Existe em muitas pessoas a idéia de que o esporte possa fazer milagres em relação ao comportamento das pessoas.

c) Finalidade nº 3: desconhecimento da proposta da escolinha esportiva

Fernanda revelou que não havia tido nenhuma reunião de pais e que não conhecia a proposta da escolinha, mas compreendia que era importante uma maior divulgação do esporte naquele local:

“Deveriam fazer reuniões com os pais, divulgar mais o esporte, divulgar mais o basquete, divulgar mais o que tem aqui dentro, né, eu não ouço nada às vezes lá na diretoria tu pergunta eles ficam meio na dúvida, sabe, eu acho um negócio tão bonito isso aqui, tão grande pra fazer esporte, poderia ser mais divulgado, né. Só se é eu que to por fora, não sei, não vejo divulgação nenhuma, só vem aqui faz o basquete vai embora, né, agora a professora pela parte dela o que ela pode fazer, ela faz, né, mas ela como professora,

quando a falar as coisas pra gente, mas eu acho que não é ela, eu acho que é aqui, afinal é ele que cede para as crianças jogarem, né eu acho que deveria ter mais comunicação e os estagiários, com certeza, acho que é estagiário não sei, um pouco é estagiário um pouco não é, não sei, os que vem dar aula pra ele, e é isso aí". (entrevista com Fernanda, e.p.d. 26-10-01).

Fernanda, nessa entrevista, torna claro que desconhece a proposta da escolinha de basquetebol, ao mesmo tempo em que demonstra preocupação em saber de suas finalidades.

Maurício, igualmente a Fernanda, desconhecia a proposta da escolinha e para ele havia passado despercebido e ficou surpreso com nossa pergunta, pois não havia pensado na possibilidade do programa esportivo ser norteado por uma proposta pedagógica.

"Eu não conheço, porque eu propriamente nunca, não sei se nunca me ocorreu, passei despercebido, mais eu creio que é cada vez mais ele terem alguma atividade esportiva para o futuro, e também isso aí, faça com que ele desenvolva cada vez mais a sua mente tornando cada vez ela melhor tanto em nível de família comunidade, trabalho, escola, né, criando aquele lazer, né, se desvinculando de drogas, aquelas coisas todas que fazem mal pra saúde pra família, por vários aspectos, então eu acho que é importante essa integração, a finalidade eu não sei bem, mas eu deduzo que seja isso, pra ele se tornar mais saudável". (entrevista com Maurício, e.p.d. 26-10-01).

Humberto e Ruth, um casal de pais que entrevistamos, estavam sempre presentes nos eventos de que seu filho participava, também desconheciam a proposta das escolinhas esportivas da SME, mas se mostravam muito interessado em saber:

"É, realmente nesse ponto eu conheço muito pouco, o que eu conheço é o que o professor sempre que a gente tem oportunidade assim de conversar dez a quinze minutos durante um evento desses, mas realmente é muito pouco o que a gente conhece gostaria de poder participar mais, poder conhecer mais, mas é isso". (entrevista com Humberto, e.p.d. 25-11-01).

A avó de Ângelo também desconhecia a proposta da escolinha e relatou-nos que o professor havia prometido conversar sobre o seu trabalho com as crianças, mas que não havia dado tempo e por isso ela se achava constrangida em perguntar e então estava aguardando o professor chamar:

Isso aí eu não conheço ainda, porque ainda não tive a entrevista com o professor, não foi conversado nada com o professor ainda. (entrevista com a avó Andréia, e.p. 11-07-01).

Referindo ao trabalho de assessoramento aos pais, Gordillo (2000) afirma que é necessário que os pais conheçam no momento que seu filho ingresse num programa esportivo, qual a filosofia dessa escolinha. Segundo esse autor, é necessário que se mantenha uma estreita comunicação com os pais para que estes contribuam de forma adequada para que os objetivos da escola desportiva sejam alcançados. A eles deve ser informada a filosofia da escolinha, dando ênfase aos objetivos mais gerais relacionados com a formação integral das crianças.

Percebemos que existia um ruído na comunicação entre os familiares das crianças e a organização do programa. Os pais acima entrevistados desconheciam a proposta do programa de iniciação esportiva que colocaram seus filhos e atribuía isso à não terem um momento para reflexão sobre as finalidades do mesmo, junto aos treinadores. Mesmo os pais das crianças que está há mais de quatro anos, e que conhecem os objetivos, disseram que os momentos foram poucos.

3) Comunicação entre as crianças, os pais e o treinador, nas aulas e nos eventos esportivos

A terceira categoria de análise que surgiu a partir das informações recolhidas ficou subdividida em:

- a) A comunicação entre treinadores e crianças na visão dos pais.
- b) A comunicação entre treinadores e crianças na visão das crianças.
- c) A comunicação entre treinadores e crianças na visão dos treinadores.
- d) A comunicação entre crianças e pais na visão dos treinadores.
- e) A comunicação entre crianças e pais na visão das crianças.
- f) A comunicação entre crianças e pais na visão dos pais.
- g) A comunicação entre treinadores e pais na visão dos pais.
- h) A comunicação entre treinadores e pais na visão dos treinadores.
- i) A comunicação entre pais e treinadores na visão das crianças.

a) **A comunicação entre treinadores e crianças na visão dos pais**

Ao realizarmos o levantamento junto aos pais sobre como percebiam a comunicação entre o treinador e as crianças durante as aulas e os eventos, constatamos que:

Nas aulas: a maioria dos pais entrevistada concordava com o tipo de comunicação que se estabelecia entre o treinador e as crianças.

Podemos exemplificar esse levantamento com a entrevista de Geraldo, pai de Bruno:

Nessa parte eu to bem satisfeito da relação do professor com os alunos, porque eu vejo que ele é uma pessoa que ele sempre procura incentivar os alunos e não é daqueles professores que ficam atucanando o aluno, ele dá, ele procura dar força dentro das suas possibilidades. (entrevista com Geraldo, e.p.d. 25-11-01).

Luiz, igualmente a Geraldo, se dizia contente com a comunicação entre o treinador e as crianças durante as aulas: “*Acho excelente, acho muito boa à relação que ele tem com os alunos*”. (entrevista com Luiz, e.p.d. 25-11-01).

Maurício entende a comunicação da treinadora pelo lado da conduta orientada pela tarefa e do relacionamento ao mesmo tempo, e para ele isso se refere a um padrão de eficiência:

A treinadora aqui da escola, eu acho ela é muito eficiente, é de muita responsabilidade, que acompanha de cima o lance, sempre que possível conversa com os alunos, cada vez mais instruindo eles, a desempenhar suas atividades, cada vez melhorares, eu acho ela muito boa profissional, e o seu assessor. (entrevista com Mauricio, e.p.d. 26-10-01).

Para Luiz, a comunicação entre os treinadores com as crianças é boa e isto lhe causa admiração em perceber um bom serviço mesmo sendo gratuito:

Eu vejo assim, os treinadores dão as aulas assim com bastante afinco, até me admiro, porque é uma coisa gratuita, e eles dão a aula com bastante afinco, com bastante atenção, se dedicam mesmo ao que eles estão fazendo, eu sinto assim que eles têm amor ao que eles estão fazendo, eles têm amor ao que eles fazem. Eles gostam do que eles fazem. Uma coisa, assim geralmente quando é de graça a pessoa não tem muita dedicação e eu vejo o contrário neles, eles têm muita dedicação, muita paciência, pra ensinar aos alunos. (entrevista com Luiz, e.p.d. 25-11-01).

O que este pai desconhece é que o esporte é um direito de todo o cidadão e foi incluído na nossa Constituição a partir de 1988.¹³

As comunicações dos treinadores com as crianças, durante as aulas, segundo os pais, não são percebidas da mesma maneira nos eventos esportivos.

Nos eventos: os pais entendiam que a comunicação dos treinadores com as crianças tinham que ser feitas através de condutas orientadas para a tarefa, onde prevalecem mais pressões e mais cobranças. Segundo Becker Jr. (2000), esse modelo tem como finalidade o rendimento do atleta, e se preocupam com o desenvolvimento de suas habilidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas.

Um terço dos pais entrevistados não concordavam com a maneira como o treinador se comunicava com as crianças, conforme as entrevistas:

É algumas vezes as crianças ficam meio abandonadas nos campeonatos, porque os professores ficam de juiz ou organizando o campeonato então as crianças ficam meio abandonadas no campeonato, mas como entre eles estão bem integrados eles conseguem superar essa dificuldade. Meio falha, meio falha, porque ele não fica muito com as crianças, então eu acho que as crianças acham falta da comunicação do professor ali estimulando, um pouco falha nos campeonatos eu acho. (entrevista com Betina, e.p. 16-07-01).

Concordando com a idéia de Betina, os pais Fernanda e Geraldo pedem que os treinadores façam mais cobranças a seus filhos, o que vai de encontro à proposta pedagógica do que propõe a escolinha esportiva que é o esporte-participação.

É justamente isso eu acho que ele deveria falar mais inclusive quando tem os campeonatos, contra as escolas é, as crianças ficam meio perdidas, às vezes não tem uniforme, eles não levam uniforme e né, que mais, deveria falar mais dar mais incentivo às crianças.” (entrevista com Fernanda, e.p.d. 26-10-01).

Durante os jogos eu acho que o professor deveria no caso incentivar mais os alunos eu vejo ele um pouco acanhado, mas eu acho que isso aí depende da personalidade da pessoa ele não é uma pessoa que seja muita exaltada, ele é muito calmo, e ao meu ver assim eu achava que ele deveria ser mais agressivo no caso da orientação tática nos jogos. (entrevista com Geraldo, e.p.d. 25-11-01).

¹³ “É dever do Estado fomentar práticas esportivas formais e não formais como direito de cada um”.(C.F. 1988).

Nesse momento da discussão, verificamos que muitos pais entrevistados concordavam com a comunicação dos treinadores nas aulas e discordavam como estes se comunicavam com as crianças nos eventos esportivos. Evidenciamos a contradição dos pais ao desejarem comunicações diferentes do treinador nas aulas e nos eventos, sem perceberem as conseqüências que essa conduta possa trazer para seus filhos.

b) **A comunicação do treinador com as crianças na visão das crianças**

As entrevistas realizadas com as crianças que participaram da pesquisa levaram-nos a refletir sobre a comunicação entre treinadores e crianças:

Nas aulas: para o menino Gilberto, existe uma diretividade na maneira da treinadora orientar suas aulas. Segundo ele, ela é quem determina como será desenvolvida a aula:

Depende assim, às vezes ela, nas aulas ela ensina o que ela quer, né, depois ela, ta se a gente não faz, assim ela dá uma dura na gente, assim, mas nada assim de forte, assim. (entrevista com Gilberto, e.p.d. 26-10-01).

Para as outras crianças da pesquisa, os treinadores, em geral, possuem uma boa comunicação, priorizando o relacionamento e a participação.

Nos eventos: Para as crianças da pesquisa, o professor apresentava uma conduta orientada para o relacionamento e a comunicação era feita através de reforços positivos. Confirmamos estas reflexões nas entrevistas que seguem:

Ele fala às vezes assim que agente tem que ganhar, se erra uma cesta ele diz vamo lá, vamo lá que a gente ta bem, se estamos perdendo ele apóia igual e daí qualquer coisa faz assim, se ta ganhando ele diz vamos continuar assim, vamo lá essas coisas. (entrevista com Fernando, e.p.d. 25-11-01)

“É através de tempos, dificilmente ela fala no meio dos jogos, assim ela fala mais nos tempos, às vezes ela nos chama pro canto da quadra e ela fala alguma coisa, marca mais forte, alguma coisa, vai pra cima da marcação, assim”. (entrevista com Gilberto, e.p.d. 26-10-01).

“Ele fala direitinho, assim explicando. Aqui tem que fazer tal coisa, nunca gritou com a gente”. (entrevista com Márcio, 25-11-01).

Através da conversa com as crianças e as observações das aulas, refletimos sobre um componente importante da comunicação que, segundo Weinberg e Gould (2001), ao se referirem ao reforço positivo e reforço negativo como abordagem que influem no comportamento, falam-nos na abordagem positiva, aumentando a probabilidade de fazer coisas desejáveis no futuro. Inversamente à positiva, a abordagem negativa focaliza-se em punir.

O reforço positivo tem influência forte sobre a conduta das pessoas, aumentando as probabilidades de comportamentos que foram gratificados, pois mexem com um componente prazeroso associado à ação, gerando uma grande satisfação para quem o recebe.

Comportamentos que não são desejados, levando a eliminá-los através das críticas, mas o que leva a isso, segundo esses autores, é o medo.

Segundo a análise das informações que obtivemos com a entrevista das crianças é que a comunicação dos treinadores que observamos as aulas ocorria através de reforços positivos e que as crianças se sentiam gratificados com isso que mesmo eles errando o treinador os apoiava. Constatamos através das entrevistas que havia crianças que estavam na escolinha há quatro anos e mesmo aquelas que não queriam o basquetebol, entraram porque era o esporte que tinha vagas, permaneceram por ter gostado de praticá-lo.

c) **Comunicação entre crianças e treinadores na visão dos treinadores**

As entrevistas realizadas com os treinadores possibilitaram fazer uma reflexão em relação à comunicação dos treinadores com as crianças na visão desses treinadores nas aulas e nos eventos esportivos.

Nas aulas: de acordo com os treinadores, também houve uma unanimidade em relação à comunicação dos mesmos com as crianças. Segundo eles, a comunicação com as crianças é boa, a partir de uma conduta orientada para o relacionamento, conforme as entrevista que seguem:

“Sei lá eu levo bem na boa, assim deixo bem solto não sou um cara muito ditador assim, eu acho que o negócio que eu peguei meio da filosofia daqui quando eu entrei já era meio assim eu deixo eles bem soltos, tem o horário deles de brincar, quando eu acho que ta passando dos limites, eu chego junto, mas eu me considero bem flexível com eles brinco bastante com eles, uso uma linguagem, às vezes bem deles, me entendo bem com eles, até agora tivemos em Caxias, no evento me diverti tanto quanto eles, risos, acho, brincava com eles direto”. (entrevista com Bernardo, e.p.d. 19-10-01).

“A minha comunicação com as crianças é a mais próxima, tento me manter o mais próximo possível deles, ou seja, me envolvendo dentro das atividades, não manter uma postura somente de ser professor, o dono da sabedoria, que eu questiono e tento conforme assimilação e o envolvimento deles nas atividades se não está indo de uma maneira como planejada né que planejamento é um ,prática é outra eu tento mudar, construção da aula, quando possível, então eu tenho um relacionamento bem afetivo, ou seja, não só na linguagem verbal, mas com linguagem motora, afetiva, eu quero que eles sejam meus amigos, não, não, só, meus alunos. (entrevista com Antonio, e.p. 29-06-01).

Através da análise das entrevistas realizadas com os treinadores, verificamos que eles evidenciavam uma conduta orientada para o relacionamento. Essa comunicação foi verificada, também, através de nossa observação:

“O treinador está próximo das crianças que estão esperando para entrar no jogo. Olha o jogo e não se manifesta muito. Quando troca um jogador elogia o que sai e passa a mão na sua cabeça”. (obs. da aula de Antônio, e.p. 24-11-00).

Nas aulas de Antônio, verificamos além dele dar reforços positivos às crianças, quando eles estão realizando alguma atividade, ele escutava ativamente as crianças e isso pudemos verificar, quando reunia as crianças no círculo, todos sentados no chão ou mesmo em pé.

A escuta ativa segundo Weinberg e Gould (2000), que envolve a comunicação não-verbal, é verificada, quando Antônio escuta seus alunos e fica, olhando em seus olhos, quando estão falando e fazendo acenos com a cabeça, confirmando que está entendendo o que estão dizendo.

As aulas que observamos dos três treinadores, anteriormente citados, tinham uma conduta orientada para o relacionamento, demonstrando preocupação com as relações interpessoais.

Entretanto, na aula anterior ao Campeonato de Mini-basquetebol de Caxias do Sul foi possível observar mudanças na comunicação de Carla e Bernardo, quando observamos a aula na véspera do jogo. Através dos relatos das observações, descrevemos como foi essa aula:

“Carla e Bernardo estavam dando aula quando cheguei, hoje a comunicação da treinadora com as crianças estava diferente das outras aulas que eu observei”. (obs. da aula de Carla, e.p.d. 19-10-01).

A treinadora propõe exercícios de marcação, situações de jogo, noções táticas para as crianças. Enquanto as crianças realizavam os exercícios ela fazia a lista das crianças que iriam participar do campeonato. A aula de hoje não teve brincadeiras como das outras aulas. As crianças pegavam a bola iam arremessando e nos exercícios de marcação a treinadora dava instruções para realizarem as atividades. (obs. Aula de Carla 19-10-01).

Nessa aula em que observamos a preocupação da treinadora em que as crianças jogassem corretamente no campeonato, este fato suscitou uma pergunta que fizemos a ela que então as crianças estariam participando de um campeonato de Mini-basquetebol que o objetivo era a competição? E a resposta que tivemos foi que, pelo menos uma vez no ano, as crianças podem ganhar uma medalha.

O que podemos interpretar nesse momento é que existe um limite muito tênue entre o esporte participação e a competição difícil de separar que nem mesmo os treinadores conseguem internalizar, pois as marcas deixadas do esporte rendimento ainda estão presentes nessa treinadora que foi uma atleta desde a sua infância e mesmo que ela tente ser coerente com a proposta do esporte-participação existem momentos que ela deixa transparecer suas experiências como atleta.

Nos eventos: os treinadores a seguir relatam como é a sua comunicação com as crianças durante os eventos:

“Olha, às vezes eu não falo nada nos campeonatos, às vezes eu fico muda quieta e parada, porque é difícil, como eu organizo, eu tenho que apitar, ver súmula é muito difícil eu sentar no banco e ficar eu com as crianças, isso é uma coisa que prejudica, quando a gente vai a torneios tipo em Caxias, ou evento fora que eu posso ficar com eles no banco eu quase não falo com eles, porque o que é para falar, o que é para ensinar, assim de cobrar, isso é feito

nas aulas, eu não sou a favor de ficar nesse momento que eles tão nervosos e tudo, de ficar como os pais me pedem, professora a senhora não grita com eles, professora a senhora tem pedir mais, tem que exigir mais, só que eu acho que nesse momento, só o olhar já basta, ta eles olham para mim e ele ta querendo se desculpar, ou que ele ta pedindo o que é para ele fazer, e se é para dizer o que é para fazer, daí eu tiro, peço para ele vir bem pertinho digo o que é, porque eu acho, que não é o momento na hora do jogo de ta gritando e dando ordens que não foram dadas antes, ou eu ensinei antes e não é na hora do jogo, ele vai aprender na hora do jogo, mas ele precisa de um tempo ainda para assimilar e refletir sobre o que ele poderia ter feito, não é na hora do jogo eu acho.” (entrevista com Carla, e.p.d. 23-11-01).

“... eu não tenho um padrão de comunicação, a eu sou sempre assim, tem momentos em que eu me exalto e momentos que eu procuro, até não falar. O primeiro jogo por exemplo eu muito pouco falo com eles, porque? Tanto é que eu falei na presença dos professores. Tamos perdendo, não vais falar nada? Não. Primeiro jogo é pra soltar, pra relaxar, pra conhecer, pra tomar pé com o clima do jogo, então o primeiro não adianta cobrar, é pra eles se soltarem, no primeiro eles tavam mais trancados, no segundo eles estavam alegres, terceiro e quarto agora já tão no clima, tão no pique, eu procuro nem falar muito no primeiro, o segundo eu já entrei mais.” (entrevista com Eugenio, e.p.d. 25-11-01).

Os treinadores acima citados são unânimes em afirmar que a sua comunicação com as crianças ocorre a partir de uma conduta orientada para o relacionamento e através das nossas observações dos eventos, podemos confirmar isso relatando uma de nossas observações, mas que se repetiram no decorrer da investigação.

“... ficam calmos na beira da quadra, sentam no banco junto com as crianças, conversam com eles, ao trocar de jogador passam a mão na cabeça da criança...” (Obs. de Bernardo e Antônio no evento: 25-11-00).

“A treinadora apita os jogos, esta envolvida com a organização, não há tempo para a ficar junto com as crianças, porque ela é encarregada da organização, arbitragem, etc.” (obs. Carla no evento: 25-11-00).

A seguir a entrevista que realizamos com Carla:

“Olha, as vezes eu não falo nada nos campeonatos, as vezes eu fico muda quieta e parada, porque é difícil, como eu organizo, eu tenho que apitar, ver súmula, é muito difícil eu sentar no banco e ficar eu com as crianças, isso é uma coisa que prejudica, quando a gente vai em torneios tipo em Caxias, ou evento fora que eu posso ficar com eles no banco eu quase não falo com eles, porque o que é para falar, o que é para ensinar, assim de cobrar, isso é feito nas aulas, eu não sou a favor de ficar nesse momento que eles tão nervosos e tudo, de ficar como os pais me pedem, professora a senhora não grita com eles, professora a senhora tem pedir mais, tem que exigir mais, só que eu acho que nesse momento, só o olhar já basta, ta eles olham para mim e ele ta querendo se desculpar, ou que ele ta pedindo o que é para ele fazer, e se é para dizer o que é para fazer, daí eu tiro, peço para ele vir bem pertinho digo o que é, porque eu acho, que não é o momento na hora do jogo de ta gritando e dando ordens que não foram dadas antes, ou eu ensinei antes e não é na hora do jogo, ele vai aprender na hora do jogo, mas ele precisa de um tempo ainda para assimilar e refletir sobre o que ele poderia ter feito, não é na hora do jogo eu acho.” (entrevista com Carla, e.p.d. 23-11-01)”

Nos eventos, nem sempre a comunicação dos treinadores que participaram preocupou-se com o relacionamento, e as finalidades do seu trabalho para o esporte-participação obtiveram essas informações através das nossas observações.

Fernando foi um dos treinadores que entrevistamos, sem que observássemos suas aulas. Foi incluído no estudo pela sua representatividade, pois ele fez parte de um evento que nós observamos e representava um clube esportivo da cidade.

Falamos a ele que estávamos realizando uma pesquisa e que gostaríamos de conversar. Perguntamos qual era o objetivo ao trazer as crianças para jogar nesse encontro de basquetebol e em sua entrevista disse-nos o seguinte:

“Nesses campeonatos eu coloco meus jogadores reservas para jogar, pois os pais me cobram que seus filhos estão na escolinha e não jogam, que eu não poderia fazer num campeonato oficial, pois nós iríamos perdere também para formar um grupo, mas aqui eles não aprendem nada.” (entrevista com Fernando, 25-11-00).

Através do relato do treinador Fernando que participou de um evento, pela análise de informações de sua entrevista foi percebido uma diferença de seus objetivos ao participar do Encontro de basquetebol em relação às finalidades do esporte-participação, indo de encontro à proposta do programa de iniciação da SME.

Mesmo um treinador que se dizia coerente com a proposta da SME do esporte-participação, demonstrava sua incoerência através da sua comunicação não-verbal.

Primeiramente colocaremos a entrevista e a seguir o que observamos no evento em relação à comunicação não-verbal:

“Bom, a minha comunicação. A primeira coisa que eu passo pra eles que eu não quero ser todo poderoso, dono da verdade, que as idéias devem vir tanto deles, quanto minha como, uma coisa que eu digo se existe algum prejudicado ou favorecido são as crianças e eles devem me ajudar a construir uma boa aula, bom, a questão, eu entendo que a questão do basquete, ele é um meio que a minha visão não se limita à questão humana da formação da criança, trabalhando junto com os pais, escutando as necessidades dos alunos, os objetivos não devem satisfazer o ego do professor e sim as necessidades do aluno”. (entrevista com Diego e.p.d. 25-11-01).

“Diego fica, em pé, na beira da quadra, fala para as crianças:” Quem é o armador? Calma gente!” Pede calma, abre os braços, sacode a cabeça, desaprova a atitude de uma criança que está no grupo. A criança coloca as mãos na cabeça. (obs: Encontro de basquete, 25-11-00).

A comunicação não-verbal de Diego vai ao encontro do que diz (Weinberg e Gould, 2001). Segundo esses autores, as pessoas muitas vezes não têm consciência dos indícios verbais que elas usam para se comunicar e também às vezes ignoram os indícios não-verbais com que se deparam.

As observações que a seguir descreveremos referem-se a esta forma de comunicação não-verbal:

“Estou observando o evento e noto que há equipes que estão vestidas com jalecos e outros estão com uniforme completo. Não havia um uniforme padrão para todas as equipes. Diego trouxe seus alunos todos uniformizados”.(obs. do evento 15-10-01).

Ao observarmos como as crianças estavam vestidas, pensamos sobre uma forma de comunicação não-verbal que é a aparência pessoal, a forma visual como nós nos apresentamos (Del Prette, 1999).

A aparência física é uma forma de comunicação não-verbal e através de nossa roupa revelamos muitas coisas. Segundo Diego, o encontro de mini-basquetebol não deveria ter pressão de um campeonato. Na nossa opinião essa comunicação visual, quanto ao uniforme das crianças trazidas por Diego, demonstrava uma conotação de competição, e sua equipe se apresentava como se fossem “atletas em miniatura”.

Na entrevista que fizemos com o treinador Diego foi relatado por ele que sua comunicação com as crianças visava uma conduta voltada para o relacionamento, mas ao observarmos este treinador em três eventos esportivos na realidade isso não veio a acontecer, através de sua comunicação não-verbal. Portanto, foi percebido que não existe uma confirmação entre o que ele relatou e a sua comunicação com as crianças durante os eventos.

Percebemos uma comunicação ambígua¹⁴ de Diego em relação às crianças e uma diferença de finalidades de Fernando em relação ao esporte-participação indo de encontro à proposta da SME. A comunicação de alguns treinadores ao participarem dos eventos ia de encontro a proposta da SME. Observaram-se cobranças de resultados na comunicação não-verbal desses treinadores.

Ainda referente à terceira categoria de análise, quanto à comunicação entre pais e crianças na visão dos treinadores a subdividimos:

d) Comunicação entre pais e crianças na visão dos treinadores

As entrevistas realizadas com os treinadores que participaram da pesquisa, através das nossas observações de suas aulas e com os quais realizamos as entrevistas, levou-nos a refletir sobre a comunicação entre as crianças e os pais na visão desses treinadores:

Nas aulas: Os treinadores foram unânimes em afirmar que os pais participavam pouco das aulas e alguns foram, além disso, nos dizendo que queriam uma maior aproximação com esses pais.

Isto veio a se confirmar com as nossas observações das aulas e pela maioria das entrevistas que conseguimos realizar com os pais, em um evento esportivo.

Os contatos com os pais eram feitos através das crianças, mas eles nos relatavam que seus pais não poderiam vir por compromissos profissionais. A seguir a nossa observação de uma aula confirma isso:

¹⁴ O conteúdo verbal não está de acordo com a sua linguagem corporal (Becker Jr., 2000a).

“Hoje para vir observar as aulas de Carla e Bernardo, trouxemos o gravador”. Não marcamos nenhuma entrevista por telefone porque não sabíamos se íamos conseguir o equipamento emprestado. A arquibancada estava vazia, nenhum familiar assistia à aula.” (observação da aula de Bernardo, e.p.d.17-08-01).

Através das entrevistas e das nossas observações, analisaremos a comunicação dos pais com os filhos, nas aulas. Segundo Samulski (1995), os pais têm influência nas atividades esportivas de seus filhos, pois muitas vezes proporcionam ajuda financeira, levam e trazem as crianças precisando adequar suas atividades com os treinamentos e as competições e ainda proporcionam ajuda emocional aos seus filhos.

Uma pesquisa feita que levou em conta a participação dos pais na vida dos seus filhos nos diz que os pais incentivam e encorajam suas crianças para o esporte e esse incentivo é dado para ambos os sexos e destacam que os incentivos pessoais determinam as necessidades (Simões, 1999).

Durante as aulas que observamos, a presença dos pais era mínima, e a entrevista a seguir ratifica como é a comunicação desses pais nas aulas:

“Os pais assim, os pais têm que ser conquistados como as crianças, então eles têm que saber o que está acontecendo, na medida que eles são informados com reuniões que a gente faz, que eles freqüentam algum tempo, esses pais são parceiros, eles sabem o que acontece, então eles respeitam, não tem assim, o pai que não sabe, é aquele que pede porque meu filho não tá jogando, meu filho é bom, porque bota aquele que é ruim o meu filho não, mas os daqui, da turma que tu estás observando, como a maioria já está comigo a mais tempo e sempre tem reuniões periódicas, eles entendem, vão comigo nos lugares, eles vêm assistir, sempre que eu chamo eles atendem, as reuniões, eles participam.” (entrevista com Carla, e.p.d. 23-11-01).

Quanto à participação dos pais nas aulas, ela acontece quando esses pais deixam seus filhos na escolinha e depois eles voltam sozinhos; esses pais não ficam olhando as aulas. Já os pais que assistiam às aulas ficavam sentados na arquibancada, quietos, olhando, conversando com outros pais, fazendo algum trabalho manual e quando terminava a aula, iam embora, levando os filhos. Na entrevista com Antônio, quando lhe perguntamos como era a comunicação entre os pais e os filhos, ele nos respondeu que:

“Como eles participam pouco até na relação professor pais, né, alguns, os poucos que vem, eles durante as aulas eu não vejo cobrar resultados, vejo assim mais acompanhar, ver se seu filho tá realizando, como é o trabalho feito pela Prefeitura, mas pequena participação, também no meu ponto de vista, eles não, vê assim só no intervalo, entre tomar água, vê se tá tudo bem, se os filhos tão precisando de alguma coisa, mas uma relação de preocupação, de saber se o filho tá sendo bem tratado dentro da aula, mas nenhum envolvimento muito forte”. (entrevista com Antonio, e.p. 29-06-01).

Para Carla, a pouca participação dos pais tem a ver com a maior autonomia das próprias crianças, pois eles permitem que elas andem sozinhas, muitas vezes até por uma questão de necessidade.

“Dessa idade, de mini é assim, em geral eles já têm uma certa autonomia, os alunos, né, alguns, os que são assim, mais criados na rua, não em condomínios, as pessoas de classe média, então aqui tem criança de classe média e de vila junto, aqui da vila de trás, aqui tem alguns nessa categoria, tem a da vila ali da frente, tem alunos da FEBEM, na hora da aula isso não faz diferença, faz diferença é como eles vêm, como eles chegam, alguns vêm com a mãe, tem o Lucas a mãe dele fica andando durante a aula, fazendo caminhada. Tem alguns que tem dificuldade para vir sozinhos, os de dez, de onze é complicado, alguns vêm a pé, os que moram pertinho vêm a pé, então aqui têm um problema grande do acesso...” (entrevista com Carla, e.p.d. 23-11-01).

Ela nos revelou que este esporte comunitário recebe crianças de todas as classes sociais e que as crianças de classes mais baixas, provavelmente por necessidade, os pais os deixam andar sozinhos mais cedo. Geralmente o que acontece é que os dois trabalham fora e na hora das aulas estão trabalhando. E muitas vezes algumas crianças que vinham para o basquete traziam junto um irmão pequeno, pois eram responsáveis pelo seu cuidado.

A comunicação entre pais e crianças durante as aulas e os eventos esportivos, segundo a análise de informações que realizamos, divide-se em: os pais que acompanham pouco em função do trabalho, assistiam no início e, ao pegarem confiança no professor, os filhos vêm sozinhos, assistem sós ao evento, e uma minoria assiste às aulas e aos eventos.

O horário que se desenvolve as aulas na escolinha esportiva da manhã é das nove e trinta as dez e trinta na quarta e sexta-feira. A escolinha do turno da tarde tem

suas aulas das quatorze horas às quinze horas na segunda e na quarta-feira. E através das entrevistas, tudo isso foi confirmado.

“Eu sempre que posso, eu procuro assistir as aulas do meu filho, porque eu acho muito importante a relação pai e filho e o pai ta sempre presente naquilo que o filho pratica, principalmente o esporte, então atualmente por questões de horário, de serviço eu não tenho acompanhado ele nos dias de semana, isso fica encargo da minha esposa, quando no fim de semana que tenho oportunidade eu sempre to presente nas atividades dele na escolinha de basquete”. (entrevista com Geraldo, e.p.d. 25-11-01).

“Mais de acordo com a minha disponibilidade eu às vezes assisto as aulas dele, dentro do possível, se eu pudesse assistiria sempre pra dar um incentivo ao meu filho e também nós trocamos idéia em casa, apesar dele ter professor bem experiente, né, mas é sempre, mas é sempre bom o pai de fora dar uma pincelada, então dentro do possível eu assisto”. (entrevista com Maurício, e.p.d. 26-10-01).

Nas entrevistas realizadas, verificamos a existência de pais que assistem às aulas só no início, quando inscrevem as crianças na escolinha; depois as crianças são levadas até a porta e muitas vezes vêm sozinhas. Alguns pais telefonam para saber se seus filhos mais novos chegaram bem ou fazem-nos telefonar quando chegam no ginásio. Os pais têm preocupação com as ruas movimentadas que circundam o local das aulas; quando as aulas são realizadas nas praças em que os filhos moram perto, não existe essa preocupação. A seguir a fala de alguns pais e familiares: *“Antes eu assistia todos os dias, agora não, porque eu tô trabalhando, no começo eu assistia todos os dias”.* (entrevista com Fernanda, e.p.d. 26-10-01).

Os pais vêm às primeiras aulas com as crianças e depois começam a deixá-las vir sozinhas; muitos deles alegam não ter tempo de ficar nas aulas, porque têm de trabalhar nesse horário. Muitas mães também contribuem para melhorar a renda familiar com seu trabalho, por isso torna-se impossível acompanhar o filho; e há aquelas que tentam conciliar o trabalho com as atividades dos filhos:

“Quando eu posso sim, porque eu trabalho, né, então sempre que dá eu dou uma fugidinha pra assistir aula vê como é que é, principalmente no início, pra ver, gosto de conhecer o professor, vê como que é o relacionamento e tudo”. (entrevista com Eliane, e.p.d. 25-11-01).

Presença marcante nas aulas e nos eventos foi à avó Andréia; observamos que existe hoje uma mudança de comportamento em algumas avós. Essa era atleta da terceira idade, na modalidade de basquetebol, e havia incentivado seu neto para o esporte.

“Assisto todas fui até lá na Vila Elizabeth levar ele pra jogar um sol que bramia, ele foi de ônibus e eu fui de ônibus de linha, levando água pra ele nos confins do mundo”. (entrevista com Andréia, e.p. 11-07-01).

A comunicação entre crianças e pais durante as aulas é marcado pela ausência destes pais nas mesmas. Nas nossas observações, houve uma efetiva participação de duas avós nas aulas e nos eventos esportivos. Essas avós compareciam sempre e, às vezes, levando algum trabalho manual para fazer ou um neto mais novo que elas também cuidavam, vinha junto.

Nos eventos: nos eventos esportivos, de acordo com as nossas observações, a participação dos pais acontece com mais frequência do que nas aulas e isso se confirma nas entrevistas com os treinadores que colocaremos a seguir:

“Nas aulas, ô, há pouca participação durante as aulas, poucos pais me procuram pra saber como anda assim o desenvolvimento de seu filho, então de vinte alunos digamos que cinco seis procuram , então mais eu gostaria até que viessem mais, né, mas também teriam que chegar antes, daí tem que ter uma estrutura toda específica para isso, uma reunião de pais que acontece uma vez a cada semestre, mas não é uma coisa sistemática, é assistemática, então eu vejo a participação como uma participação pequena atualmente, tá”. (entrevista com Antonio e.p. 29-06-01).

“As aulas em função do horário nós temos poucos pais que participam, provavelmente uma média de quatro ou cinco que nós temos um diálogo muito grande converso sempre com eles explico desde que eu iniciei expliquei toda a metodologia, o objetivo das aulas de basquete, mas é isso, a gente até tenta ter contato com os outros pais, mas eles alegam que ele não tem tempo de conversar em função do trabalho, do cotidiano deles”. (entrevista com Diego, e.p.d. 25-11-01).

A presença dos pais nas aulas segundo a análise de informações não é significativa, porque nesses horários eles estão trabalhando e não podem comparecer as aulas revelando essa informação com as entrevistas que fizemos e que pode ser

ratificado com a entrevista de uma das crianças: “*Não, porque eles têm trabalho, não podem vir*” (entrevista com Márcio e.p.d.26-10-01).

e) **Comunicação entre pais e crianças nas aulas e nos eventos na visão das crianças**

Nas aulas: através das entrevistas que realizamos com as crianças e colocaremos a seguir, pode ser visto como era a comunicação dos pais com as crianças:

“De vez enquanto minha mãe vem, o meu pai não que ele está trabalhando”. (entrevista com Carlos, e.p. 18-07-01).

“Não, a minha mãe as aulas ela não pode, por causa que ela tá trabalhando, mas quando é campeonato sim, nos fins de semana ela vem me ver jogando”. (entrevista com Osório, e.p.d. 26-10-01).

“Só da minha mãe, porque o meu pai já faleceu. A minha mãe não entende basquete, mas ela acha muito bom que eu faça um esporte, que é bom pra saúde”. (entrevista com Demetrio. p.d. 26-10-01).

“Eles ficam gritando assim: - Vai lá faz a cesta.” (entrevista com Diego e.p.d. 25-11-01).

Ao fazerem referência à comunicação dos pais, as crianças nos relataram que eles não podem vir às aulas, porque é horário de trabalho. O que interpretamos em relação à comunicação entre as crianças e os pais nas aulas é que, segundo as crianças que participaram do estudo e pertencem ao contexto, o pai não estar ali olhando sua aula acontece, porque ele está fazendo uma coisa muito importante que é estar trabalhando.

Percebeu-se através da fala das crianças o quanto significa ter esse *status* de ter um emprego, em uma classe social onde o desemprego é muito grande. A criança faz a leitura dessa necessidade e provavelmente compreende que para o pai, estar ali durante as aulas, seria impossível.

Nos eventos: em relação à comunicação dos pais com as crianças nos eventos, através das nossas observações, podemos dizer que eles comparecem mais do que nas aulas.

Isso se confirma pela maior quantidade de entrevistas que conseguimos realizar com os pais no Encontro de 25 de novembro de 2001.

As observações que fizemos dos eventos, em relação aos pais, é que ir a uma praça num final de semana, ir até o ginásio onde ocorria o evento, fazia parte de um momento de lazer a que os pais se davam o direito.

Carolina ao falar da comunicação dos seus pais em relação a ela nos eventos, disse que se sentia incentivada, quando eles estavam olhando e até melhorava seu desempenho. Para algumas crianças é importante a presença dos pais no momento em que estão jogando.

“Vão, nem sempre, mas vão. A eles começam torcer pra mim, né, pra mim ganhar, pra mim melhorar meu time, me sinto muito bem, daí assim que eu reajo, começo a jogar mais.” (entrevista com Carolina, e.p.d.26-10-01)

O mesmo sentimento que teve Carolina com a presença de seus pais, não aconteceu com Gilberto que se incomoda com a presença dos dele olhando o seu jogo.

O que ocorre, segundo Becker Jr. (2000b), é que algumas crianças apresentam níveis de ansiedade e perdem o equilíbrio emocional com uma redução grande do seu rendimento, quando estão na presença dos pais.

“Tá o meu pai me trás sempre pro basquete e de vez em quando ele vem aqui, fica caminhando e me vendo fazer aula, é assim, só que às vezes não ele me deixa e aí eu volto de ônibus, porque ele não pode me buscar” (entrevista com Gilberto, e.p.d, 26-10-01).

E como é que tu te sentes, quando eles tão torcendo e olhando o jogo?

Assim eu fico com um pouco de vergonha, assim até eu me sinto melhor quando eles não tão, né”. (entrevista com Gilberto e.p.d. 26-10-01).

De acordo com Erikson (1971), a idade de dez a doze anos é a fase que a criança precisa de aprovação para as coisas que faz. Levando isso para o esporte, se a criança tiver um desempenho abaixo do esperado pelo pai e perceber que o pai não gostou disso, ela irá desenvolver um complexo de inferioridade que será incorporado em sua personalidade.

As análises das informações em relação à comunicação das crianças com os pais possibilitaram que entendêssemos o papel particularmente importante deles na experiência esportiva dos seus filhos.

As atitudes e comportamentos dos pais têm efeitos importantes, tanto positivos como negativos, sobre o envolvimento no esporte, a motivação, auto-estima e a saúde mental de atletas jovens. Educar os pais e manter linhas abertas de comunicação entre técnicos e pais são formas importantes de assegurar a influência benéfica dos pais no esporte de crianças. A participação bem sucedida de pais no esporte infanto-juvenil pode ser difícil, mas vale a pena (Weinberg e Gould, 2001).

f) **Comunicação entre crianças e pais na visão dos pais**

De acordo com Machado (1997), podemos encontrar dois tipos de torcida no contexto esportivo: a silenciosa e a agressiva. Para esse autor muitas vezes aquele familiar que fica calado na arquibancada pode fazer parte de uma torcida silenciosa tão prejudicial à criança, quanto à torcida agressiva, pois este familiar, quando chega em casa, na intimidade, é que descarrega o que gostaria de ter dito durante o jogo. Já no caso da torcida agressiva, esta fica todo o tempo do jogo se manifestando.

Nas aulas: diante das informações recolhidas junto aos pais colocamos algumas entrevistas referentes à presença desses pais nas aulas:

“Eu sou aposentado proporcional, trinta anos de Banrisul, mais de acordo com a minha disponibilidade eu às vezes assisto as aulas dele, dentro do possível, se eu pudesse assistiria sempre pra dar um incentivo ao meu filho e também nós trocamos idéia em casa, apesar dele ter professor bem experiente, né, mas é sempre, mas é sempre bom o pai de fora dar uma pincelada, então dentro do possível eu assisto” (entrevista com Mauricio, e.p.d. 26-10-01).

“Até algum tempo atrás sempre assisti às aulas, só que devido ao meu horário no trabalho isso dificultou muito, então às vezes eu assistia o início da aula um pedacinho, ou o final, mas todos os torneios ou campeonatos que acontece aqui, ou em outro local próximo que eu possa me deslocar para isso eu sempre assisto” (entrevista com Fernanda, e.p.d. 26-10-01).

Nos eventos: diferente da participação dos pais nas aulas que era muito pouca em função de terem de trabalhar, pois era dia de semana, a presença deles nos eventos esportivos era maior. Percebíamos que eles gostavam de ir olhar os jogos, pois traziam às vezes outros filhos, coisas para comer, chimarrão, etc. Os pais ficavam sentados nas arquibancadas, olhando o jogo:

“Os familiares vão chegando aos poucos para ver o jogo, trazem junto as crianças pequenas, chimarrão e sentam para olhar os jogos. A torcida é pequena, não chega a ocupar toda as arquibancadas. As pessoas olham o jogo e as vezes batem palma quando seu filho faz uma cesta. Não se ouve gritos da torcida, ela é calma” (observ. do evento, 25-11-01).

Foi em um desses eventos que conseguimos ver reunidos uma maioria de pais, dando-nos a oportunidade de realizar o maior número de entrevistas.

g) **Comunicação entre treinadores e pais na visão dos treinadores**

Nas aulas: de acordo com a análise de informações, a presença dos pais nas aulas acontecia raramente e nos eventos ela ocorria com maior frequência. Isso foi revelado pelos treinadores, quando perguntados como era a sua comunicação com os pais.

Bernardo, o treinador da turma da manhã, relatou que poucos pais o procuram para conversar, pois dificilmente algum pai trazia a criança. Às vezes por conta de um problema com alguma criança o pai ou a mãe vem e ele tinha a oportunidade de conversar:

“A maioria vem sozinha, né das crianças, dificilmente um pai traz, mas os que trazem, procuram às vezes conversar com a gente, e eu tenho uma boa relação, às vezes acontece um mal entendido, mas como já houve, uma vez só, nesse mais de um ano que eu já tô aqui”. (entrevista com Bernardo, e.p.d. 26-10-01).

Os pais alegavam que tinham os seus compromissos profissionais e não dispunham de tempo para ficar assistindo às aulas. Esse tempo é dado, quando as crianças iniciavam na escolinha esportiva trazida por eles e o professor tinha a oportunidade de conversar e explicar a sua metodologia de trabalho, etc. É o que nos

falou Diego sobre a comunicação dele com os pais. São poucos os pais que comparecem às aulas, nessa faixa etária, abordada pela pesquisa; apenas cinco ou seis pais se faziam presentes às aulas segundo Diego:

“Olha a primeira coisa que eu procuro, sempre convido eles pra participarem das aulas, mas eu sempre que cada um sabe de seus compromissos, mas é uma relação muito boa em que até então que participa de festivais reclama até é um respeito mútuo.

As aulas em função do horário nós temos poucos pais que participam, provavelmente uma média de quatro ou cinco que nós temos um diálogo muito grande converso sempre com eles explico desde eu iniciei expliquei toda a metodologia, o objetivo das aulas de basquete, mas é isso a gente até tenta ter contato com os outros pais, mas eles alegam que ele não tem tempo de conversar em função do trabalho, do cotidiano deles” (entrevista com Diego, e.p.d. 25-11-01).

Eugênio trouxe um grupo da escola, que ele compôs a partir das aulas de Educação Física; ele disse que os pais não têm participação nas aulas por se tratar de um grupo escolar.

Através da nossa experiência, podemos verificar que a escola ainda se constitui em um lugar em que os pais não participam das aulas. Quando são chamados, até mesmo para reuniões, sua presença é muito pouca. Não se vê na escola nenhum pai assistindo as aulas de seu filho, mesmo as de Educação Física.

“... os pais só para pontuar assim a questão de que é um grupo escolar, então os pais não têm grande participação nas aulas que são as de Educação Física na escola. Agora aqui, no outro Festival foi bem bacana, duas famílias vieram acompanhar os filhos, vieram juntos, hoje um dos pais diz que viria pra cá eu não o encontrei ainda e durante a semana os pais vieram - Eu acho que é boa, tem que ter paciência, os pais enxergam até onde eles conseguem, eles não vêem como eu, e como o coordenador eles não enxergam todas as crianças, toda a estrutura da aula, todos os problemas, eles enxergam o filho deles, o que o filho ta fazendo, ou o que o filho não está gostando ou ta, ai dificulta ou ta, pra mim, então eu tenho que enxergar o pai vendo ele o filho e o mundo até onde ele enxerga, naquilo ali, e eu não, eu to vendo todos, né, todas as pessoas, tentando encaixar, mas tem que ter paciência que o pai ta vendo o filho dele, ele ta certo, não pode exigir que o pai veja todo o mundo, não é função dele (entrevista com Eugenio, e.p.d. 25-11-01).

Para Carla, os pais têm um limite para enxergar as coisas e muitas vezes eles enxergam apenas seu filho. Fazendo reflexões sobre a sua comunicação com os pais, Carla encontra dificuldades, mas acredita que trazendo esses pais bem próximos dela, através de reuniões e com o passar do tempo, os pais vão entendendo como deve ser a relação desses pais com seus filhos no esporte:

“Eu acho que é boa, tem que ter paciência, os pais enxergam até onde eles conseguem, eles não vêem como eu, e como o coordenador eles não enxergam todas as crianças, toda a estrutura da aula, todos os problemas, eles enxergam o filho deles, o que o filho ta fazendo, ou o que o filho não está gostando ou ta, ai dificulta ou ta, pra mim, então eu tenho que enxergar o pai vendo ele o filho e o mundo até onde ele enxerga, naquilo ali, e eu não, eu to vendo todos, né, todas as pessoas, tentando encaixar, mas tem que ter paciência que o pai ta vendo o filho dele, ele ta certo, não pode exigir que o pai veja todo o mundo, não é função dele”.(entrevista com Carla, e.p.d. 23-11-01).

O treinador Bernardo, quando se referia à comunicação com os pais das crianças, relatou que a pouca participação destes nas aulas ocorria em função da faixa etária das crianças que já eram mais autônomos. Outro fato importante que nos disse Bernardo é que os pais deixavam mais os filhos, pois tinham confiança nos trabalhos desempenhados pelos professores:

Aqui, nesse local, nessa faixa etária, assim não tem muito problema, até os pais comparecem pouco, eles não tem muito, aquele envolvimento, eles, é bem leve as primeiras vezes, não tem muita influência, mais quando dá algum probleminha com um ou com outro aluno, mais daí a gente conversa, nesse horário ta tudo bem mesmo atualmente não tem problema nenhum com os pais, eles confiam na gente no nosso trabalho, acho que ta bom” (entrevista com Bernardo e.p.d. 26-10-01).

Nas observações das aulas que fizemos do estudo preliminar e do estudo propriamente dito, a presença dos pais era muito rara, como foi mencionado anteriormente.

Nos eventos: a presença dos pais nos encontros de basquetebol aconteciam de forma diferenciada de outro evento esportivo que tínhamos assistido até então.

Os pais nos finais dos jogos eram convidados pelos treinadores para fazer os lances livres e os pontos que eles fizessem eram convertido para as equipes de seus filhos. Observou-se que existia um incentivo dos treinadores para que todos os pais entrassem em quadra para participar. As crianças ficavam torcendo pelos pais, na beira da tela.

Antônio entendia que era importante essa inversão de papéis em relação aos pais e seus filhos. Para Antônio, ao entrarem em quadra e terem de ser observados e produzirem, os pais sentiriam como é difícil cobrar isso de uma criança pequena:

“Muitas vezes é mostrar para esses pais como é difícil ta na posição de dentro da quadra, com todo um aparato assim de uma estrutura diferente do que eles estão acostumados, mas ta do lado de fora é uma coisa...” (entrevista com Antônio, e.p. 29-06-01).

Os pais são chamados para participarem dos eventos através de uma comunicação escrita que o filho levava para casa. Quando o evento ocorria em outro lugar, os pais eram chamados para uma reunião. Essas reuniões aconteciam antes de um evento marcante.

Carla, quando se referiu às reuniões que fazia com os pais, disse que eles compareciam e, se não pudessem, mandavam avisar.

Os pais assim, os pais têm que ser conquistados como as crianças, então eles têm que saber o que está acontecendo, na medida que eles são informados com reuniões que a gente faz, que eles freqüentam algum tempo, esses pais são parceiros, eles sabem o que acontece, então eles respeitam, não tem assim, o pai que não sabe, é aquele que pede porque meu filho não ta jogando, meu filho é bom, porque bota aquele que é ruim o meu filho não, mas os daqui, da turma que tu estás observando, como a maioria já está comigo a mais tempo e sempre tem reuniões periódicas, eles entendem, vão comigo nos lugares, eles vêm assistir, sempre que eu chamo eles atendem, as reuniões eles participam” (entrevista com Carla, e.p.d. 23-11-01).

Diego, referindo-se às reuniões que fazia com os pais, considerava-as muito proveitosas, pois elas ajudavam a fazer os pais entender como deveriam ser as suas condutas durante os eventos e, segundo esse treinador, através de diálogo com os pais:

Olha, alguns, assim, quando iniciou esse trabalho nos festivais de Mini-basquete eles até se alteravam um pouco de exigir do filho, mas hoje tem uma relação bem melhor, porque a gente começa a conversar com eles e explicar qual o objetivo realmente do esporte que a gente trabalha, lógico explicando o porque desse objetivo, então eles começam a compreender melhor as coisas, eles vão se tornando, se assim a gente pode dizer, mais útil pra criança, não exigindo demais dela, ou cobrando o que eles não conseguiram fazer” (entrevista com Diego, e.p.d. 25-11-01).

Todos os treinadores são unânimes em afirmar que os pais no início dos trabalhos da escolinha, durante os eventos, cobravam mais dos seus filhos, mas no momento em que os treinadores conversavam com eles, as suas cobranças em relação aos filhos diminuía.

Os treinadores afirmaram que as conversas mantidas com os pais ficavam por conta das reuniões antes de um evento, conversas antes das aulas, muito rapidamente, ou quando acontecia algum problema com a criança; mas registra que não existia um espaço para conversar, além desses momentos, destacando a importância de criar-se um espaço especial.

Percebe-se que Antônio sentia a necessidade de haver um momento específico dedicado às conversas com os pais. Sentia que durante as aulas ficava difícil, pois tudo tinha de ser conversado muito rapidamente.

“Antônio termina uma aula e começa a outra, uma mãe se aproxima dele para conversar, os alunos estão entrando em quadra e pegando as bolas, Antônio fala rapidamente com a mãe” (observação de Antônio, 24-11-00).

Antônio dava atenção aos pais, mas não possuía uma hora específica para isso e percebeu-se que ele gostaria de ter mais tempo para conversar:

“... de vinte alunos, digamos que cinco ou seis me procuram, então mais eu gostaria até que vissem mais, né, mas também teriam que chegar antes, daí ter uma estrutura toda, específica para isso, uma reunião de pais, que acontece, uma vez a cada semestre, mas não é uma coisa assistemática...” (entrevista com Antonio, e.p. 29-06-01).

O que foi constatado em relação à comunicação dos treinadores com os pais, até o momento da análise dos dados, é que os treinadores têm preocupação com que este contato seja efetivado, mas que os momentos são muito poucos para comunicarem-se

com os pais. Teriam de ser criados novos espaços de discussão com as famílias, além dos poucos que já existiam.

h) **Comunicação dos treinadores e pais na visão dos pais**

Nas aulas: Geraldo foi o pai que mais observávamos nas aulas; ele estava sempre presente. Em certa época da nossa investigação, não vimos mais Geraldo, mas sua esposa estava sempre presente olhando as aulas de Bruno, na escolinha há quatro anos, segundo o pai.

Encontramos Geraldo no último evento que assistimos e realizamos a entrevista com ele. Relatou-nos, então, como sentia a comunicação dos treinadores com os pais:

“Que eu me lembro eu tive uma reunião uma vez nesses quatro anos que eu tive aqui, então foi mais uma apresentação, do corpo dos professores, do que a Prefeitura tinha a oferecer no lado de esportes, mas só foi uma explanação geral das atividades aqui do Ginásio” (entrevista com Geraldo, e.p.d. 25-11-01).

Fernanda sentia necessidade de saber mais coisas em relação à escolinha em que havia colocado seu filho. Já havia tentado mais informações, mas não ficou contente com o que obteve, queria mais atenção. Na entrevista, estava angustiada porque seu filho não queria vir mais para o basquete e ela não sabia o que fazer, não entendia porque isso acontecia com seu filho.

“Outra coisa eles deveriam fazer reuniões com os pais, divulgar mais o esporte, divulgar mais o basquete, divulgar mais o que tem aqui dentro, né, eu não ouço nada às vezes lá na diretoria tu pergunta eles ficam meio na dúvida...” (entrevista com Fernanda, e.p.d. 26-10-01).

Em relação à comunicação dos treinadores com os pais, Eliane, a mãe de Diego que tinha aulas de basquetebol no parque, relatou que as comunicações eram feitas no início das aulas, através da coordenadora, e depois, por bilhetes enviados pelas crianças:

“Não, daí só é feito só o inicial com a coordenadora que cuida ali do Parque, e daí ela nos explica como vai ser feito e tudo, e cada vez que tem campeonato o professor manda bilhete, ou avisa pra eles, sempre quando vem o horário, local quem quer participar pode” (entrevista com Eliane, ep.d. 25-11-01).

Mauricio, não se recordava de ter vindo a alguma reunião, pois segundo ele quem trouxera seu filho para a escolinha havia sido sua esposa:

“Olha que eu me recorde, não e eu não sei se eu estava junto, se eu estava junto eu não me lembro mais, mas poderia até quem sabe, estar a minha esposa, como eu te falei no início, foi ela o motivo que trouxe o meu filho pra cá foi idéia da minha esposa, ela que viu isso” (entrevista com Mauricio, e.p.d. 26-10-01).

Betina era uma mãe presente nas aulas de seu filho, Carlos, e, segundo ela, já havia participado de algumas reuniões. Conhecia as finalidades do esporte que ali se desenvolvia; percebemos que os problemas de obesidade de seu filho era algo que a angustiava e que iam além do que a escolinha poderia oferecer: *“... participei de algumas reuniões...”* (entrevista com Betina, e.p.d. 16-07-01).

Ao contrário de Betina, a avó Andréia havia colocado seu neto há três semanas no basquetebol, já tinham ido a um campeonato, mas desconhecia a proposta da escolinha, e não tinha assistido a nenhuma reunião, pois o treinador prometeu conversar com ela, mas não havia acontecido esta reunião:

“... eu tenho que falar com o professor, eu não tive entrevista com o professor, apenas apresentação, e eu não quero me meter, pra ta pesquisando, isso, aquilo, aquilo, outro, tenho que esperar por ele, eu sei que tem um dia que ele vai marcar com os avos e pais pra conversar...” (entrevista com a avó Andréia, e.p.d. 11-07-01).

Através dos relatos dos pais e familiares das crianças, percebemos quanto à comunicação com os treinadores, os pais sentem a necessidade de terem mais momentos para discutirem as questões relacionadas ao programa em que seu filho está inserido.

Essa necessidade revelada pelos pais é ratificada, através da importância de se implantar no projeto de iniciação esportiva, um programa de assessoramento aos pais. Esse programa se justifica pela influência que estes pais exercem através de sua presença, o modo como se conduzem seus comentários ou opiniões (Gordillo, 2000).

Achamos importante ir além das informações dos pais em relação à comunicação com os treinadores e relatar o que pensam estes profissionais, quanto a ter um momento para discutir essas questões, através das entrevistas com os próprios treinadores:

“Em geral isso não, só se o pai, quando o pai vem, a primeira aula ele vem trás e conversa, ele me pergunta muitas coisas, daí eu consigo conversar, mas ainda a gente não tem esse momento, só quando ele vai a próxima reunião ou quando ele participa do primeiro campeonato, aí o pai conversa” (entrevista com Carla, e.p.d. 23-11-01).

Para Diego, a pouca participação dos pais nas aulas, ocorria porque eles têm compromissos profissionais, os pais com quem ele conseguia comunicar-se eram poucos:

“As aulas em função do horário nós temos poucos pais que participam, provavelmente uma média de quatro ou cinco que nós temos um diálogo muito grande converso sempre com eles explico desde eu iniciei expliquei toda a metodologia, o objetivo das aulas de basquete, mas é isso a gente até tenta ter contato com os outros pais, mas eles alegam que eles não têm tempo de conversar em função do trabalho, do cotidiano deles. As crianças que começam geralmente vem com os pais eu procuro conversar com eles” (entrevista com Diego, e.p.d. 25-11-01).

Ratificando o que diziam os pais e os treinadores, Gordillo (2000) refere-se aos trabalhos que são dirigidos aos treinadores no intuito de orientá-los a como focar a suas relações com os pais de maneira que isso possa permitir uma comunicação adequada e eficaz, dando conselhos e orientações de como influir nas atitudes e atuações deles.

Através da nossa experiência em escola, como professora e mãe, podemos dizer que os pais ou familiares, quando são chamados para participar desses encontros, muitas vezes se negam por questões de tempo, etc., mas existe sempre um percentual que comparece e isso faz a diferença. Os pais têm de ser conquistados aos poucos. Se conseguirmos conquistá-los, certamente a comunicação será otimizada.

i) A comunicação entre os pais e os treinadores na visão das crianças

Nas aulas: Através das informações que obtivemos nas aulas, quanto à comunicação dos pais com os treinadores, segundo as crianças, elas em sua maioria nos disseram que raramente os treinadores falavam com os pais e esses com eles.

Demétrio, o filho de Fernanda, disse que sua mãe veio falar com o treinador, quando houve um desentendimento dele com um colega na aula. As crianças relataram

que os pais vêm às reuniões antes do campeonato e conversavam com o treinador ou que a comunicação é feita através de bilhete, para eles comparecerem à reunião.

Nos eventos: Para as crianças, as comunicações dos treinadores com seus pais aconteciam quando estes tinham de entrar em quadra para fazer os arremessos. Raramente os treinadores e os pais conversavam. A maioria dos pais vinha assistir aos jogos, ficavam olhando e não falavam com os treinadores.

“Eles falaram nos eventos, quando os pais tinham que fazer os arremessos e entrar na quadra é que o treinador organizava as filas de pais e dizia o que tinha que fazer” (entrevista com Demétrio e.p.d. 26-10-01).

Através das nossas observações, percebemos que raramente um pai vinha falar com os treinadores. E quando isso ocorria era feito rapidamente, porque a outra turma já estava esperando para iniciar a aula e que nos eventos os pais ficavam olhando o jogo e não falavam com eles e a maior aproximação dos pais com os treinadores era quando eles entravam em quadra para fazer os arremessos.

5 CONCLUSÕES

Com base na análise e interpretação dos resultados obtidos neste estudo, chegou-se às seguintes conclusões:

- A comunicação entre os pais e as crianças quanto aos motivos que os levaram a buscar a escolinha esportiva, foram divergentes e existia uma cultura familiar que sugeria a importância de uma atividade esportiva;
- Os motivos que levaram as crianças a aderirem a escolinha esportiva foram:
- Que a escolinha ficasse perto de casa, gostar do basquetebol, possibilidade de praticar um outro esporte, influência dos amigos, competência percebida, aprimorar as habilidades, somente havia vaga para o basquetebol e também sugestão da mãe.
- Os motivos dos pais foram os seguintes:
- Ocupação do tempo livre das crianças, escolha da mãe, escolha da criança condicionada a praticar o esporte preferido pelo pai em outro lugar, filho obeso e também acanhado.
- Existe desconhecimento por parte de alguns pais sobre a proposta pedagógica da escolinha esportiva em estudo;
- Existe pouca participação dos pais (pela sua ausência) no contexto das aulas da escolinha;
- Nos eventos, a presença dos pais é significativa;
- Os treinadores consideram importante terem um espaço específico para melhorar a comunicação com os pais;

- Todos os pais expressaram a necessidade de um espaço para poder se comunicar com os treinadores;
- A percepção das crianças é de que, raramente os pais e os treinadores se comunicam;
- Muitos pais relataram que nas aulas, a habilidade de comunicação, dos treinadores com as crianças é adequada, mas nos eventos esportivos essa não ocorria da mesma forma;
- A comunicação verbal e não-verbal de alguns treinadores nos eventos é incoerente com a proposta do esporte-participação; demonstrando finalidades divergentes ao participarem dos eventos;
- Para as crianças a comunicação dos treinadores, nas aulas e nos eventos, ocorria através de reforços positivos.

Ao final dessa investigação, frente aos resultados apresentados, sugerimos que o programa de iniciação esportiva estudado deva incluir a assessoria de um profissional da área de Psicologia do Esporte, para apoiar os treinadores, pais e crianças, com isso buscar a amplificação da habilidade comunicativa entre os mesmos. O mesmo pode ser considerado em relação à necessidade de otimização da comunicação junto a Coordenação do Programa de Iniciação Esportiva da SME. Este procedimento, que consideramos inovador, poderia contribuir para a construção de sentimentos de confiança e de cooperação entre essa tríade fundamental do desporto infantil: crianças, pais e treinadores.

Há necessidade de futuras investigações em todas as modalidades que fazem parte do Programa de Iniciação Esportiva da SME.

Sugerimos que estudos similares sejam efetuados com jovens da etapa evolutiva da adolescência em cujo período inicial de (treze a quinze anos) está localizado a maior incidência de abandono do esporte pelo ser humano.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Pedro; PAIVA, Carla; RODRIGUES, Teresa; SOUZA, Ana. A relação pais e filhos no contexto da competição desportiva. In: Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, 2., 1991, Porto. *Actas.*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, 1991.

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. Aptidão Física na criança e no adolescente. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, v.3, n.2, p.39-40, abr./jun. 1997.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ANTONELLI, F.;SALVINI.A. *Psicologia del Deporte*. Valladolid: Ed. Minon, 1982.

ARIÈS, Philippe. *A história Social da Criança e da Família*. A descoberta da Infância. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARBIERI, Cesar Augusto. O eco de um gol. In: BARBIERI, Cesar Augusto; BITTAR, Arí Fernando. et al. (Orgs.). *Esporte Educacional: uma proposta renovada*. Brasília: Universidade de Pernambuco, UPE/ESEF/MEC-INDESP, 1996.

BECKER Jr., Benno. *Manual de Psicologia do Esporte e Exercício*. Porto Alegre/Novo Hamburgo: Novaprov, 2000 a.

_____. *Psicologia Aplicada à Criança no Esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000b.

_____. *Psicologia Aplicada ao Treinador*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002 (no prelo).

BECKER Jr., Benno; SAMULSKI, Dietmar. *Manual de treinamento psicológico para o esporte*. Porto Alegre: EDELBRA, 1998.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. 7.ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

BENTO Jorge Olímpio; GARCIA Rui; GRAÇA, Amândio. *Contextos da Pedagogia do Desporto: Perspectivas e Problemáticas*. Porto: Coleção Horizontes de Cultura Física, 1999.

BIZZINI, Lúcio. Equilíbrio y desequilíbrios del deporte en la infancia. *Revista Olímpica*, Órgano Oficial del Movimiento Olímpico, Aveyone, n.26, p.25-28, abr./maio. 1995.

_____. Os direitos da criança no esporte. *Os cadernos do Panathlon*, 1º Congresso Internacional do Panathlon, Aveynone, p.6-11, maio. 1995 b.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, ESEF/UFRGS, n.12, p.XIV-XXIV, jul. 2000.

BRAUNER, Mario Roberto Generosi. *El profesorado en los programas de iniciación al baloncesto: Análisis empírico y propuesta pedagógica*. 1994. Tesis doctoral. (Doutorado em Teoria e História da Educação) - Universidad de Barcelona, Barcelona, 1994.

BROTTO, Fábio O.; BARATA, Kátia Maria. Jogos cooperativos. Se o importante é competir, o fundamental é cooperar. In: BARBIERI, Cesar Augusto; BITTAR, Arí Fernando. et al. (Orgs.). *Esporte Educacional: uma proposta renovada*. Brasília: Universidade de Pernambuco, UPE/ESEF/MEC-INDESP, 1996.

BURITI, Marcelo A. *Psicologia do Esporte*. Campinas: Ed.Alinea, 1997.

CAMPBELL, Sue. A função do treinador no desenvolvimento do jovem atleta. *Revista Treino Desportivo*, Edição da CEFD, Lisboa, n.3, p.31-35. 1998.

CAPINUSSÚ, José Maurício. A necessidade da presença do professor de Educação Física no trabalho das escolinhas. *Revista Sprint*, Cidade, n.xx, mar.-abr. 1986.

CARAZZATO, João Gilberto. A idade ideal para o início da prática esportiva competitiva. Os direitos da criança no esporte. *Os cadernos do Panathlon*, 1º Congresso Internacional do Panathlon, Aveynone, maio. 1995.

CARDOSO, Marcelo Francisco Silva. *Fatores Motivacionais para a prática esportiva e sua relações com sexo, idade e níveis de desempenho desportivo*. 1998. Dissertação (Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, 1998.

CARRAVETTA, Élio Salvador. *O esporte olímpico: um novo paradigma de suas relações*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

CAUDURO, Maria Tereza. Criança, Esporte e Sociedade. In: BECKER Jr., Benno. (Org.). *Psicologia Aplicada à Criança no Esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000.

CHELLADURAI, P. Leadership. In: SINGER, R. N.; MURPHEY, M.; TENNANT, L. K. *Research on Sport Psychology*. Ed. Handbook, 1980, p.34-45, v.2.

COAKLEY, Jay J. Children and the sport socialization process. In: *Advances in pediatric sport sciences*. Champaign: Human Kinetics, 1989. p.43-60. v.2.

CONFEDERAÇÃO PANAMERICANA DE MEDICINA DESPORTIVA. Atividade Física e saúde em crianças das Américas. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v.4, n.1, p.29-30, jan./fev. 1998.

CRATTY, B. J. *Psicologia no esporte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1983.

DAVID, Paolo. Los Derechos del Niño y el Deporte. *Revista Olímpica*. Órgano Oficial del Movimiento Olímpico, n.24, p.36-45, dic. 1998, ene.1999.

DAVIS, Flora. *A comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus, 1979. 196p.

DE KNOP, P.; ENGSTROM, L. M.; SKIRSTAD, B. Worldwide trends in youth sport. In: DE KNOP, P.; ENGSTROM, L. M.; SKIRSTAD, B.; WEISS, M. R. *World trends in youth sport*. Champaign: Human Kinetics, p.276-281.

DE ROSE Jr., Dante. A Competição na Infância e Adolescência. *Revista Metropolitana do Movimento Humano*, Gramado, p.6-13, 1994.

DE ROSE Jr., Dante. Esporte na Infância: stress ou divertimento? In: MIRANDA, R. III SIMPÓSIO MINEIRO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE. Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, p. 1-6, 1998.

DE ROSE Jr., Dante. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

DE ROSE Jr., Dante; CAMPOS, R. R.; TRIBST, M. Motivos que levam a prática do basquetebol: um estudo com atletas brasileiros. *Revista de Psicologia Desportiva*, v.10, n.2, p.293-304, 2001.

DE ROSE Jr., Dante; TRESKA, P. R. Estudo comparativo da Motivação em escolares praticantes e não praticantes de dança. *Revista Brasileira de Ciências do Movimento*, v.8, n.1, p.9-14, 2000.

DEL PRETTE, Zilda A. P. *Psicologia das Habilidades Sociais: terapia e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DEL PRIORE, Mary Lucy et al. *Imagens da Família - História da criança no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 1996. 176p.

DIEM, Carl. *História de los deportes*. Barcelona: Luiz de Caralt, 1966. p.133-134.

ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 404p.

ECA. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8.069/1990.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE MEDICINA ESPORTIVA. Posicionamento Oficial. Treinamento físico excessivo em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v.3, n.4, p.122-124, out./dez. 1997.

FEPSAC. Position statement of FEPSAC - Definition of sport psychology. In: ISSP. *Newsletter*, October 1996.

FERRAZ, Luiz O. O esporte a criança e o adolescente: consensos e divergências. In: DANTE de Rose Jr. (org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência. Uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FERRI, A. J. A criança, o Adolescente e a Prática de Atividade Física. *Revista Nutriweb*, São Paulo, v.3, n.2, 2001.

FIBA. *Federação Internacional de Basquetebol*. Livro de regras.

FONSECA, Erondes Borges. O esporte como fator de desenvolvimento e de saúde mental na criança e no adolescente. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v.3, n.4, p.82-83, out./dez. 1997.

FREIRE, João Batista. Da criança, do brinquedo e do esporte. *Revista Motrivivência*, n.4, p.27, jun. 1993.

GAELZER, Lenea. *Histórico. Liderança Recreacional. As atividades de grupo na recreação: formação de clubes*. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1985.

GARCÍA, Felix Guillén. O burnout em jovens desportistas. In: BECKER Jr., Benno. (org.). *Psicologia Aplicada a criança no esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000.

GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. Fundamentos de Filosofia sobre a Natureza do Desporto. In: SANTOS, Edmilson Santos dos. *Educação Física escolar por uma cultura desportiva*. Porto Alegre: Sulina, 1998. 177p.

GAYA, Adroaldo Cezar Araujo; CARDOSO, Marcelo Francisco da Silva. Os fatores motivacionais para a pratica desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo. *Revista Perfil*, Porto Alegre, n.2, p. 40-52, 1998.

GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. Sobre o esporte para crianças e jovens. *Movimento*, Porto Alegre, n.13, p.I-XIV, 2000.

GOELLNER, S.V.Jean-Jacques Rousseau e a Educação do Corpo.Lecturas: Educación Física y Deportes. Año 2, nº 8. Buenos Aires. Diciembre 1997. <http://www.efdeportes.com>

GÓMEZ, Rodrigues Gregório; FLORES, Javier Gil; JIMÉNEZ, Eduardo Garcia. *Metodologia de la investigación cualitativa*. Archidona/Málaga: Ed. Aljibe, 1996.

GONÇALVES, Carlos. A prática desportiva das crianças e dos jovens. Contributos para o seu alcance educativo e formativo. In: *As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva. Desporto na Escola. Desporto - Reeducação e Reabilitação*. Escola Secundária de Linda Velha, Universidade do Porto, 1995. p.521-531.

GORDILLO, Alex. Intervenção com os pais. In: BECKER Jr. Benno (Org.). *Psicologia Aplicada a Criança no Esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000.

GOULD, D. Weiss; MAUREN, R. *Advances in Pediatric Sport Sciences*. Illinois: Champaign, 1987. v.2.

HELLSTED, J. C. Invisible players: A family system model. In: MURPHY, S. M. *Sport psychology intervention*. Champaign: Human Kinetics.

INCARBONNE. Iniciação Desportiva. *Revista de Ciência e Movimento*, v.4, n.3, p.98-103, 1990.

JIMÉNEZ, Francisco Fuentes. El desenrollo social de los niños y la actividad física. *Revista de Estudios de los Deportes*, Madrid, n.13, Enero-febrero. 1992. p.24-35.

MACHADO, Afonso Antônio. *Psicologia do Esporte: temas emergentes*. Jundiaí: Ápice, 1997.

MACHADO; PRESOTO. Iniciação esportiva seu redimensionamento psicológico. In: BURITTI, Marcelo de Almeida (Org.). *Psicologia do Esporte*. Campinas: Ed. Alínea Psicotemas, 1997. p.19-20.

MARQUES, Antônio. *O sistema de treino e competições na preparação de prospectiva de crianças e jovens*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1997. Documento de Apoio ao Curso de Pós-graduação em nível de Especialização em Treino Desportivo.

MAUAD, Ana Maria. et al. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 508p.

MILLER, George A. Linguagem, Psicologia e Comunicação. In: _____. *Comunicação não-verbal*. São Paulo: Ed. Cultrix. 1978.

MINAYO, Maria Cecília S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: São Paulo: ABRASCO-HUCITEC, 1992.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

MOLINA NETO, Vicente. *Instrumentos de Pesquisa Qualitativa*. (Aportes de aula). Porto Alegre, 2000.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

MOSQUERA, Juan; STOBÄUS, Claus. *Psicologia do Desporto*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1984.

NEGRINE, Aírton. “*Juego y psicomotricidade*”. 1993. Tesis doctoral (Doutorado Didáctica y Organización Escolar) - Facultad de Pedagogia de la Universidad de Barcelona, Barcelona, 1993.

_____. Instrumentos de coleta de Informações na Pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

_____. *Terapias corporais: a formação pessoal do adulto*. Porto Alegre: Edita, 1998.

OLIVEIRA, Arli Ramos de. Aspectos Psicossociais da criança atleta nos Estados Unidos. *Revista APEF*, Londrina, v.8, n.15, 1993.

OLIVEIRA, Sávio Assis. *Reinventando o Esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

OSTERRIETH, Paul Alexandre. *Introdução à Psicologia da criança*. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. *Motivos que levam adolescentes a praticar futebol*. <http://www.efdeportes.com/RevistaDigital>. Año7, n.43, 2001.

PERÉZ, Luiz Miguel Ruiz. Actividades Físicas y desarrollo motor em la infância. *Revista de Estudios de los Deportes*, Madrid, n.13, Enero-febrero. 1992.

RAMIREZ, Fernanda Aragão. *Uma perspectiva Psicanalítica para o treinamento em grupos de base de basquetebol*. Campinas: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1999. Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia II, Curso de Treinamento em Esportes

RECTOR, Mônica; TRINTA Aluizio Ramos. *Comunicação do Corpo*. 2.ed. Petrópolis: Ática, 1993.

ROBERTS, G. Motivation in sport and exercise: Conceptual constraints and convergence. In: ROBERTS, G.C. *Motivation in sport and exercise*. Champaign: Human Kinetics, 1992.

RODRIGUES, Rejane Penna. *Uma brincadeira Itinerante*. In: _____. *Iniciativas Públicas de Lazer e Recreação em Porto alegre: alguns caminhos percorridos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ROWLAND, Thomas W. Exercício e a Saúde de crianças: uma fundamentação científica. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, Springfield, v.4, n.6, p.175-181, nov./dez. 1998.

SCALON, Roberto Mário. *Fatores Motivacionais que influem na aderência e no abandono dos programas de iniciação esportiva pela criança*. 1998. Dissertação (Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SANTOS, Edmilson Santos dos. *Olho mágico: o cotidiano, o debate e a crítica em Educação Física escolar*. Canoas: Ed. ULBRA, 2001

SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, RECREAÇÃO E LAZER. *Diretrizes Pedagógicas*. Porto Alegre: In press, 2000.

SAMULSKI, Dietmar Martin. *Psicologia do esporte: teoria e aplicação pratica*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG, 1995.

SANT, Joan Ruisi. El deporte como marco social del niño. *Infância y Sociedade*, Madrid, n.13, p.24-37. 1992.

SANTIN, Silvino. *Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. 3.ed. Porto Alegre: EST Ed., 1996.

SIMÕES, A. C. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. *Revista Desporto*, Lisboa, v.13, n.1, set. 1999.

SOBRINHO, Lourival Gomes Pinto Melo; RONALDO Marcos F.; PERUGGIA, Luciano. Influências de pais, técnicos e torcida. In: MACHADO, Afonso Antônio. *Psicologia do Esporte: temas emergentes*. Jundiaí: Ápice, 1997.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, Manuel José Gomes. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In: GEBARA Ademir, MOREIRA, Wagner Wey. (Orgs.). *Educação Física e esportes: perspectiva para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.

TUBINO, Manuel José Gomes. *As dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez, 1992. 78p.

VARGAS NETO, Francisco Xavier de. *Deporte y Salud: Las actividades físico-deportivas desde una perspectiva de la educación para la salud, síntesis actual*. 1995. Tesis doctoral (Doutorado em Teoria e História da Educação) - Universidad de Barcelona, Barcelona, 1995.

VARGAS NETO. A iniciação e a especialização esportiva de crianças. In: BECKER Jr., Benno. (Org.). *Psicologia Aplicada à Criança no Esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Tradução de Maria Cristina Monteiro. 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

WINTERSTEIN, Pedro. A motivação para a atividade física e para o esporte. In: DE ROSE Jr., Dante (org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência. Uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WOODS, Peter. *La escuela por dentro. La Etnografía en la Investigación Educativa. Temas de Educación*. Madrid: Paidós/MEC, 1995.

ANEXOS

Anexo 1 – Diretrizes Pedagógicas 2000

Anexo 2 – Observação de Aula

- Local:
- Data:
- Horário do início da aula:
- Horário do término da aula:
- Foco de observação:

Pauta de Observação para o Treinador

- 1) Rotina do treinador, no decorrer da aula.
- 2) Reação do treinador quando a criança executa uma tarefa corretamente.
- 3) Reação do treinador quando a criança executa uma tarefa errada
- 4) Comunicação verbal com as crianças durante as aulas.
- 5) Comunicação não-verbal do treinador com as crianças durante as aulas
- 6) Comunicação verbal com as crianças durante as aulas
- 7) Comunicação não-verbal com as crianças durante os eventos esportivos
- 8) Conduta do treinador em relação às crianças durante as aulas.
- 9) Conduta do treinador em relação às crianças durante os jogos do campeonato.
- 10) Comunicação do treinador com os pais durante as aulas
- 11) Comunicação do treinador com os pais durante os eventos

Pautas de Observação para os Pais

- 1) Pais e/ou familiares que traziam e acompanhavam os filhos durante as aulas.
- 2) A comunicação entre os pais e/ou familiares, que permaneciam na escolinha, com filhos durante as aulas.
- 3) Comunicação verbal dos pais com os filhos durante os jogos do campeonato.
- 4) Comunicação não-verbal dos pais com os filhos durante as aulas.
- 5) Comunicação não-verbal dos pais com os filhos durante os jogos do campeonato.
- 6) Conduta dos pais com os filhos durante as aulas.
- 7) Conduta dos pais com os filhos durante os jogos dos campeonatos.

Pautas de Observação para as crianças

- 1) Comunicação verbal das crianças com seus pais durante as aulas.
- 2) Comunicação não-verbal das crianças com seus pais durante as aulas.
- 3) Comunicação verbal das crianças com os seus pais durante os eventos esportivos.
- 4) Comunicação não-verbal das crianças com os seus pais durante os eventos esportivos.
- 5) Comunicação verbal das crianças com seus treinadores durante as aulas.
- 6) Comunicação não-verbal das crianças com seus treinadores durante as aulas.
- 7) Comunicação verbal das crianças com seus treinadores durante os eventos esportivos.
- 8) Comunicação não-verbal das crianças com seus treinadores durante os eventos esportivos.

Anexo 3 - Entrevistas

Entrevista com os treinadores

- Nome fictício do treinador:
 - Local:
 - Horário do início da entrevista:
 - Horário do término da entrevista:
 - Data:
-
- 1) Descreve a tua formação profissional:
 - 2) Descreve os teus objetivos com os alunos desta escolinha esportiva de basquete:
 - 3) Descreve a rotina de tua aula;
 - 4) Conta a tua relação com o basquete:
 - 5) Descreve quais são os teus objetivos ao participares dos eventos esportivos.
 - 6) Como tu vê a participação dos pais nas aulas?
 - 7) Descreve como é a participação dos pais nos eventos esportivos em relação a sua conduta:
 - 8) Descreve como é a comunicação dos pais em relação a seus filhos na tua opinião.
 - 9) Descreve como é a tua comunicação com as crianças durante os jogos.
 - 10) Descreve como é a tua comunicação com os pais das crianças.
 - 11) Descreve que importância tem para ti a competição na fase de 10 a 12 anos na escolinha esportiva que estás trabalhando.
 - 12) Para alcançar teus objetivos segues alguma diretriz pedagógica para esta idade?

Entrevista com as crianças

- Nome:
- Idade:
- Local:
- Horário do início da entrevista:
- Horário do término da entrevista:

- 1) Descreve o motivo que tu vieste para esta escolinha esportiva:
- 2) Descreve quem escolheu o basquetebol:
- 3) Descreve como o treinador se comunica com vocês durante as aulas:
- 4) Descreve como o treinador fala com vocês durante os eventos esportivos:
- 5) Descreve como o treinador reage quando tu fazes uma jogada correta;
- 6) Descreve como o treinador reage quando tu realizas uma jogada errada:
- 7) Descreve como é a comunicação dos teus pais contigo nas aulas:
- 8) Descreve como é a comunicação dos teus pais contigo nos eventos esportivos:
- 9) Descreve como é a comunicação dos teus pais com os treinadores durante as aulas:
- 10) Descreve como é a comunicação dos teus pais com os treinadores durante os eventos esportivos:

Entrevista com os pais

- Nome fictício do pai ou mãe:
- Local:
- Data:
- Horário do início da entrevista:
- Horário do término da entrevista:

- 1) Descreva porque você colocou seu filho na escolinha esportiva de basquete:
- 2) Qual é a sua relação com o esporte?
- 3) Você costuma assistir as aulas do seu filho na escolinha?
- 4) Descreva como você vê a maneira que o treinador dá as suas aulas:
- 5) Descreva como o Sr. vê a comunicação do treinador com as crianças nas aulas:
- 6) Descreva como você vê a comunicação do treinador com as crianças durante os jogos do campeonato:
- 7) Descreva como foi escolhida esta modalidade de basquete para seu filho jogar:
- 8) Descreva pra mim a proposta de trabalho aqui das escolinhas da SME:
- 9) Existe algum critério especial que levou você a escolher este horário para colocar seu filho no basquete, além dos estudos?

Anexo 4 - Unidades de Significado

Pais: motivo para colocar na escolinha

- 1- Valorizo o esporte
- 2- Filho emagrecer
- 3- Criança emagrecer
- 4-Outro esporte além da natação
- Futebol ele não gostava
- 5-Se encaixou no basquete
- 6-Na escola o professor deu oportunidade
- 7-Preencher as tardes dele
- 8-Tinha uma boa estrutura
- 9-Tendência aos esportes manuais
- 10-Ele queria o futebol, mas eu achei que ele não tinha aptidão.
- 11-Começaram a mostrar interesse depois do filme
- 12-Ele ter uma atividade física
- 13-Prá desenvolver o lado físico e o lado mental
- 14-Ter uma hora de lazer
- 15-Fica encerrado no apartamento
- 16-Gastar energia
- 17-Tem toda a assistência
- 18-Ajuda no crescimento
- 19-Ajuda no movimento do dia a dia
- 20-Relacionamento na escola
- 21-Necessidade de atividade física
- 22-Teve interesse pelo esporte
- 23- Preencher o tempo vago
- 24-Moramos em apartamento
- 25-Desenvolver meu filho
- 26-Ser um menino acanhado
- 27-Está acima do peso
- 28-Basquete é um esporte completo.

Relação do pai com o esporte

- 29-Treinava na SOGIPA vôlei e Atletismo
- 30-Vem desde muito cedo, meus pais, meus avós.
- 31-Eu amo o basquete
- 32-Faço basquete adaptado para a terceira idade
- 33-Jogo futebol
- 34-Freqüento estádios
- 35-Fui corredor
- 36-Não pratico esporte

Escolha do esporte

- 37-Eles escolheram
- 38-Eu não manifestei interesse
- 39-Tem que ter vontade para se dedicar ao esporte

- 40-Se tu influencia eles acabam desistindo
- 41-Eu sugeri a ele se ele gostaria de ir para o basquete
- 42-Eu vim, eu assisti as aulas de outras modalidades.
- 43-Eu achei que ele tinha mais chances de jogar no basquete
- 44-Não, a idéia foi minha precisava que ele se movimentasse mais
- 45-Quem escolheu o basquete foi ele eu gostaria que fosse futebol
- 46-Opção dele
- 47-O professor deu oportunidade
- 48-porque é o único esporte que ele gostou até agora
- 49-Adora judô, mas eu acho muito estúpido e tirei do judô

Participação dos pais nas aulas

- 50-Geralmente não assisto
- 51-No início eu assistia
- 52-Não assisto porque é aula de Educação Física
- 53-Sempre que possível assisto
- 54-Quando posso assisto
- 55-No início o trazíamos
- 56- Eu não posso porque trabalho
- 57-Eu gosto de conhecer a professora

Comunicação do treinador com as crianças (pais)

- 58-Durante os jogos eu acho que o professor deveria incentivar mais
- 59-Vejo que ele é um pouco acanhado
- 60-Mas depende da personalidade dele
- 61-Ele não é uma pessoa exaltada
- 62-Ao meu ver ele deveria ser mais agressivo
- 63-Eu acho que ela é boa
- 64-porque ele observa particularmente cada movimento
- 65-Ele chama atenção
- 66-A comunicação dele é das melhores
- 67-Porque não é agressivo, não é nervoso na hora do jogo
- 68-Ficam mais tranquilos possível
- 69-São muitas crianças e poucos professores
- 70-Meu filho além de gostar do esporte, gosta do professor
- 71-Enquanto ele ta se comunicando a gente aceita
- 72-Da liberdade das crianças se salientar naquilo que elas gostam de fazer
- 73-Acho que ela tem uma boa disciplina
- 74-Consegue manter a turma bem coesa
- 75-Bem comandada
- 76-A professora é bem objetiva
- 77-Eles entendem bem o que ela fala
- 78-Mas já o outro treinador por ser estagiário
- 79-por ser novato eu acho que ele deveria falar mais com as crianças
- 80-Deveria falar mais quando tem campeonatos
- 81-As crianças ficam meio perdidas
- 82-Eles não levam uniformes
- 83-Deveria falar mais para dar incentivo as crianças
- 84-Durante as aulas é boa
- 85-Durante os campeonatos as crianças ficam meio abandonadas
- 86-Porque os professores ficam de juiz, organizando.
- 87-Meio falha

- 88-Sentem falta da comunicação do professor ali
- 89-Estimulando, incentivando.
- 90-Um pouco falha eu acho
- 91-Dele eu gosto, porque ele cobra.
- 92-Também dá apoio a eles
- 93-Ele incentiva
- 94-Ele não fica só cobrando

Comunicação entre treinadores e pais e a filosofia da escolinha (pais)

- 95-Tirar as crianças da rua
- 96-Manter ocupada
- 97-Objetivo maior é a integração
- 98-Valorização do basquete
- 99-Mas nada com fins competitivos
- 100-nada assim com o objetivo de formar atletas
- 101-Integração entre as escolas
- 102-Não conheço a filosofia da escolinha
- 103-Tem objetivos de desenvolvimento físico e psicomotor
- 104-Além do objetivo óbvio de ganhar
- 105-Mas inicialmente é desenvolver o atleta integralmente
- 106-Nesse ponto eu conheço muito pouco
- 107-Não tive conhecimento
- 108-Eu não assisti nenhuma reunião, mas eu sei que é tirar as crianças da rua
- 109-Ele é um projeto da prefeitura que vem integrar a todos
- 110-O objetivo é incentivar o esporte em todas as áreas
- 111-Eu não tenho certeza da filosofia do trabalho
- 112-Eu presumo que seja exercer um tipo de atividade
- 113-Mas não pelo lado competitivo
- 114-Eu não conheço porque não tive entrevista com o professor
- 115-Eu tive uma reunião nesses quatro anos
- 116-Foi mais uma apresentação do corpo de professores
- 117-Foi uma explanação geral das atividades aqui no ginásio
- 118-Eu não assisti nenhuma reunião
- 119-Não, ele iniciou com a mãe eu não tive reunião.
- 120-Falo com o professor antes do jogo dez a quinze minutos
- 121-participei de algumas reuniões
- 122-Só fazem intervenção inicial com a coordenadora
- 123-Quando tem campeonato o professor manda bilhete
- 124-Ou avisa pra eles o horário

Comunicação crianças/pais (crianças)

- 125-De vez em quando a minha mãe vem
- 126-O meu pai ta sempre trabalhando
- 127-Eles acham legal eu ta participando
- 128-Há pouco tempo minha mãe assistia
- 129-Ele trabalha um pouco mais e eu venho sozinho
- 130-Eles só ficam assistindo, depois do jogo eles comentam
- 131-Eles comentam o que a gente erra
- 132-Eles não podem, eles tão trabalhando
- 133-Não participam dos campeonatos
- 134-Eles ficam quietos olhando
- 135-Eles ficam gritando assim vai lá faz a cesta

136-Não porque eles trabalham não podem vir

Comunicação entre crianças/treinador (crianças)

- 137-Eles ensinam bastante driblar, arremessar.
- 138-No campeonato ele se comunica gritando
- 139- Não me incomodo é pra ensinar
- 140-Ele fala que a gente tem que ganhar
- 141-Se erra uma cesta ele diz “vamo lá”
- 142-Se estamos perdendo ele apóia
- 143-Se erramos ele diz ta bom
- 144- Ele não xinga assim nos campeonatos
- 145-Ele diz pra gente fazer o melhor
- 146-Se comunica legal dando força pra gente poder jogar
- 147-Ele fica dizendo o que é que é pra gente fazer
- 148-Dizer o que a gente pode fazer na cesta
- 149-Ele diz muito bom continue assim
- 150-Ele tem que falar mais enérgico porque tem muita gente
- 151-Mas dá para entende o que ele fala

Comunicação treinador/pais (treinador)

- 152-Aqui não tem muito problema
- 153-Os pais comparecem pouco
- 154-Ele não tem muito envolvimento
- 155-É bem leve
- 156-Não tem muita influência
- 157-Eles confiam no nosso trabalho
- 158-Só quando dá algum probleminha
- 159-As aulas em função do horário nós temos poucos pais
- 160-Nós temos um diálogo muito grande
- 161-Converso sempre com eles
- 162-Desde que eu iniciei expliquei toda a metodologia
- 163-Quando iniciou esse trabalho eles até se alteravam
- 164-Exigiam
- 165-Hoje tem uma relação bem melhor
- 166-Porque a gente começa a conversar com eles
- 167-Explica quais os objetivos do esporte
- 168-Começam a compreender melhor as coisas
- 169-não exigindo demais deles
- 170-Nas aulas de Educação Física os pais não têm participação
- 171-Nos festivais duas famílias participaram
- 172-Vieram se certificar
- 173-A participação é mínima
- 174-Um ou outro pai que vem
- 175-Incentivaram inclusive quando eles ficaram chateados
- 176-Os pais têm que ser conquistados
- 177-Assim como as crianças
- 178-Eles têm que saber o que está acontecendo
- 179-À medida que eles são informados com reuniões que a gente faz
- 180-Aqueles que frequentam algum tempo esses são parceiros
- 181-o pai que não sabe é aquele que pede porque meu filho não ta jogando
- 182-Meu filho é bom porque bota aquele que é ruim o meu não
- 183-Vão comigo nos lugares

- 184-As reuniões são feitas a cada evento marcante
- 185-A primeira reunião é feita antes do final do 1 semestre
- 186-Explico tudo
- 187-Eles participam, me ajudam.
- 188-Em agosto se faz outra
- 189-E no final do ano uma última reunião
- 190-Se entrar aluno novo converso se o pai vier me procurar
- 191-A primeira aula ele trás e a gente conversa
- 192-Mas a gente ainda não tem esse momento
- 193-Quando ele participa do primeiro campeonato, aí o pai conversa.

Comunicação treinador/criança (treinador)

- 194-Não falo nada
- 195-Como eu organizo, eu tenho que apitar, ver súmula, muito difícil sentar no banco.
- 196-Quando a gente vai noutros torneios eu posso ficar com eles no banco
- 197-O que é pra falar cobrar é feito nas aulas
- 198-Eu não sou a favor nesse momento de ficar como os pais pedem
- 199-professora a Sra. Não grita com eles.
- 200-Só o olhar basta
- 201-Não é o momento na hora do jogo de gritar, de dar ordens
- 202-Que não foram dadas antes
- 203-Eles precisam de um tempo
- 204-Para pensar e refletir
- 205-Minha comunicação é a mais próxima possível
- 206-Me envolvendo dentro das atividades
- 207-Não manter a postura de ser um professor
- 208-Dono da verdade
- 209-dono da sabedoria
- 210-Eu quero que eles participem dessa construção
- 211-Tenho uma relação bem afetiva
- 212-Não só na linguagem verbal
- 213-Mas com a linguagem motora
- 214-Eu quero que eles sejam meus amigos não só meus alunos
- 215-Nos campeonatos tento passar um pouco de tranquilidade
- 216-Eles ficam nervosos
- 217-Eu digo que é só um jogo de aula
- 218-Só que com pessoas diferentes
- 219-Então vocês vão fazer aquilo que estão acostumados a fazer
- 220-Pra poder alcançar aquilo que vocês querem
- 221-Deixo bem solto
- 222-Não sou um cara ditador
- 223-Tem horário deles brincar
- 224-Me considero bem flexível
- 225-Brincava com eles direto
- 226-a gente não exige um nível de competição
- 227-a gente exige que eles dêem o melhor de si
- 228-Valorizem aquele momento
- 229-E é isso que a gente valoriza
- 230-Não há cobranças de desempenho
- 231-Cobrança é o que eles façam o que agente passa para eles
- 232-Procuro não infantilizar, no trato que eu tenho com eles.
- 233-São os inhos, queridinho, bonitinho que eu procuro evitar.
- 234-Eu cobro quando tenho que cobrar

- 235-Elogio quando tenho que elogiar
- 236-Oriento quando tenho que orientar
- 237-Ao mesmo tempo quero passar um clima calmo e tranquilo
- 238-Me bato muito com eles com a questão do placar
- 239-Nunca informo o placar
- 240-Uma forma de não fomentar, não supervalorizar.
- 241-Comento com eles que é um Festival
- 242-A gente vai lá para aprender
- 243-Conhecer um outro espaço
- 244-A gente vai para participar, brincar
- 245-Na verdade nem é proposta de competição é Festival
- 246-Festival enquanto festividade, enquanto festa
- 247-Claro que há uma sutileza
- 248-O limite entre o festival e a competição é muito tênue.
- 249-Depois do jogo está muito presente a questão festiva
- 250-Mas ao mesmo tempo a questão competitiva
- 251-O grande lance é eles terem contato com essas duas possibilidades
- 252-Eles aos pouquinhos já incorporaram
- 253-A gente vê no discurso deles
- 254-O time do primeiro e do segundo tempo

Comunicação do treinador nas aulas e nos eventos

- 255-Gritando, mas é pra ensinar.
- 256-Ele fala que a gente tem que ganhar
- 257-Se estamos perdendo ele apóia
- 258-Se estamos ganhando vamos continuar
- 259-Eu pretendo continuar no ano que vem
- 260-Ta bom só que precisa melhorar um pouco
- 261-Ta fazendo uma coisa errada ele te ajuda
- 262-Se comunica legal
- 263-diz como se joga
- 264-explicando as aulas
- 265-Pra gente fazer o melhor

Anexo 5 - Entrevista com os treinadores

- Nome fictício do treinador: Bernardo
- Local: G.T.
- Horário do início da entrevista: 10:55h
- Horário do término da entrevista: 11:00h.
- Data: 19-10-01

<p>São dez e cinquenta e cinco, vamos iniciar a entrevista com o professor Bernardo, que trabalha com a escolinha de dez a doze anos.</p>	
<p>1-Bernardo, descreve pra mim a tua formação profissional: B-Bom eu sou estagiário aqui, deste local, eu estou no sexto semestre da Faculdade do IPA, de Educação Física e to aqui desde o final do quarto semestre, to aí um ano e pouco trabalhando com essa gurizada, nesta faixa etária. Não tinha experiência com o basquete antes, passei a ter depois que vim trabalhar aqui e to aprendendo bastante aqui.</p>	<p>formação profissional</p>
<p>2-Descreve qual é a tua rotina da aula de basquete que tu dá para as crianças: B- Bom, pra essa faixa etária a gente procura, agente não cobra muito deles, assim pra não deixar um clima de estresse pra eles, é um negócio bem recreativo mesmo essa é a proposta aqui do local então a gente alterna aquele momento mais recreativo, menos de técnica e jogo, é isso que é mais ou menos os nossos dias, assim, é isso que agente procura fazer.</p>	<p>Rotina do treinador</p>
<p>3-Bernardo, qual é a tua relação com o esporte o basquete? B-É como eu disse eu não praticava o basquete, antes o meu envolvimento com o esporte com o futebol sempre foi mais com o futebol aí quando surgiu pra mim essa oportunidade, né, eu achei interessante e aí que eu comecei a me interessar mais pelo basquete a conhecer mais, hoje tenho conhecimento relativo, também não posso dizer que eu tenho um grande conhecimento mais pra essa faixa etária já to trabalhando, acho que eu to legal.</p>	<p>Relação com o basquete</p>
<p>3-Descreve quais são os teus objetivos ao participares dos eventos esportivos: B- Os objetivos eu sempre penso o que eu vou aprender né, como a forma que eles vão organizando o campeonato, como é que estão as outras equipes da mesma idade, né que nível que eles estão, o que que eu posso melhorar na nossa equipe, tudo isso desde o aspecto da organização num evento, arbitragem, tudo né que passa numa organização, e até de observar as outras equipes também de ver como é que os outros professores trabalham com eles também.</p>	<p>Finalidades</p>
<p>4-Tá, e como é que tu vê a participação dos pais nos eventos ? B- Aqui, nesse local, nessa faixa etária, assim não tem muito problema, até os pais parecem pouco, eles não tem muito, aquele envolvimento, eles, é bem leve as primeiras vezes, não tem muita influência, mais quando dá algum probleminha com um ou com outro aluno, mais daí a gente conversa, nesse horário tá tudo bem mesmo atualmente não tem problema nenhum com os pais, eles confiam na gente no nosso trabalho, acho que tá bom.</p>	<p>participação dos pais nos eventos ?</p>
<p>5-E durante os campeonatos, tu achas, existe alguma diferença das aulas, o como é que é nos campeonatos? B- Em relação aos pais? É as vezes vão alguns pais e eles torcem mais, mas assim é como eu disse, isso vai muito eu já vi em outros em outras equipes pais muito exaltados, assim, mas isso não tá sendo uma característica do nosso, dos pais das crianças atuais assim que a gente tá trabalhando, tá beleza, mas não que não exista assim e eu vejo em outros campeonatos que tem pais que influenciam, que não</p>	<p>Durante os campeonatos</p>

param de gritar, e eu acredito que isso atrapalha o trabalho deles, né , porque nós temos no nosso outro horário pais que são superprotetores que também acabam atrapalhando o nosso trabalho, mas atualmente os pais desse horário não atrapalham em nada.

6-Descreve pra mim como é a tua **comunicação com as crianças durante às aula?**

B- Sei lá eu levo bem na boa, assim deixo bem solto não sou um cara muito ditador assim, eu acho que, o negócio que eu peguei meio da filosofia daqui quando eu entrei já era meio assim eu deixo eles bem soltos , tem o horário deles de brincar, quando eu acho que ta passando dos limites, eu chego junto , mas eu me considero bem flexível com eles brinco bastante com eles, uso uma linguagem, as vezes bem deles, me entendo bem com eles, até agora tivemos em Caxias, no evento me diverti tanto quanto eles, risos, acho, brincava com eles direto.

7-E lá era um campeonato, era cobrança de campeonato, ou como é que era, um Festival?

B- Não, o Festival ,nossa equipe participa todos os anos, mas é como eu disse, no nosso treinamento a gente não exige um nível de competição, então não vai ser lá , no campeonato esse que nos vamos ta faz isso, faz aquilo, ou não. A gente exige que eles dêem o máximo de si, entendeu, que eles valorizem aquele momento e que eles estejam fazendo por prazer, né , que aquilo que valorizem aquele campeonato que é muito legal, e é isso que a gente valoriza, que a gente busca mais.Não cobramos, não há uma cobrança de desempenho.

8-E como é a tua comunicação com eles durante os eventos durante os campeonatos?

B-Bom, durante os campeonatos, a cobrança é só o que eles façam o que a gente passa pra eles, entendeu, tipo, coisa simples, ta marcando ali, ó fulaninho ta marcando ali, bem na boa assim não é aquele negócio, não tu não ta marcando, sabe aquele negócio, não é na boa, ó fulano marca ali, ta te esquecendo, né, brincadeira, chama tal, corrige uma coisinha que outra, ó passa mais a bola, pega a bola não pica direto, segura um pouco, olha pra quem tu vai passar, bem na boa assim, sem uma cobrança muito forte.

9-Tá e descreve como é a tua comunicação com os pais das crianças:

B- Minha comunicação quando alguém vem perguntar alguma coisa, como é que eu posso dizer minha comunicação, não sei assim o que tu queres dizer?

10-É assim se eles falam contigo, se ele vêm perguntar alguma coisa, ou simplesmente eles chegam, deixam a criança ?

B- A maioria vem sozinha, né das crianças, dificilmente um pai trás , mas os que trazem, procuram as vezes conversar com a gente, e eu tenho uma boa relação , as vezes acontece um mal entendido, mas como já houve, uma vez só, nesse mais de um ano que eu já to aqui

11-Qual o tipo de coisa que eles perguntam, tu te lembra?

B-Raramente, ai quando acontece, tipo como é que tá o meu filho, tá bem aqui,tal, mas isso é muitos poucos pais assim, dá pra citar, alguns pais que vêm aqui, tipo um que teve um mal entendido, a mãe do P. né , uma vez deu um pequeno mal entendido, que as vezes o comportamento dele na aula não era o ideal, e a mãe dele não tinha idéia disso, achava que ele era um exemplo, então numa aula eu penalizei ele disse pra ele esperar um pouco no banco, que eu ia conversar com ele ele saiu injuriado, indignado, e chegou em casa daí a mãe dele deve ter levado em conta tudo que ele disse veio né bem nervosa , assim, daí a gente, foi conversando, fizemos uma reunião com ela, isso ai também não tem, a gente aqui, os professores daqui não são desamparados, assim nós temos todo um esquema, aqui, junto com a coordenação, mesmo a profª nós todos conversamos juntos abraçamos juntos e daí tiramos todos os mal entendidos assim.

12-Descreve qual a importância da **competição**, nessa faixa etária de dez a doze anos:

B-É,assim eu acho de dez a doze anos, quando o cara já ta com doze anos um pouquinho de competição acho que pode alimentar, sabe, mas nada assim de que seja o principal assim um pouquinho só pra dá aquela vontade, né, como é que eu posso dizer, que palavras que eu posso usar pra dizer essa vontade.

Comunicação
as crianças
durante às aula?

a tua
comunicação com
os pais das
crianças:

Competição

<p>13-Tu achas que eles já exigem um pouquinho? B-É, eles já têm muito isso, eles já têm um pouco disso.</p> <p>14- O que tu notas, quanto as regras, porque tem uma diferenciação, né no mini-basquete? B- Tem adaptada.</p> <p>15-E tu notas, assim que eles reclamam alguma coisa, que eles querem que mude, que tu notas que é importante a competição pelo menos com doze ? B-Aqui a gurizada, acho que eles já chegaram entendeu eles já vêem, já são apresentados com esse basquete aqui então eles não tem essa pretensão de querer outra regra eles já vão se adaptando, aí quando tem coisas como marcar no outro lado do campo , não poder marcar, isso é um negócio que eles querem marcar pressão, é uma coisa da idade eles quererem ta mais com a bola, essas coisas assim, essa pergunta é boa tinha que pensar melhor pra responder ela.</p> <p>16-Não, mas eu acho que tu respondeu legal. Descreve as diretrizes pedagógicas , aqui da escolinha, tu conheces, existe diretrizes pedagógicas pra trabalhar com crianças nessa idade? B-Tu diz diretrizes pedagógicas de não... 17-É assim uma orientação por parte dos que organizam? B- O que passa pra mim como eu não sou contratado da prefeitura, eu não participo das reuniões, assim que são da prefeitura, onde todas as semanas eles comentam esse tipo de coisa, então já fica meio pelo alto pra mim não fica tão forte, mas me transmitem e é justamente de não levar pelo lado da competição, de aqui ser um local de diversão, recreativo e é isso ai que não haja essa cobrança exarcebada que seja um lugar onde a criança se sinta bem, não seja mais um lugar onde ela se sinta cobrada.</p> <p>18-Os estagiários não participam dessas reuniões, ou só os que são contratados da prefeitura?Tu é um estagiário que não é contratado da prefeitura, tu vem de um Clube, pra dar aula de basquete aqui? 19-É uma espécie de convênio com o União, e então eu trabalho com o pessoal da prefeitura obedeço a eles né sigo alinhado deles, só que eu não participo dessas reuniões, porque eu respeito o horário que os caras do união me trouxeram, dentro disso eu assumi outras responsabilidades que me impossibilitaram de vir, não que eu seja proibido de vir, sabe.</p> <p>20-Assim se quiseres participar, tiveres dentro do teu horário podes participar e depois as informações tu recebe da professora, então essas que saem da reunião tu recebe pra desenvolver o teu trabalho? B- O que é importante eles nunca me deixam de passar, porque até porque o trabalho deles ta dependendo de um conjunto de realizações eu não posso sair da linha deles senão, então isso é um negócio muito bom nesse estágio que eu to fazendo é isso porque a professora teve em cima é um verdadeiro estágio, não foi um lugar que eu cheguei e me largaram as turmas, hoje até dou aulas sozinho, mas eu passei quase um ano acompanhando a professora assim direto então quando eu comecei a dar aula ela me olhando, muito legal.</p> <p>21-Então ta, Bernardo, quero te agradecer foi muito importante tua entrevista. B-Pô, obrigado. São onze e trinta vamos terminando a entrevista com o professor Bernardo.</p>	<p>Competição</p> <p>reuniões</p>
--	-----------------------------------

Anexo 6 - Entrevista com as crianças

- Nome: Gilberto
- Idade: 13 anos
- Local: G.T.
- Horário do início da entrevista: 10:25
- Horário do término da entrevista: 10:35

<p>São dez e vinte e cinco vamos iniciar a entrevista com o Gabriel.</p> <p>1-Gilberto, quanto tempo tu estás na escolinha? G-Eu to uns três ou quatro anos.</p> <p>2-Descreve porque que tu veio pra esta escolinha esportiva: G-Tá eu vim porque eu já gostava de basquete, só que no colégio a gente tinha algumas noções só que nunca a gente tinha jogado, assim aprendido as regras assim só umas noções, e depois porque as vagas que sobravam, eu não fiz, fazem um sorteio, né e ai eu entrei nas sobras, como gente que sorteou não veio, ai eu entrei no basquete tinha vaga.</p> <p>3-Então foi por isso que tu escolheste o basquete? G-Foi por esses motivos.</p> <p>4- Tu escolheste outra modalidade, mas o que sobrou foi o basquete? G- Não eu queria ou vôlei ou basquete, só que aí eu vim para no basquete.</p> <p>5-Fala u pouco da escolinha esportiva que tu estás: G-Eu gosto da escolinha assim dos treinos, não sei bem o que falar, né mas eu gosto.</p> <p>6-E como o treinador se comunica com vocês ou a treinadora que as vezes é um ou outro, né? G-É, tu que, como é que tu quer que eu fale?</p> <p>7-Como é que ela fala durante as aulas com vocês? G-Depende assim, as vezes ela, nas aulas ela ensina o que ela quer, né, depois ela, ta se a gente não faz, assim ela dá uma dura na gente, assim, mas nada assim de forte, assim.</p> <p>8- E durante o campeonato, como é que é comunicação dela? G-É através de tempos, dificilmente ela fala no meio dos jogos, assim ela fala mais nos tempos, as vezes ela nos chama pro canto da quadra e ela fala alguma coisa, marca mais forte, alguma coisa, vai pra cima da marcação, assim.</p> <p>9-E como é que tu te sentes quando ela fala com vocês assim, no campeonato? G-A eu acho que ela ta preocupada com a gente com o time, ela ta empolgada com isso não é qualquer coisinha ela tem uma, ela participa, entende?</p> <p>10-Tá certo, como é que tu te sentes em relação a teus colegas? G-Com a maioria eu tenho bom relacionamento, só que têm alguns que eu brigo mais, porque, é assim como os colegas de aula, têm alguns que tu te dá melhor e alguns que tu te dá menos.</p> <p>11-Descreve o comportamento dos teus pais, durante as aulas, eles participam das aulas? G-Tá o meu pai me trás sempre pro basquete e de vez em quando ele vem aqui fica caminhando e me vendo fazer aula é assim, só que as vezes não ele me deixa e ai eu volto de ônibus, porque ele não pode me buscar.</p> <p>12- E durante o campeonato como é o comportamento deles? G-A quando é aqui em 50% dos casos eles vêm aqui ficam me olhando, assim, mas algumas vezes eles não podem tem algum compromisso e ai ele não fica, mas em 50% mais ou menos, quando é aqui ele fica.</p> <p>13-E como é que tu te sentes, quando eles tão torcendo e olhando o jogo/ G-Assim eu fico com um pouco de vergonha, assim até eu me sinto melhor quando eles não tão, né.</p> <p>Ta certo assim, Gilberto, obrigada.</p>	<p>Motivo</p> <p>Escolha do esporte</p> <p>Comunicação</p> <p>Comunicação no evento</p> <p>Pais durante as aulas</p> <p>Pais durante os campeonatos</p>
---	---

Anexo 7 - Entrevista com os pais

- Nome fictício do pai ou mãe: Geraldo
- Local: G.T.
- Horário do início da entrevista: 14:55 h
- Horário do término da entrevista: 15:00 h
- Data: 25-11-01

São cinco para as três vamos iniciar a entrevista com o SR.G.	
<p>1-Seu Geraldo porque o Sr.colocou seu filho na escolinha de basquete? G-Eu coloquei meu filho na escolinha de basquete, porque em primeiro lugar eu gostaria que ele praticasse um esporte e o basquete aqui na escolinha eu achei que ele tem mais condições de desenvolver o meu filho na parte física, porque além de ser um menino acanhado , ele ta acima do peso, então, eu entendi de que o basquete, seja por enquanto, o esporte mais completo pra ele nessa fase da infância dele, né, porque eu botei ele a quatro anos atrás, ele tá com onze anos, fez onze no último dia dezesseis, então, eu entendi dessa maneira, né, que apesar de eu gostar muito do futebol, o espaço do futebol hoje em dia, ele ta muito restrito a escolinhas, aos clubes de futebol, que dá muita chance pra criança e essas atividades que a prefeitura oferece a comunidade eu achei por bem, botar ele no basquete, porque, talvez ele tivesse um desenvolvimento melhor fisicamente.</p>	Motivo
<p>2-Qual é a sua relação com o esporte? G-A minha relação com o esporte ela vem desde cedo, desde meus pais , meus avós,o meu quase se tornou profissional, eu tenho um tio que também foi profissional do futebol, minha família toda era voltada ao futebol e a minha mãe jogou vôlei na SOGIPA, então já vem desde cedo e eu cedo já comecei a praticar o esporte e principalmente o futebol, né,desde os cinco, seis anos, eu já praticava futebol, quase me tornei profissional também, então eu acho o esporte muito importante na formação do caráter da pessoa e principalmente na parte de saúde.</p>	Relação do Pai com o Esporte
<p>3-Você costuma assistir as aulas de seu filho da escolinha? G-Eu sempre que posso, eu procuro assistir as aulas do meu filho, porque eu acho muito importante a relação pai e filho e o pai ta sempre presente naquilo que o filho pratica, principalmente o esporte, então atualmente por questões de horário, de serviço eu não tenho acompanhado ele nos dias de semana, isso fica encargo da minha esposa, quando no fim de semana que tenho oportunidade eu sempre to presente nas atividades dele na escolinha de basquete.</p>	Assistir as aulas
<p>4-Seu G. descreve pra mim a maneira que o Sr. vê a maneira que o treinador dá as suas aulas: G-Eu acho que o treinador, no caso do professor ele se empenha o máximo nas aulas de basquete, mas eu vejo que tem uma carência de uma formação melhor nesse esporte, talvez assim uma Faculdade que dê uma condição melhor profissionalmente para um professor de basquete exercer a sua profissão, porque eu vejo alguma deficiência não de vontade, mas na parte técnica ou teórica no basquete, no caso do professor.</p>	Maneira que o professor dá suas aulas

<p>5-Descreve como você vê a comunicação do treinador com as crianças durante os jogos:</p> <p>G- Nessa parte eu to bem satisfeito da relação do professor com os alunos, porque eu vejo, que ele é uma pessoa que ele sempre procura, incentivar os alunos e não é daqueles professores que ficam atucanando o aluno, ele dá ele procura dar força dentro das suas possibilidades.</p>	<p>Comunicação Do treinador</p>
<p>6-Descreve como o Sr. vê a comunicação do treinador com as crianças durante os jogos do campeonato?</p> <p>G-Durante os jogos eu acho que o professor deveria no caso incentivar mais os alunos eu vejo ele um pouco acanhado, mas eu acho que isso ai depende da personalidade da pessoa ele não é uma pessoa que seja muito exaltada, ele é muito calmo, e ao meu ver assim eu achava que ele deveria ser mais agressivo no caso da orientação tática nos jogos.</p>	<p>Comunic. Durante os eventos</p>
<p>7-Descreva como foi escolhido essa modalidade de basquete pro seu filho, mais ou menos o Sr. já falou no início, pode complementar:</p> <p>G-Eu quando eu vim aqui eu assisti algumas aulas de outras modalidades, como o vôlei, o futebol, o basquete e eu achei que teria mais chances de jogar no basquete porque não é um esporte tão procurado como no caso do futebol.</p>	<p>Escolha do basquete</p>
<p>8-Existe um critério especial pro Sr. ter colocado seu filho nesse horário:</p> <p>G-Existe principalmente que ele estuda na parte da manhã, era o horário disponível para ele.</p>	<p>Critério</p>
<p>9-Eu fiquei um pouquinho em dúvida quando o sr. falou quanto a parte da, como o Sr. vê a maneira que o treinador dá as suas aulas.O que significa assim, melhoria da parte técnica, pra ensinar , porque na verdade os que estão aqui, eles são estagiários , seria por isso, por ele não ser formado, ou a maneira como é cobrada a competição, aqui é mais participativa?</p> <p>G-Não, eu vejo assim porque eu acompanho muito os jogos de basquete tanto a nível nacional, como internacional, aí eu vejo as atitudes dos treinadores, talvez eu seja até um pouco injusto, porque no caso são treinadores profissionais, mas é a minha maneira de ver as coisas, eu sempre tento fazer uma comparação pra o lado melhor não na decrescente, sempre na ascendente.</p>	<p>Maneira Que o treinador dá suas aulas</p>
<p>São três horas vamos terminando a entrevista com o Sr.Gerson.</p> <p>Continuamos conversamos e pedimos a permissão para gravar a nossa conversa depois que havíamos encerrado.</p>	
<p>10-Quanto a filosofia do trabalho aqui na escolinha da SME o Sr. conhece?</p> <p>G-Olha eu não tenho bem certeza da filosofia deles de trabalho, mas eu presumo que seja, fazer com que as crianças da comunidade exerçam algum tipo de atividade, mas eu não olho, pelo lado competitivo, eu acho que eles não estão voltados pro lado competitivo do esporte, não é o meu caso, o meu caso eu sempre quando entrei para um esporte eu sempre olhei para o lado competitivo das coisas, eu sempre quis tirar o primeiro lugar, nunca o segundo lugar, eu não vou quer ter uma exigência dos professores aqui do Ginásio para esse meu lado de exigência, mas eu vejo que eles são só pelo lado de oferecer um esporte pras crianças.</p>	<p>Filosofia</p>
<p>11-E quando o seu filho entrou, aqui, eles não fizeram uma intervenção com os</p>	

<p>pais, uma reunião, no momento que foi feita a inscrição, os professores do basquete não conversaram com vocês, não tem conversado, durante o ano pra falar sobre esse trabalho deles, qual é o objetivo da escolinha, isso aí não fizeram?</p> <p>G-Que eu me lembro eu tive uma reunião uma vez nesses quatro anos que eu tive aqui, então foi mais uma apresentação, do corpo dos professores, do que a Prefeitura tinha a oferecer no lado de esportes, mas só foi uma explanação geral das atividades aqui do Ginásio.</p> <p>12-Então a idéia quando iniciou, já que o Sr. é um pai eu acho que das crianças que está a mais tempo, uma das que eu tenho falado, então assim, o Sr.acha que a idéia dessas escolinhas foi pras crianças terem o fazer, não ficarem na rua, ocuparem o seu tempo livre, essa foi a idéia?</p> <p>G-Eu acho que a idéia a princípio foi essa e também, fazer com que a criança praticasse algum esporte, no momento que tu se propõe a oferecer uma modalidade esportiva pras crianças tira a criança da rua, da frente do computador, então é uma coisa saudável, mas não mais do que isso.</p>	<p>Intervenção</p>
--	--------------------

Anexo 8 – Carta de Apresentação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Porto Alegre, 27 de outubro de 2000.

Prezada Senhora:

Apresento a Vossa Senhoria a mestranda Marisa Mendes Götze, para realizar estudo do mestrado para análise de documentos, observação e entrevistas, com o tema: “A comunicação entre crianças, pais e treinadores da escolinha esportiva de basquetebol em aulas e eventos esportivos”.

Certos de contar com sua consideração, antecipamos nossos agradecimentos.

Atenciosamente.

Prof. Vicente Molina Neto,
Coordenador de Pós-Graduação

Ilma.Sra.
Profª Rejane Penna Rodrigues
D.D.Secretária de Educação
SME

Anexo 9 - Unidades Recreativas (Praças e Parques)

1	Parque Mascaranhas de Moraes	Basquete	Futebol de Campo	Ginástica feminina	Vôlei	Humaitá
2	Praça Pinheiro Machado	Basquete	Vôlei	Handebol	-	Navegantes
3	Praça São Geraldo	Futebol	-	-	-	São Geraldo
4	Praça Florida	Basquete	Futebol	-	-	Floresta
5	Parque Moinhos de vento	Basquete Mirim	Futebol de campo	Futebol de salão	Vôlei	Moinho de Vento
					Caminhada e corrida orientada	
6	Praça Jorge dos Santos Rosa	Ginástica	Futebol	Vôlei	Basquete	Parque dos Mayas
7	Praça Edgar Graeff	Basquete	Futebol de Salão	Ginástica Feminina	Vôlei Misto	Vila Petrópolis
8	Praça Francisco Alves	Futebol de Salão e Vôlei	-	-	-	Partenon
9	Praça Darci Azambuja	Futebol	-	-	-	Intercap
10	Praça Salomão Pires de Abraão	Futebol	Vôlei	-	-	Ilha da Pintada
11	Praça Rejane Vieira	Futebol De Salão	Vôlei	-	-	Santa Tereza
12	Praça São Jorge Charrua	Ginásio	Futebol	-	-	Vila Nova
13	Praça Lagos	Ginástica Feminina	Vôlei	-	-	Espírito Santo
14	Praça Jairo domingos Galisteo	Futebol feminino	Futebol de salão	-	-	Cidade de Deus
15	Parque Ipanema	Em reforma	-	-	-	Ipanema
16	Parque José Montauray	Tênis	-	-	-	Ipanema
17	Parque Ramiro Souto	Programa lazer e Saúde	Caminhadas e corridas orientadas	alongamento	ginástica	Bom Fim
				futebol	vôlei	
				atletismo	basquete	

18	Parque Marinha do Brasil	Futebol de Salão	Musculação	Programa de lazer e saúde	Caminhadas e corridas orientadas	Centro
			Patinação	-		
19	Parque Tamandaré	Futebol	Vôlei	-	-	Petrópolis
20	Parque Ararigbóia	Futebol Feminino e de Salão	Ginástica feminina	Grupo 3ª Idade	Karatê	Jardim Botânico
					DançaVôlei	
21	Praça Gal.Osório	Em reforma	-	-	-	Centro
22	Orla da praia de Ipanema	Programa lazer e saúde	Caminhadas e corridas orientadas	-	-	Ipanema
23	Parque Alim Pedro	Dança	Futebol de campo	Futebol de Salão feminino	Ginástica feminina	Passo da Areia
		Caminhadas e corridas orientadas	Programa de lazer e saúde	Vôlei feminino	Grupo 3ª idade	
24	Praça da Amizade	Futsal	Vôlei	-	-	Partenon
25	U.R.Ginásio Tesourinha	Grupo de 3ª idade	Ioga	basquete	Caminhadas e corridas orientadas	Azenha Menino Deus
			alongamento	Programa de lazer e saúde		
		Capoeira Kung Fu Biodança Handebol	Dança, dança infantil. Meditação	Escalada esportiva Futebol, futebol de salão Feminino	Futebol Vôlei	

Fonte:SME

Anexo 10 – Autorização**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a divulgação de fotografias, vídeos, entrevistas e observações das aulas e dos eventos que participo como colaborador da pesquisa “A comunicação entre crianças, pais e treinadores nas aulas e nos eventos esportivos, de uma escolinha esportiva de basquetebol”, desde que sejam para fins de estudos e pesquisas.

(nome e assinatura do colaborador)

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Anexo 11 – Fotos do Estudo



Foto 1 – Sorteio para ingresso na escolinha



Foto 2 – Aula ao ar livre



Foto 3 – Espaço do ginásio



Foto 4 – Evento esportivo



Foto 5 – A família: irmã, avó e mãe

